

FATOS E NOTAS

AS CARTAS E VIAGENS DE VESPÚCIO, SEGUNDO MAGNAGHI (*)

I

MUNDUS NOVUS, A "LETTERA" E A PRIMEIRA VIAGEM.

Temos tratado já de *Amerigo Vespucci*, em *América la bien llamada* e *El Nuevo Mundo* (1), expressando, em ambos os trabalhos, nosso dissentimento com o conceito anti-histórico do livro e suas conclusões. Abrímo-lo sem pensar, um momento sequer, que a tese pudesse prejudicar a história americana e Vespúcio. Contávamos, ao contrário, encontrar nela, pela sua data de 1924, uma réplica às iniquidades propaladas em 1923 contra o florentino e os nautas espanhóis e italianos por Duarte Leite e Malheiro Dias, na *História da Colonização do Brasil* (2). Eles negavam suas viagens, ou limitavam seu alcance, denigriam sua personalidade, e reduziam a zero seu saber de cosmógrafo, de astrônomo e de nauta. Magnaghi nos desiludiu: longe de representar a esperada defesa, configura uma grave obstrução no conhecimento de Vespúcio. Prescinde desses predecessores, e, pelos seus indevidos silêncios, resulta derrotista como eles. Não faz polêmica, alude a *odiose e stupide accuse*, mas cala os autores; pior que isso, para aplacar sua fúria e salvar a Vespúcio de agressões futuras, estende-lhes um ramo de oliveira; reduz as quatro viagens do florentino a duas, e as seis cartas a três!

Usa, no decorrer da sua obra, de suspeitas triviais, de negações tendenciosas e de asseverações infundadas. Põe de lado o autêntico sem provas, fabrica razões com sua dialética, e dessa maneira esquarteja a história. Em suas mãos, Vespúcio parece um mito, como Ulisses ou Teseu, e, no intento de mantê-lo amparado, tanto se lhe dá atribuir-lhe duas ou quatro viagens, duas ou seis cartas: o essencial é que permaneça coberto de glória, indiscutido, entre os grandes. Esquece, porém, ao diminuir assim o valor do nauta, que este tem dado direitos legítimos ao continente para reivindicá-lo como descobridor e padrinho. Não é tolerável.

(*) — Texto traduzido do espanhol por Ilydio Burgos Lopes.

(1). — Alberto Magnaghi, 2 vol. 1924 — *Am. I. B. II.* 2 vol. Kraft. Bs. Aires, 1948. *El N. Mundo* Ed. Nova, Bs. Aires, 1951.

(2). — Pôrto, 1923, 3 vol.

pois, que cerceie nele, a seu capricho, façanhas de hispanos e lusitanos, e falseie as origens da América. Ele, em troca, parte de um conceito irrevogável: não existe neste problema segurança alguma, pode fazer-se qualquer coisa... e assim exprime seu ceticismo:

“intorno al Vespucci tutto si e detto, tutto si e osato! sia lecito compieri un altro tentativo, una specie di operazioni non ancora immaginata”.

Revela, em seguida, o modo de realizá-la, exclamando:

“Ora io volli domandarmi se questo sistema prevalso sin qui, di considerare come apócrife le lettere al Medici solo perchè non vanno d'accordo soprattutto con la *Lettera* al Soderini non potesse invece essere sostituito dal sistema opposto: perchè non dovrebbero essere apocrife le lettere stampata così pieni di errori e di così dubbia interpretazione, e autentiche invece le lettere mss, che si presentano il Vespucci sotto assai miglior luce?” (Vol. I, pág. 43).

A transferência da notação “apócrifas”, das três cartas manuscritas para as impressas se faz *ipso-facto*, mas convém recordar que, se grandes críticos, como Varnhagen, HARRISSE, FISKE e VIGNAUD (3) julgaram falsas as primeiras, não foi porque estas não coincidiam com o conteúdo da *Lettera*, mas porque o primeiro citado fez em Florença um estudo paleográfico deficiente das ditas cartas, e julgou-as apócrifas, transmitindo aos demais esta crença. Não foi “sistema”. Este termo não é aplicável a historiadores escrupulosos como os nomeados. Ao notarem certas contradições entre os documentos, inclinaram-se em favor das cartas impressas, não partindo delas para criar antagonismos entre umas e outras. Magnaghi inventa grupos irreconciliáveis, perguntando:

“...se come dovrebbe subito apparir logico, il Vespucci e autore diretto di un sol gruppo di documenti, quali di questi e autentico e quelle apócrifo?”

Mas no caso não existem *dois* grupos, e sim um total de seis cartas de Vespúcio; e assim como não há motivo para pensar que as impressas sejam mais autênticas do que as manuscritas, tão pouco deve prevalecer a crença de que as variações entre elas procedem da origem espúria de uma e da pureza das outras. É arbitrário, hoje, dividir pela “lógica” êsses documentos em dois bandos opostos, e mais ainda deduzir dessa medida absurda que Vespúcio tenha sido autor de um dêles, e não de ambos. O ponto de partida, pois, é falso, e não corresponde à realidade. Passa-

(3). — Veja-se Am. I. b. II. “La autencidad de las cartas”, Vol. II, pág. 273 e seguintes.

mos em revista as manuscritas e a letra do florentino, desde 1476 até 1509, ou seja, dos seus 22 anos aos 55, e êsse estudo nos levou a considerar autógrafa a carta de 18 de julho de 1500, e, de acôrdo com seu conteúdo, fidedignas as que, no comêço de século XVI, Vaglienti copiou, perdendo-se os originaes, como aconteceu com o primitivo texto manuscrito das cartas impressas (4).

Os críticos manifestaram, em geral, a sua fé nestas últimas, por acharem uma garantia ininterrupta de autencidade em suas inúmeras edições, jamais postas em dúvida por historiadores dignos dêsse nome. O êrro de alguns foi crerem no juízo errôneo de Varnhagen, sôbre as manuscritas. Quanto ao Autor, antes de ter feito prova ou demonstração de verdades, já percutte o gongo da fantasia, e nos mimoseia com esta estrepitosa bravata:

“gli unici e veri documenti autentici sono le lettere a Lorenzo di Pier Francesco de Medici; il *Mundus Novus* e la lettera a Soderini, sono da capo a fondo delle semplici falsificazioni nelle quali nulla ebbe a che faie il Vespucci (Vol. I, pág. 43).

Espera persuadir ao leitor com sua exuberante acumulação de indícios. O fato é que em caso algum êle aduz *provas*; não conta com novas fontes, mas de argumentos extras, *argúcias*, e o mais será apenas impugnar até o extravagante, para envolver pessoas, ditos e fatos, em suspicácia digna de um romance policial. A “operação ainda não imaginada” consiste em amputar. Pergunta êle:

“se allo stato attuale non fosse il caso di dare al lavoro che anchora rimano da compiere intorno al Vespucci quel carattere e quello scopo que ci si propone quando si vuol restituire un edificio storico al suo aspetto primitivo, liberandolo da tutte quelle soprastrutture quelle costruzioni laterali, quegli adattamenti che nel corso dei secoli furono aggiuntú sia per renderlo piu ampio, sia per abbellirlo in corrispondenza col gusto dell'epoca; puo essere che, demolite questo parto, si retrovino le linee originarie, e che l'edificio ci venga restituito, se non nei particolari, almeno in quello che dovette essere il suo carattere fondamentale. Intorno al Vespucci bisogna demolire, ridurre senza riguardi, senza rispetto a tradizioni, ad autorita che durano ormai da troppo tempo” (Vol. I, pág. 40).

O Autor definiu exatamente seu propósito: demolir; e o leitor observará que, se êle alude ao que há de conservar e ao que há de excluir da história, não menciona, em momento algum, a palavra “provas”. Proclama, com tóda a franqueza, que suas decisões dependerão da sua vontade, e desta maneira afasta-se do científico, e aproxima-se do diplomático, com a idéia de pôr fim à po-

(4). — *El N. M.*, pág. 59 e seguintes. A carta de 18 de julho de 1500 está integralmente reproduzida em *fac-simile*. *Am. I. b. II*. Vol. I, pág. 255 e seguintes.

sição, que considera crítica, de Vespúcio. Tudo quanto causa essa situação, o que motiva os desgostos com os iberos — pois a isso êle se refere — será preciso suprimí-lo. *Bisogna demolire*, alcançar uma solução racional e pacificadora. Sabe que sua solução será acomodaticia, e não a verdade; sabe também que não procederá de evidências, mas passa por cima de uma ética, que provavelmente julga antiquada e incômoda, conquanto que ponha fim à controvérsia que há séculos lança contra Vespúcio os seus adversários. Tal método pode ser política merecedora do Prêmio Nobel da Paz, mas não é história.

Iremos verificando como, para o Autor, uma criação do engenho vale tanto quanto a apresentação de uma prova. Por isso usa de dialética a todo vapor, e sem freios. Graças a êsse *mezzo* espera chegar à finalidade proposta. Um forte espírito de contradição o estimula. Os predecessores tinham por autênticas as cartas impressas. Êle sustentará que essas eram falsas, e as manuscritas, autênticas:

“E allora — dice — mi venne in mente di probare a rovesciare i termini della questione, di vedere cioè se, per avventura, non si dovessero considerare come apocrifi i docc. a stampa, e autentiche invece le sole lettere fiorentine”.

Desejamos assinalar êsse *per avventura*, pois destaca o caráter efetivamente aventureiro da iniciativa. Era partir do desconhecido em direção ao acaso, numa tentativa digna do Quixote. Que sairia de tudo isto, tão improvisado? Num momento o paradoxo envolve o seu autor:

“Mi convinsi ben presto... — sem novas provas — e con mia grande soddisfazione, che questa doveva essere la via buona e che il Navigatore fiorentino, sebbene autore di due soli viaggi ci sarebbe apparso finalmente in tutta la sua gloria luminosa, e tale de presentarsi alla pari con i piu grande navigatori d'ogni tempo” (5).

Com superlativos êle se incha de grandiloquência e de otimismo. Percebe-se desde o primeiro capítulo que está disposto a restituir ao edifício vespuciano sua forma primitiva, ou a que êle julga primitiva, reduzida como a Porciúncula, para com essa esclerose comover os inimigos e obter pacífica aquiescência. Seu ímpeto é agredir o monumento, diminuindo-o na altura e largura, para que ofereça menos alvo a essa hostilidade. Para êsse fim, faz explodir, de início, as duas grandes tórres da entrada, que davam ao conjunto o seu esplendor: *Mundus Novus* e a *Lettera*.

(5.) — Alberto Magnaghi, *Una supposta lettera inédita de Amerigo Vespucci sopra il suo terzo viaggio*. Bollettino della Real Società Geográfica Italiana — Ag. Set. 1937. Ambas as frases, na pág. 593.

Mas o templo é ainda muito largo, e resolve cortar-lhe as alas: a primeira e a quarta viagens. Restam duas viagens e três cartas.

E' justo reconhecer ao autor uma originalidade: antes dêle, ninguém havia imaginado tratar a obra de Vespúcio como corpo de cal e tijolo. Julga êle que, livrando ao florentino da responsabilidade do *Mundus Novus* e da *Lettera* obterá:

“Io scopo di eliminare intorno alla sua figura tutto cio che magari allo scopi di ingrandirlo non e riuscito sin qui che esporlo ai giudizi piu divergenti, e in prevalenza severi e partigiani” (Vol. I, pág. 47).

Este afã depurador revela elogiáveis sentimentos, que também não pertencem à história. De qualquer maneira, a Vespúcio não fazia falta tão dedicado anjo da guarda. Outra coisa não fêz, através dos séculos, senão crescer, apesar da guerra de seus adversários seculares, e apesar das inépcias dos seus próprios partidários.

Uma dialética que vise a qualquer fim alheio à história, outra coisa não faz, com o tempo, senão entrar o seu passo, como um caminhão quebrado no meio do caminho. Antes era útil; agora é um obstáculo. Hegel e Goethe conversaram uma vez sobre seus perigos. Eckermann, em seus *Colóquios com Goethe* (6) o regista:

“Na realidade — disse Hegel — não é outra coisa senão o espírito de contradição inato em cada homem, submetido a regras, e metódicamente cultivado. A grandeza dêsse dom manifesta-se na distinção entre o veraz e o falso”.

— Contanto — insinuou Goethe — que tal arte e tal agilidade de espírito não se transforme, muito amiúde, em abusos, e que não seja empregada para fazer passar o falso por verdadeiro e o verdadeiro por falso!

— Ai! — replicou Hegel — isso ocorre, mas apenas entre os indivíduos que não tem espírito são”.

No que se refere ao tema, caberia acrescentar o que, naqueles mesmos anos, escrevia outro alemão, Alexandre de Humboldt: “Em história é preferível não tentar explicar tudo”.

Limitamo-nos a citar estas máximas. O leitor julgará logo se êstes grandes homens tinham razão, ou não.

I. — ELIMINAÇÃO DE *MUNDUS NOVUS* POR APÓCRIFA.

A ordem do trabalho que estamos comentando poderia ser cronológica; teria sido racional começar com a primeira carta e a primeira viagem, antes de passar às seguintes. Isto, porém, teria sido

(6). — Edição francesa, 2 vol. Paris, 1930. Vol. II, pág. 349.

seguir a tradição, de maneira que o trabalho se inicia com o que o autor se propõe eliminar. Bastam cinquenta das suas paginazinhas de 240 palavras para liquidar uma carta tida e havida por autêntica desde séculos, deslocando-a do grupo das autênticas para passá-la a um bando de falsificadores florentinos! Como se estivesse diante de uma assistência de aldeia, esforça-se por impressionar logo de início. O Capítulo I é de generalidades; o II refere-se a *Mundus Novus*, e, como se tivesse na boca uma corneta, êle apregoa:

“Provare ch’essa e apocrifa, e che non è altro se non un’amplificazione di una delle lettere mss. a Lorenzo di Pier F. de Medidi compiuta de un anonimo” (Vol. I, pág. 49).

E’ exatamente uma fanfarronada, pois não cumprirá o que promete.

Começaremos pelos ingredientes menores da argumentação.

Vespúcio, no final do *Mundus Novus*, informa ao Medici que essa carta foi traduzida da língua espanhola para a romana, mas o texto latino diz: *Ex italica in latinam linguam Iocundus interpres hanc epistolam vertit*. Parece contradição, se bem que ambas as possibilidades caibam numa pessoa que conhecesse o espanhol, o italiano e o latim. Mas não é este o ponto. Sempre se julgou que esta frase atribui a tradução a um intérprete chamado Giocondo. Poderia ser Giuliano di Bartolomeo del Giocondo, que foi buscar o florentino em Sevilha, para convidá-lo, da parte do Rei de Portugal, a que partisse de Lisboa na terceira viagem. Vespúcio é quem proporciona esta indicação, no comêço do terceiro relato da *Lettera*, e tanto Bandini quanto Humboldt foram dêsse parecer. Por outro lado, um membro do Ginásio de San Dié, Guilherme Lud, que tomou parte na publicação da *Cosmographia Introductio*, e da *Quattuor Navigationes*, indica por seu tradutor Frei Giovanni del Giocondo, famoso arquiteto veronês, que morou em Paris de 1499 a 1507. Tal reconhecimento é garantia, entre outras muitas, a favor de *Mundus Novus*, e por isso o autor reage assim:

“A me sembra invece che Iocundus non designi nessuna persona, ma possa piuttosto essere un aggettivo — un piacevole, un dilettevole interprete” (Vol. I, pág. 62).

Os Medicis conheciam os florentinos que viviam em Lisboa e Sevilha, pois com êles se correspondiam, e disso ficaram numerosos registros. Vespúcio, ao comunicar a Lourenço o nome do tradutor da carta para o latim, deixava qualificada a versão. Tinha sentido, mas, que assombro não teria sido o seu, se ao final dessa carta de tanta importância, que lhe dava conta de nada menos que o descobrimento de um novo mundo, saísse Vespúcio aludindo, sem

nomeá-lo, a um jovial intérprete!... Semelhante inépcia não poderia ter ocorrido nem ao falsário que imagina. Mas é este o método que o Autor seguirá, no seu intento de despojar do seu verdadeiro sentido as garantias de autenticidade das cartas.

Mundus Novus nos comove, quando a lemos lembrando-nos de que foi revelação sem precedente para o mundo. Isto não obsta a que sustente que um homem dos méritos de Giocondo não poderia jamais *sottoscrivere al racconto di quel cumulo di errori, di ingenuità, di millanteria che infestano il Mundus Novus*... Após a averbação de apócrifa, e para o caso de que esta não fôsse suficiente e não convencesse a todos, larga-se a desacreditar o conteúdo, e aproveita qualquer errata, erigindo-a em indício de falsidade. Vespúcio começa assim a descrição da viagem: "Navegamos vinte meses continuamente para o meio-dia". Salta aos olhos que há aqui um *lapsus*. Vinte meses de rumo contínuo ao sul faria a esquadra atravessar a terra antártica, até dar, do outro lado, com a Nova Zelândia ou as Ilhas Salomão!!! E', pois, evidente, que o nauta não escreveu vinte meses, o que se prova assim: aos catorze dias do mês de maio saiu de Lisboa, e escreveu ao Medici a 4 de junho, de Cabo Verde; com êstes dados se faz a conta: 16 dias de maio, mais 4 dias de junho, totalizam 20. Basta, pois, substituir "meses" por "dias" para atinar com a verdade, e o Autor teria assim excusado de dar uma nova prova de sua malícia.

Frase por frase, tudo é qualificado de pueril, absurdo, ingênuo, inverossímil, falso ou pretensioso, provém de ampliações do falsário, e é destinado a recheiar o que este tirou da carta de Lisboa, de 1502. Pelo fato de querer incutir no leitor a convicção de que *Mundus Novus*, publicada em 1503-1504 pela vez primeira, é um mero derivado da carta de Lisboa só descoberta e editada em 1789, pretende que de trecho em trecho o *extensore* acrescenta *qualche leggera sostituzione di cifre per mostrar forse che si seguiva una fonte independente*. Mas, para que essa independência de fontes para o público, se ninguém, senão o Medici, conhecia a carta de Lisboa? O autor da mistificação, que pelo visto teria, segundo o Autor, conhecimento de peças que eram e continuarão por séculos inéditas, teria inventado também a descrição de uma tempestade, e insistido em certas particularidades físicas dos indígenas, o que não deixa de ser pueril. Buscando, por fim, o modo de dar uma explicação plausível à idéia de inventar uma carta como *Mundus Novus* e assiná-la Vespúcio, lança mão de recursos de colegial, alegando, primeiro, que era por lucro, e depois que era para "aumentar a ressonância do nome de Vespúcio". Como se este fôsse um menor de idade, ou um mentecapto que necessitasse de outros mais patriotas e mais argutos do que êle, para escrever em forma gloriosa o que êle, antes que ninguém, tinha visto e pensado. Quanto ao título de *Mundus Novus*, não

seria a definição sintética do que havia sido descoberto desde Colombo até Vespúcio; seria, segundo o Autor, simples lembrança do mistificador para chamar a atenção para o escrito inventado! Mandeville fica de novo eclipsado com *un Titolo che doveva immediatamente colpire l'attenzione*. ... inventado por *qualche fiorentino piú o meno avveduto*. . . (Vol. I, pág. 97). Para êle, tudo que não seja recheio *segui semplicemente e si attiene al contenuto della lettera Bartolozzi. Nessuna modificazione di rilievo*. . . Este é o ataque a fundo, e a maior das falsidades. Para o caso de que o leitor não tenha à mão a carta de Lisboa de 1502, e *Mundus Novus* resumimos aqui os temas de cada uma delas, indicando sua extensão relativa. Assim poderá comprovar a impossibilidade de que uma carta de 12 páginas e meia proceda de uma anterior, de apenas 5 páginas e meia de texto (7).

Carta de Lisboa 1502: Descrição da viagem desde Cabo Verde até além da linha equinocial, escalando numa terra nova que julgaram "terra firme". Não menciona a data da chegada. Ao largo dessa costa percorreram cerca de 800 léguas por SSO até 50° austrais, sendo a extensão por êles navegada a quarta parte da circunferência do globo: são 37 linhas. Segue-se a explicação de terra, dos habitantes, animais, plantas, casas, árvores e flores: 21 linhas. Passa a seguir aos homens, mulheres, seus costumes e crenças, modo de viver: 87 linhas. Diz que é terra amena, temperada e saudável, e que em 10 meses nenhum dêles adoeceu: 8 linhas. Porque não iam em busca de proveito, senão para descobrir, só examinaram os produtos, as madeiras e as drogas: 17 linhas. Que o céu é sereno e as estrelas claras, e que escrevia de Lisboa, esperando o que o Rei determinasse: 11 linhas. Total, 181 linhas, que ocupam 5 páginas e meia.

Mundus Novus confirma a carta anterior sôbre êsses novos países, com estas palavras nunca antes pronunciadas: "aos quais nos é lícito chamar novo mundo, porque em tempos de nossos maiores de nenhum daqueles se teve conhecimento". Anuncia ter descoberto um continente mais habitado que a Europa, Ásia ou África. Novo Mundo e Continente são usados pela primeira vez na história neste documento: são 22 linhas. Passa depois a referir sua navegação, as dificuldades que tiveram no mar, e o tempo que demoraram, mencionando também, pela vez primeira, a data de 7 de agosto de 1501, em que surgiram nas costas e conheceram "que aquela terra não era ilha, senão continente". 49 linhas. Explica que seguiram o litoral cerca de 600 léguas, e tão longo tempo navegaram que, passado o trópico de Capricórnio, encontraram o Polo Antártico em seu horizonte mais alto 50°: 45 linhas. Descreve a natureza e os costumes da gente, 93 linhas. Pondera a ferti-

(7). — *El Nuevo Mundo*. Cartas de Vespúcio em italiano, castelhano e inglês. Com prólogo por R. Levillier. Editorial Nova. Bs. Aires, 1951. *Mundus Novus*, pág. 171 a 195. *Carta de Lisboa 1502*, pág. 143 a 153.

lidade da terra e alude a grandíssimos rios, abstenendo-se, todavia, de nomear algum, e alude às árvores, ervas e raízes, assim como aos papagaios e demais pássaros, 33 linhas. Descreve as estrelas do Polo Antártico, o Cruzeiro do Sul e um Triângulo Austral, 43 linhas. Explica a seguir a forma da *Quarta parte de la terra retrovata* com um triângulo, em que mostra a posição dos habitantes do mundo austral com relação aos da Europa, 20 linhas. Chama sua carta *terzo di* porque era a terceira navegação sua, depois das duas feitas para o Rei de Espanha, em direção do ocidente. Anuncia que prepara um livro diário, no qual anota suas observações, 21 linhas. Pede desculpas ao Medici por não haver escrito antes essa relação minuciosa, advertindo que pensava numa quarta travessia, tendo já a promessa de duas naves, 14 linhas. Assinala Giocondo como tradutor da epístola, 8 linhas. Total, 448 linhas em 12 páginas e meia.

Mundus Novus não se atém ao conteúdo da carta de Lisboa; salta à vista que a supera com suas revelações cosmográficas, siderais e de continentalidade, muitas inexistentes e outras mencionadas mais brevemente na anterior. Do princípio ao fim, tem o sabor de intensa autenticidade, de coisas sofridas, ouvidas, vistas e pensadas. Está tão cheia do assombro e do encanto que penetraram Vespúcio diante da visão de um Novo Mundo, que essa emoção se reflete nas suas palavras, e isto é inimitável. Ninguém, que não houvesse estado nesses mares, podia dizer o que disse em suas semanas de andar à deriva, sob um céu que pela primeira vez descreve. É o primeiro a dar a conhecer que as estrelas austrais eram mais brilhantes do que as do Hemisfério Norte, e essa observação é exata (8). Carta com tal conteúdo não pode ser invenção. Sustentar que foi fabricada por um florentino, que teria acesso às cartas de Vespúcio, e publicada sem que este jamais o descobrisse, é mais do que se pode ouvir sem um indignado protesto pela estupidez que o Autor supõe no leitor.

Os críticos que se obstinam em lançar o florentino no rumo SSE desde 32° de latitude, contra o que dizem as duas cartas mencionadas, fazem finca-pé no fato de que, se êle passou pelo Rio da Prata deixou de mencioná-lo, o que lhes parece inverossímil; esquecem, porém, que o fez, provavelmente, por ordem real, pois em nenhuma das cartas em que relata viagens por conta de Espanha ou Portugal menciona nomes de rios, e apenas uma vez o Cabo de Santo Agostinho e a Baía de Todos os Santos. Este silêncio acêrca do Rio da Prata tinha outra razão de ser: ocultava a intromissão da esquadra portuguesa em águas de jurisdição castelhana, e é assim que se deve interpretar, dado que o nome Jordão, presente nos mapas da viagem, Kunstmann II, Cavério, Ruysch e os Waldseemüller, certifica que *Mundus Novus* e a carta de Lisboa 1052 têm

(8). — "Una expresion numerica de la superioridad del cielo austral sobre el boreal" por Berhard Dawson, na *Revista Astronomica*. La Plata, outubro de 1935.

razão quando afirmam que Vespúcio chegou seguindo a costa, ou seja por SSO, até 50° de latitude, estando Jordão, isto é, o Rio da Prata, em 35° e o rio Cananor dos mesmos mapas por 45°. Temos por certo que, precisamente o ter descido tão ao Sul, beirando a costa até Cananor, foi o que inspirou a Vespúcio a verdade de que se achava diante de um novo mundo, e lhe ditou o termo exactíssimo que pôs por título na sua carta. Ademais, quantos detalhes humanos há nela, quantos pequenos fatos, entre revelações de imensa importância, corroboradas mais tarde por nautas, astrônomos, cosmógrafos, etnólogos e geógrafos, tudo captado por êle pela primeira vez. Ler essa carta constitui a melhor persuasão, a maior garantia da autenticidade da viagem, do pensamento e da carta. Ninguém poderia atingir tal síntese, sem a sabedoria que procede do que é presenciado, com seus cálculos e medidas.

O Autor para tirar a importância da *Mundus Novus*, apresenta ao leitor um cotêjo entre ela e a carta de Lisboa de 1502, no qual, astutamente, escolhe aquilo que é análogo, e suprime o que, por ser único e revelador, destruiu seu engano (9). Restabelecendo-se a integridade dos textos, revela-se a escamoteação, como sói acontecer nos processos em que uma das partes consegue provar o dolo das testemunhas contrárias. Apenas a expressão *Quarta parte de la Terra retrovata* basta para esclarecer e colocar o leitor, pela primeira vez, em contacto com a obra de Deus, por fim conhecida graças a Vespúcio e a essa carta, em sua exacta magnitude.

Como é natural, foi para os homens sensíveis e sensatos, particularmente para os sábios, uma luz que deve tê-los enchido de assombro. A mensagem do florentino significava um inesperado enriquecimento da terra. A êsse fato, naturalmente julgado prodigioso, se devem, desde 1503, as edições latinas, italianas, holandesas, alemãs e francesas de *Mundus Novus*, — título que foi um verdadeiro achado — em Paris, em Augusburgo, em Florença, em Estrasburgo, Nuremberg, Leipzig, Dresde, Antuérpia; os *Paesi Novamente Retrovati* de Montalboddo, em suas quatro edições de Milão e Veneza; os *Itinerarium Portugalsium* de Madrignano; tudo isto, de enorme ressonância, em vida do próprio Vespúcio, Piloto-Mor de Espanha entre 1508 e 1512. Nem a mais fecunda imaginação, nem a carta de Lisboa 1502, nem sequer o trato com marujos que houvessem estado na viagem, poderiam fornecer material, a quem quer que fôsse, para tão esplêndida revelação, com suas conseqüências lógicas.

O Autor não menciona uma só vez os conceitos capitais de continentalidade, que há nesta carta de Vespúcio: queimam-lhe os dedos, e êle os cala por vergonha. Mas não se matam idéias,

(9). — Vol. I, pág. 80 a 94. Vejam-se os comentários em *América la bien llamada*, Vol. II, pág. 80 a 94 e *El N. M.*, pág. 87.

nem com o silêncio. Estamos longe dos brados iniciais, tão levemente lançados:

il "Mundus Novus" e la "Lettera" a Soderini sono da capo a fondo delle semplici falsificazioni nelle quali nulla ebbe a che fare il Vespucci... ou, a respeito da primeira, che non é altro se non un'amplificazione... compiuta da un anonimo. Mas adiante acrescenta: a nessuno dei critici del Vespucci venne in mente di pensare che il M. N. fosse calcato sopra la lettera Bartolozzi... che l'an. interpretes copiò trasformando qua a là a modo suo, rimpinzandola di elementi fantastici... pero sempre una ben misera cosa... (Vol. I, pág. 78 e 79).

Ninguém, realmente, imaginou semelhante disparate, tal contradição com a realidade visível. Para que o Autor pudesse provar a falsidade desta peça de tão consolidada fama, necessitaria de muito mais que sua dialética, e muito menos que as 49 paginazinhas usadas no seu Capítulo II: uma prova, um indício apenas de evidência; por exemplo, o protesto de uma testemunha da época, documentando que Vespúcio não era o autor; uma peça fidedigna sustentando e provando com álibis que sua viagem não foi possível; ou uma troca de notícias entre sábios, das quais se pudessem deduzir acusações contra o escrito do florentino ou contra o florentino, e a favor de que verdadeiramente fôsse autor de uma carta sua de falsa atribuição; enfim, qualquer vestígio honesto com que se pudesse ao menos desconfiar da tradição.

Que é que o Autor apresenta? Um cotêjo de duas cartas, elaborado pelo avesso; um cúmulo de suspeitas e insídias extravagantes; suposições imediatamente transformadas em assertivas, com um método capcioso de interpretar, que o simples bom senso pulveriza. Nada resta da sua jactância de aniquilar a *Mundus Novus*, e estamos apenas no começo do nosso labor, pois no final dessa primeira parte anuncia que há de fazer *un altro tentativo, una specie di operazione non ancora immaginata*: é a eliminação da *Lettera*.

II. — EXCLUSÃO DA LETTERA E DE QUATTUOR NAVIGATIONES.

Se é insensato averbar de apócrifo o *Mundus Novus*, diante das inúmeras testemunhas que, no seu tempo, dêle tiveram conhecimento e o consagraram, em múltiplas cidades e edições, como fidedigna e admirável fonte histórica, não é menos infantil apelar para o mesmo recurso, com o fito de repudiar a *Lettera* e seu texto latino. Pelo contrário, por certos motivos, é mais temerário. Todavia, a isso se atreve o Autor, porque, uma vez cruzado o Rubicão, não importa aumentar os riscos. Se para êle *Mundus Novus* é apenas uma falsificação da carta de Lisboa 1502, e a *Lettera* uma tradução quase literal daquela, sair à pesca de novas

inverossimilhanças, análogas às que sua imaginação já engendrou ao roer a primeira, será brincadeira de criança para este dialético, resolvido, como está, a redimir a fama de Vespúcio com apenas duas viagens e duas cartas. Por mais que se ampute, alega com petulância, *rimarra sempre quel che basta a stabilire, direi a fissar più saldamente la sua gloria*. Esta convicção dá-lhe coragem para saquear a obra de Vespúcio, como se estivesse talando um bosque; não o assusta cortar pelo são; já avisou que se trata de uma operação ainda não imaginada, e prometeu que, ao abrir tais buracos, não causará dano algum. “Isto está para ver-se”, soía dizer São Tomé.

a). — A *Lettera*.

O florentino que, segundo o Autor, utilizou, na sua cidade natal, a então desconhecida carta de 1502 para fabricar *Mundus Novus*, é o mesmo anônimo a quem êle atribui também a fabricação da *Lettera*. Logo, e como de um louco se fazem cem, surgirão, por geração espontânea, outros para a *Quattuor Navigationes*.

“Lo stesso personaggio o più probabilmente qualcuno que credette d'essere ancor più accorto, pensò poco dopo di far le cose ancora più in grande: mosso fors'anche dall'intenzione di mostrare che anche Firenze aveva il suo grande navigatore, foggìo una relazione comprendente quattro viaggi, quanti erano stati quelli di Colombo, e così nacque la famosa *Lettera* al Soderini” (Vol. I, pág. 97).

Estamos em plena história romanceada. Ao Autor falecem antecedentes históricos; tudo é imaginário. Será o falsário da *Lettera* o mesmo de *Mundus Novus*? Será outro? Para êle, tanto se lhe dá. Mais inverossímil é que tenha havido dois e não um, e como prefere o inverossímil, resolve que outro *probabilmente* o fêz. Graduando as provas, como nos espetáculos bem dirigidos, pretende agora penetrar no espírito dêsse trampolineiro e explicar “porque” o quis fazer. E' muito natural, pois como não há de poder desmontar o mecanismo de um personagem que êle mesmo criou?!

“mi sembra non sia troppo arrischiata l'ipotesi che un fiorentino abbia voluto contraporre ai 4 viaggi del grande genovese, i 4 viaggi del suo connazionale” (Vol. I, pág. 200).

O *mi sembra* e o caráter de hipótese são excepcionais. Como regra geral, afirma. Temos em mãos um caso. A edição italiana da *Lettera* a Soderini foi publicada em Florença, sem indicação de lugar, destinatário ou data. E' um pormenor. Por que? Ignora-se. Bastam estas circunstâncias para que o Autor examine os

motivos imagináveis, com o fim de adotar o que mais convém a seus propósitos. Começa por uma suspeita:

“se a Firenze era realmente pervenuta questa lettera, e se era stata diretta al Soderini, perchè tanto mistero e perchè si tace il nome del destinatario?” (Vol. I, pág. 125).

A pergunta foi feita para a resposta adrede preparada, e em seguida vem a afirmação arbitrária:

“Perchè la *Lettera* fu inventata di sana pianta, e non si osò, ma si volle solo lasciar supporre, che fosse diretta al Gonfaloniere per darle maggior credito: qualche copista poi avrà, como suol dirsi, abbocato e non avrà esitato, per conto suo, a crederla autentica e a scrivere il nome, già così trasparente, del personaggio al quale appariva destinata” (Vol. I, pág. 125).

E' mais inverossímil supor que, em tempos de govêrno autocrático, depois de ter êste passado, violentamente, das mãos dos Medicis para as de Soderini, ousasse qualquer editor responsável provocar as iras da nova autoridade, publicando uma carta a ela dirigida e assinada por Vespúcio, sabendo, por meio de quem lha trazia a Florença, que era uma burla. Essa carta teria sido editada por Pietro Pacini, com Gian Stefano di Carlo di Pavia, na “certeza” de que era do florentino e estava dirigida a Soderini. Estaria igualmente nos costumes do tempo o requerer o consentimento dêste gonfaloneiro. De pouca importância é a questão da falta de lugar e dia no opúsculo impresso. Muitas razões podem ter existido para isso, mas o Autor insiste na trivialidade de que o falsário deu a Florença quatro viagens, tantas quantas Gênova apresentava.

“foggiando con elementi tratti dalle lettere al Medici una relazione di quattro viaggi, mentre in realtà queste ne descrivono solo due: egli copiò, tagliò, aggiunse, inventò senza scrupoli, e infine, forse per un pudico riserbo, pubblicò il documento così preparato, sine loco et die” (Vol. I, pág. 198).

A falta de lugar e data já não é a prova da falsidade da carta: é o resultado de um ataque de “pudor” do falsário. E' difícil ler semelhante exorbitância sem rir. Brotam a cada momento, nesta crítica alambicada, com aparente exaltação na busca da verdade, contradições burlescas e soluções irrisórias.

Que motivos teria Soderini para apresentar a carta na forma conhecida? Quem o sabe, e que importa? Carecemos de qualquer dado seguro, mas menos espetacular que êsse conto do falsário; é de presumir que assim se fêz para não divulgar entre o público sua intimidade com um florentino muito ligado aos Medicis. Quanto

a Vespúcio, sua família foi sempre vinculada a êstes mecenas, banqueiros e políticos; assim, tendo falecido seu patrono, Lorenzo di Pier Francesco, em maio de 1503, era normal que desse a conhecer ao seu antigo condiscípulo, atual chefe da pátria, o curso da sua carreira e das suas quatro grandes viagens.

Um dos mistérios da *Lettera* é a divergência de alguns dos seus relatos com os que enviara anteriormente. Em sua carta de 1500, narrava uma viagem de 1499; na *Lettera*, esta viagem é precedida por outra, de 1497; a de 1499 ocupa o segundo lugar. Suas comunicações de Cabo Verde e de Lisboa, em 1502, e *Mundus Novus*, referem-se tôdas à terceira viagem; a *Lettera* descreve quatro viagens. De nenhuma das anteriores, nem sequer de tôdas juntas, podia ter saído um conjunto tão amplo. Nele o florentino sintetiza sua obra a serviço de Espanha e Portugal. Nada mais humano e plausível, mas o Autor assumiu o compromisso de salvar a fama de Vespúcio, e por via de consequência, para torpedear a *Lettera* e destruí-la, e sobretudo para escarnecer da primeira viagem, que por sua data trouxe tantas hostilidades injustificadas ao florentino, deve virar tudo pelo avesso. A necessidade de suprimi-la inspira-lhe esta diatribe:

“Come è possibile che, dopo aver scritto al Medici lettere in forma modesta e familiare, che bastavano già a dargli rinomanza fra i suoi compatrioti, scrivesse tutto al un tratto, e senza aggiungere nulla di più, quanto ai dati positivi dei suoi viaggi, una lettera al Soderini così aconclusionata e piena d'imposture che avrebbe d'un colpo oscurato il suo nome e l'avrebbe messo alla pari con Giovanni de Mandeville, che rimase il tipo del viaggiatore buggiardo e spaccone?” (Vol. I, pág. 198).

Sobressai a verdade histórica, que, enquanto não se demonstrar o contrário, e ninguém o fêz, consiste em quatro viagens, duas das quais, antes desconhecidas, foram reveladas pela *Lettera*. E' possível sustentar, sem atentar contra a verdade, que essa carta “nada acrescentava aos dados positivos de suas viagens”? Como o Autor crê que chicanas e evasivas autorizam conclusões, lança esta sentença sôbre *Mundus Novus* e a *Lettera*. Nela já nada resta do *mi sembra* anterior; agora afirma, de modo prepotente, que:

“l'uno è una copia, infarcita di amplificazioni e di riempitivi inconcludenti, della lettera in italiano al Medici; e l'altro un racconto con date falsificate ed episodi inventati” (Vol. II, pág. 185).

As vêzes, dá a vida a impressão de um sonho, tão impreciso é o desenrolar dos fatos, e tão indefinida a linha divisória entre o fabuloso e o plausível. Enquanto dura a miragem, vive o iluso num mundo irreal, como se fôra verdadeiro. Revestiu-se de armadura um cavaleiro, empunhou a lança e saiu a salvar uma fama, dei-

xando na aldeia, ao partir, raciocínio, temperança e sensatez. Proteger o compatriota custará sacrifícios; não importa. Adiante com a novíssima aventura! Assim como já abateu, na sua mente enfebrecida, a *Mundus Novus*, investe contra a *Lettera*, que há de demolir. E', no seu juízo, o único *mezzo* de apaziguar o adversário.

Julgamos êrro passar por alto as tergiversações da história, mesmo quando sejam flagrantes. Houvesse a crítica ventilado a tempo e a fundo os enredos e abusos imaginativos do Autor, não teriam sido tão lesivos para alguns espíritos, nem êle teria conseguido introduzir confusões e criar adeptos. O assinalado até agora só se refere à estratégia usada para invalidar a *Lettera*, apresentando como imposturas a sua origem e o sue conteúdo. Não oferece provas, nem sequer indícios, rastros ou presunções. Nega a tonas e de maneira louca, e porfia como um litigante.

Vignaud observou que no processo do Fisco contra Colombo, em 1513-1515 (10), não se teve em conta a precedência de Vespúcio em *Paria*, porque na edição latina da *Lettera* lia-se *Lariab*. Passa o Autor sôbre essa reflexão justíssima, para repudiar de novo a carta, dizendo:

“nè il Fisco crede'te di valersi degli elementi forniti dalla *Lettera*, nè gli amici o parenti di Colombo sentirono il bisogno di impugnarla, perchè a quel documento non si dava nessun valore ufficiale, considerandosi, da gente che discuteva di interessi reali, como apocrifo” (Vol. II, pág. 95).

Essa espécie de acusações repete-se em minúcias como estas, relativas ao êrro da *Quattuor Navigationes*, que inscreve *Lariab* em vez de *Paria*:

“può essere più probabilmente, una voluta sostituzione per indurre a credere che si trattasse d'una terre diversa, come poco dopo si farà *Iti da Haiti*” (Vol. II, pág. 78).

E repete-se quase em seguida:

“Mi sembra che non sia proprio il caso di persistere a credere che *Lariab* sia una terra alla lat. di 23°; essa è la terra di *Paria*, che il falsario ha con ogni probabilità trascritta intenzionalmente con un nome diverso da quello della terra già nota come scoperta da Colombo” (Vol. II, pág. 81).

Logo generaliza a acusação de embuste, como quem espalha pimenta:

“Il falsario ha modificato e distribuito diversamente alcuni episodi e mutati alcuni nomi per mostrare che si tratta di un itinerario diverso” (Vol. II, pág. 92).

(10). — Henry Vignaud, *Americ Vespuce*. Paris, 1917, pág. 124 e 138.

“Il falsario ha rimpinzato il racconto di episodi fantastici e in parte veri, e vi ha profuso descrizioni di usi e costumi d'indigeni togliendole dalla lettera del viaggio al Brasile” (Vol. II, pág. 93).

Mais fácil é enumerar estas belezas, que ter uma visão da obra de romano com que se veria abarbadado o pobre mistificador, para reunir os antecedentes da vida de Vespúcio na Itália, Espanha e Portugal, os pormenores geográficos, etnológicos e históricos das viagens, e os dados de náutica e astronomia necessários para apresentar um conjunto coerente, que parecesse verossímil, e não se chocasse com as realidades científicas então conhecidas. Além disso, devia imitar o estilo de Vespúcio e cuidar de não brigar com o conteúdo de outras cartas dêle, que podia desconhecer. Tais exigências teriam detido a qualquer espírito ponderado, no caminho de criar o inimaginável falsário culto, que, além do que ficou dito, tivesse estado na Espanha, e vivesse então em Florença; dispusesse das cartas dirigidas aos Medicis, conhecesse o hábito do florentino de introduzir hispanismos em suas cartas, e soubesse imitá-lo também nisso!! Por outro lado, quanto à imensa difusão de *Mundus Novus*, da *Lettera* e sua versão latina entre os homens de ciência da época, se acrescenta o fato de que Vespúcio foi, até 1512, Piloto-Mor de Espanha, e estava em condição de responder por todos os seus escritos, a denúncia, com tamanho estardalhaço, de que suas três cartas impressas eram engendros alheios, circulados à sua revelia, é uma criação mental mais fabulosa que Sherlock Holmes.

Reflexões desta natureza, com que o Autor poderia tranquilizar-se, êle, se as teve, pô-las de lado, e conscientemente fabricou sua *story*. Usa o mesmo ardil posto em prática com *Mundus Novus*: tudo na *Lettera* é mentiroso, pueril, absurdo, desajeitado, irrisório, e não pode ser de Vespúcio. Seu labor principal e mais extenso, consiste em expurgar o vocabulário da *Lettera*. Existem já estudos dos italianismos e hispanismos, feitos por Humboldt, Varnhagen e Northup, e as anomalias que descobre depois destes mestres oferecem interêsses ao filólogo, mas são tangentes à autenticidade originária, porque se ignora, hoje como em 1504, se a carta foi escrita por Vespúcio em italiano, ou em espanhol. Se soubéssemos isto, muitas incertezas de outra ordem desapareceriam.

Certa circunstância agrava também a dificuldade de dar o justo valor aos hispanismos e italianismos dessas cartas: é o entrelaçamento dos idiomas nessa época, motivado pelas guerras de Itália. Desde a conquista dos reinos de Nápoles e Sicília por Afonso de Aragão, e sua permanência nessas terras, haviam-se incorporado em sua côrte poetas catalães e escritores castelhanos, estreitando-se assim os contactos. Os aragoneses e os italianos do extenso reino de Nápoles — chegava até os estados de Roma na época de Alexandre VI — modificaram-se reciprocamente até se confundirem em “uma” sociedade, e isto gravitou em tôda a península.

O grande poeta Bembo queixava-se, em Ferrara, da infiltração do espanhol no idioma, em grande parte devida aos Bórgias. Croce aborda este ponto em *A corte espanhola de Afonso V de Aragão*, onde mostra como a Itália meridional se foi hispanizando. Catalães, castelhanos e aragoneses

“ocuparam não só os officios palatinos, senão também os mais altos postos da milícia, da magistratura, da prelazia eclesiástica, e não foi uma invasão passageira; senão um transplante de famílias inteiras no reino”.

E' evidente que da fusão das duas sociedades havia de resultar, fatalmente, a de ambas as línguas. De Espanha chega a autorizada corroboração de Menendez y Pelayo, que destaca os frutos da convivência: “Os trovadores castelhanos do cançãoeiro de Stúñiga estão cheios de frases, circunlóquios e até versos inteiros em italiano, e Carbajal, o mais fecundo e notável dos poetas daquela antologia, chegou a escrever pelo menos duas composições inteiras naquela língua. Em troca, os poucos e obscuros rimadores napolitanos de então transbordam de espanholismos”. Vemos, pois, que nos séculos XV e XVI, tanto na Espanha quanto na Itália, eram comuns os vocábulos estrangeiros, e com as guerras de Fernando, o Católico, na parte meridional, repetia-se o fato no centro e no norte, com as lutas intermitentes de Veneza, Milão e Florença, com ou contra os franceses de Carlos VIII e Francisco I.

As esquisitices, que hoje nos causam surpresa, nas cartas de Vespúcio, eram próprias da hora, num universitário como êle, nascido em 1454 em Florença, e associado à vida política e artística dos Medicis. Aos 24 anos passou algum tempo em Paris, na corte de Luiz XI, na embaixada de seu tio Guidantonio, para voltar à sua cidade natal e permanecer ali até fins de 1492. Só então se transportou a Sevilha, onde viveu cinco anos. Navegou quatro desde 1497 com espanhóis, depois quatro com portugueses, e voltou em 1505 a Sevilha, onde se casou e morreu em 1512. Sem a visão do panorama hispano-italiano, e deste caso particular do florentino, é fácil cair em juízos excêntricos acerca de vozes estranhas que torcem a interpretação da realidade. Estas considerações não resolvem o problema, mas cremos que a lembrança delas evita o adotar, como o Autor, fórmulas falazes e anacrônicas. Se, ao invés de argüir, por motivos idiomáticos, a autenticidade da *Lettera*, se houvesse limitado a assinalar estas complexidades filológicas, e a destacar a divergência dessa carta com a de 18 de julho de 1500, teria deixado uma obra estimável, como a de Northup. Ao contrário, por causa de umas tantas vozes espanholas e outras italianas, particularmente florentinas, acode-lhe uma barbaridade deste jaez:

“L'abbondanza di parole e frasi spagnole è tale e così esagerata, che se Vespucci fosse l'autore bisognerebbe ammettere ch'egli abbia voluto dar quasi una tinta eso-

tica per offrire una maggior garanzia della provenienza del documento dalla Penisola Iberica” (Vol. I, pág. 136)

Pode o leitor imaginar a Vespúcio introduzindo de propósito hispanismos na *Lettera*, para oferecer garantias de que efetivamente “sua” carta provinha da península ibérica? Por que teria êle essa mórbida desconfiança? Esquece o Autor que eram amigos, unicamente, os que levavam mensagens de particulares naquele tempo, sendo “êles” a garantia da procedência e do Autor. Depois de uns comentários igualmente excêntricos, torna o Autor ao vilipêndio do anônimo:

“rimane già abbastanza autorizzato il dubbio che l'autore della *Lettera*, probabilmente un Fiorentino ch'era stato in Ispagna, l'abbia infarcita di voci spagnole, perchè alcune di queste si trovavano nelle vere lettere scritte dal Vespucci al Medici, volendo così conservare a modo suo, lo stile del Vespucci” (Vol. I, pág. 141).

As cartas do flerentino chamadas *vere lettere* são as três manuscritas dirigidas ao Medici, e o Autor não toma em consideração, ou finge ignorar de novo, que foram encontradas em escândalos de arquivos, por volta de 1745, 1789 e 1827, e divulgada “então” pela primeira vez. Não existe delas menção conhecida nos séculos XVI ou XVII. O sugerido acêrca da sua utilização pelo falsário da *Lettera* é ardil que de contínuo se repetirá. Não o é menos, aquilo das *voci spagnole infarcite*.

O autor de *Mundus Novus* foi, para o Autor, um *extensore* da carta de Lisboa de 1502; agora a *Lettera* é *in molte parti una traduzione letterale del “Mundus Novus”*. Compare o leitor com as duas primeiras a versão da terceira viagem da *Lettera*, e reconhecerá que ambas as incriminações são falsas. As três são diferentes e cada uma, ao acrescentar algo pessoal à viagem, acêrca do itinerário, da exploração, dos índios e dos descobrimentos, completa o conjunto. *Mundus Novus* — já o assinalamos — acresce à carta de Lisboa importantes conceitos cosmográficos. Como é lógico, o que ambas referem da região, dos naturais e de seus costumes assemelha-sê. Quanto à *Lettera*, oferece um itinerário mais minucioso, e mais incidentes da viagem, embora mude o rumo final da esquadra desde 32° SSE, quando as outras duas o marcam SSO até 50°. Para o Autor, cada omissão configura uma ignorância reveladora de falsidade; Vespúcio, sim, tê-lo-ia sabido. Todo o dado constante de uma carta, que não esteja mencionado nas demais, é também, o que é singular, um incidente inventado e prova de dolo. Fiel à estratégia destinada a prevenir o leitor, e sem nenhum senso de responsabilidade no que afirma ou nega, lapida desta forma a *Lettera* e a versão latina de San Diè:

“Come Vespucci non scrisse la lettera al Soderini (sic) così nè egli nè altri dovette scrivere, sia in francese

o in altra lingua nè far scrivere una lettera al Duca di Lorena (*sic*) (Vol. I, pág. 170).

Veja o leitor o que, com uma penada, e sem provas, nem sequer indícios, pretende o recalcitrante excluir da história e da bibliografia. A julgar pelo seu *ex-abrupto*, teria sido um passatempo, em Florença, o confabular-se para as falsificações. Que sólida organização, a destes sábios e cultos maníacos! Devia ser tão fácil para eles elaborar cartas de Vespúcio, recheadas de palavras espanholas, uma vez afeita a mão a esse mister, como para uma empório gastronômico lançar no mercado perús recheados (*infarcite*) nas vésperas do Natal! Esses hábeis patifes, teriam enganado a editores, livreiros, reis, cartógrafos, cosmógrafos e estudiosos de todos os centros científicos europeus, a ponto de não descobrirem as armadilhas de *Mundus Novus*, da *Lettera* e das *Quattuor Navigationes*, nem em vida de Vespúcio, nem depois. E a convicção do Autor transborda dessa mesma fé que permitia ao Quixote comungar com rodas de moinho...

As críticas destinadas a vulnerar a *Lettera* e a persuadir de que era apócrifa, são inumeráveis, tanto quanto inconsistentes. Nos primeiros parágrafos, querendo Vespúcio explicar a Soderini como deixou os negócios pelas viagens a ultramar, definiu desta maneira o tédio de uma vida entregue a interesses materiais:

“Vossa Magnificência saberá como o motivo da minha vinda a este reino de Espanha foi para negociar mercadorias, e como segui nesse propósito cerca de quatro anos (esses quatro anos levam-no de dezembro de 1492 a 1497, data da sua primeira viagem), durante os quais vi e conheci diferentes vicissitudes da fortuna, e como mudava estes bens caducos e transitórios, e como um tempo mantém a um homem no alto da roda e outro o lança de si e o priva dos bens que se podem chamar emprestados; de modo que... decidi abandonar o comércio e pôr meu propósito em coisas mais louváveis e firmes, e foi que me dispus a ir ver parte do mundo e suas maravilhas”. (*El N. M.*, pág. 203).

Nada mais plausível que tal maneira de raciocinar, numa inteligência aberta e ponderada como a de Vespúcio. Demais, ratifica a verdade sabida, pois, realmente, depois de cinco anos de trabalho na casa Berardi, correspondente de Medici em Sevilha, deixou-a para ir viajar. Sua biografia coincide com sua carta. Parece ao Autor que *una persona di buon senso non avrebbe addotto ragione cosipuerile* e como o florentino era para êle um homem sensato, insinúa desta forma que os conceitos não podiam ser seus.

Nas coisas pequenas, como nas grandes, quando topa na história com realidades contrárias, difíceis de encarar, oculta-as, torce-lhe o pescoço, ou as enterra. Assim acontece com dois mapas célebres, ligados a *Mundus Novus* e à *Lettera*, e diretamente de-

rivados da alta viagem de Vespúcio em 1501-1502. São os mapas Pesaro e Kuntsmann II. O primeiro foi descoberto na localidade do mesmo nome, e publicado na *Raccolta Colombina*, em 1893, no importante trabalho de Bellio que o Autor cita e utiliza continuamente (11). Não pode ter folheado êsse volume sem ver dito mapa, mas não o menciona. Os cartólogos o dataram de 1502-1503. Existe nele a notável concordância de ter o mesmo título de *Mundus Novus*. Salientamos o fato em *América la bien llamada*, reclamando para Pesaro a precedência, que até então era atribuída a Ruysch, 1508. E' claro que o mapa é, com seu título, uma garantia da autenticidade da origem da carta de Vespúcio, associando, além disso, a mesma e o mapa à terceira viagem. A quem teve a coragem de pretender que *Mundus Novus* era apócrifa, não convinha a existência de um mapa que, sendo de igual data, levava o mesmo título; e para não submeter-se à verdade, recorreu à arlequinada de ignorá-lo.

Igual exorcismo pratica diante do perigo de Kuntsmann II (1502), e pela mesma razão. Encontra-se êsse mapa em Munique, onde foi descoberto e incluído em seu *Atlas* pelo Padre Kuntsmann, em 1859. Constitui um obstáculo para acusar de falsidade a *Lettera*. A forma do litoral é, entre os cinco mapas diretamente derivados da viagem de Vespúcio, a mais exata. Não é tão encolhida como em Hamy (1502), ou Pesaro (1502), nem preconcebida para desorientar acêrca da verdadeira configuração das terras, como em Cavério (1502) e Cantino (1502). Sua toponímia é também a melhor. Tem, na costa atlântica, as importantes primícias de *Jordão*, *Santo Antônio* e *Cananor*. Nada disto se choca com as finalidades do Autor, mas um pequeno desenho, colocado na costa do Brasil, sim (12). A *Lettera* é a única carta que refere como, na terceira viagem, foi aprisionado pelos índios um marinheiro, e imediatamente morto, assado e comido. Conta nela Vespúcio que a tripulação pediu ao Capitão-Mor licença para atacar aos naturais, e que êste a negou. Segundo o Autor, o falsário da *Lettera*, cansado de repetir o conteúdo da carta de Lisboa, sentiu esgotada sua reserva de informações, e *tanto per di qualche cosa inventò l'episodio di cannibalismo del C. San Rocco*. Pois bem: Kuntsmann II ostenta no litoral brasileiro um índio de côcoras, assando um branco de corpo juvenil, empalado em cima de uma fogueira. Essa gravura, reflexo indiscutível do episódio negado de maneira sarcástica (Vol. I, pág. 193) era um desmentido categórico: 1.º, de que o incidente tivesse sido interpolado, "para dizer qualquer coisa"; 2.º, que Vespúcio tivesse sido, desde a saída, Capitão-Mor, como pretende o Autor, sem razão; e 3.º, que a *Lettera* seja uma falsificação. Como deixaria de afastar testemunha tão indiscreta! Dada a desen-

(11). — *Raccolta Colombina*, 1892.

(12). — *Am. I. b. II*. Vol. II, pág. 11.

voltura com que o Autor predetermina suas conclusões e trata os testemunhos, êsses excelentes mapas são para êle como veneno. Leva tão longe o desêjo de esquivar-se dêles, que mesmo quando discorre no final da sua obra, com justeza, sôbre a formidável influência de Vespúcio no progresso da geografia e no campo da representação cartográfica, mencionando a Hamy, Cantino, Cavério, Ruysch, Contarini-Rosselli, Waldseemuller, Stobnicza, Schöner, Juan de la Cosa, André Morales, Glareano, Lorenzo Frisio e Apiano, não nomeia Pesaro (13). Cita Kuntsmann II de passagem, noutro capítulo, para recordar que era, segundo Nordenskiöld, de 1503. Nem uma palavra mais sôbre o conteúdo do mapa, nem sequer quando, na edição de seu livro, de 1926, o insere sem dizer porque, e sem fazer uso dêle. Não insistiremos nesta espécie de reservas dêle, porque encheriam páginas. São coices silenciosos contra o aguilhão.

Tão resolvido está o Autor a submeter a história ao interesse de Vespúcio que, indiferente à verdade, sustenta ou nega a autenticidade de uma carta segundo convenha a êste, ou não. Que tal é o seu intento, confessa-o nesta frase luminosa:

“Come già si è osservato, il peggior servizio che si rese o che si continua a rendere al Vespucci è quello di considerarlo autore di questa Lettera, e il miglior modo di provvedere alla sua definitiva riabilitazione è il liberarlo da siffata paternità” (Vol. I, 247).

Mostra o perigo, que é ser autor da carta, e simultâneamente oferece o remédio: eliminá-la. Constituindo-se a si mesmo provedor da História e administrador da fama de Vespúcio, corta pelo são. Queima numa pira inquisitorial êsse documento, como havia feito a *Mundus Novus*. Preferível é, no seu juízo, que sua glória seja menor, mas que não seja discutida... Quem sabe se o nauta teria participado de tal conceito que, como o leitor verá mais adiante, não trouxe o apaziguamento imaginado. Nesta altura, com as numerosas frases citadas, nas quais o Autor formula sua própria ética e revela suas finalidades, não há razão para surpreender-nos com esta tirânica expoliação. Os obsessos não percebem os prejuízos que causam, ou os incluem calmamente no custo da sua quimera.

Agora, porém, invocada a falsidade da *Lettera* como *mezzo* para a *riabilitazione* de Vespúcio, encontra-se o Autor diante de outro problema: que pode valer para êle a tradução dessa carta?

b). — *Quattuor Navigationes*.

O leitor terá pressentido que a infundada e ilegítima abolição da *Lettera* arrasta consigo a repulsa da versão latina. Fartos mo-

(13). — Vol. II, pág. 247 e seguintes.

tivos militam em favor da validez original dêsse documento histórico, incorporado com o famoso mapa de Waldseemuller na *Cosmographia Introductio* do Ginásio de San Dié, em 1507. Esta homenagem contemporânea de uma sociedade de homens de ciência à *Lettera* foi, é, e sempre será a garantia máxima de sua autenticidade. Circulou pela Europa, em latim, e é lógico pensar, por não dizer inevitável, que o original foi dirigido de Lisboa por alguma personalidade ligada ao Duque de Lorena, concededora das atividades científicas do Ginásio. Além disto, Vespúcio, popular desde 1503-1504 com *Mundus Novus*, era por si mesmo um aval. Nacionalizado por Dom Fernando em 1505, homem de confiança do govêrno, morava em Sevilha. Que dificuldade podia haver em mandar um emissário de Lorena a pessoas de Espanha ou de Portugal, para informar-se acêrca das quatro viagens, inteirar-se da credibilidade do novo orbe, e saber se eram fidedignas as descobertas descritas na carta? São Tomé tem muitos adeptos no mundo; e não era êle também um sábio? Facilitaria a pesquisa o fato de ser Vespúcio, desde 1508, Piloto-Mor de Castela. Se essas medidas seriam hoje de elementar prudência, sê-lo-iam menos naquela ocasião? Pode imaginar-se que por volta de 1504 tenha chegado a San Dié o manuscrito em espanhol, português ou italiano, e com “três anos” de tempo para traduzi-lo para o latim, e publicá-lo, sem que os eruditos de San Dié tenham satisfeito a ânsia muito natural de cercá-lo de garantias? O Autor gasta muito espaço em discorrer sôbre se o manuscrito utilizado pelo Ginásio foi francês, italiano ou espanhol; ataca a tradução, desdenha e fustiga os membros do Ginásio e escarnece da rudeza do seu latim. Fecha seus desmandos com êste juízo sôbre a *Lettera* e sua versão: *entrambe non sono altro che due trucchî come lo era stato Mundus Novus. Trucchî!...* Frenética heresia! Êstes três documentos comoveram os homens com notícias dignas da Renascença, que com elas se abria, e o tempo, longe de desmentir suas novas noções acêrca do globo, corroborou e engrandeceu sua transcendência. Aberrações sóem levar a complicações ruidosas e inextricáveis. Destituídas de medula, só conservam sua estridência. Por mais que o leitor esquadrinhe, nada respirará, pois a miragem é de insanável nulidade.

- “3) La *Lettera* fu composta da un Fiorentino, che evidentemente risedeva a Firenze, perchè solo così poteva trar profitto dalle lettere che effettivamente il Vespucci scriveva al Medici; e come gli eruditi di S. Dié inventarono la lettera francese per dar credito ad una derivazione diretta da Lisbôna, così già prima l’anonimo fiorentino s’era dato cura d’infarcirla d’ispanicismi e di espressioni poco italiane per accentuare anch’esso una provenienza esotica che doveva dare una maggiore impronta di autenticità...”
- “4) il Vespucci non può essere l’autore perchè è gratuito che scrivendo a Firenze a persona di riguar-

do si esprimesse in forma così barbara e che non ha riscontro in nessuna lettera o relazione scritta da Fiorentini di Lisbona o Siviglia; e, meno ancora, scrivendo a questo personaggio avrebbe diretto a questo un racconto così pieno di oscurità e di indovinelli...” “6) La divisione della Lettera in quattro viaggi — nessuno dei quali è compreso fra date storicamente accertate — e l’insistenza con cui si rimanda al diario completo delle quattro giornate, sono pure elementi sospetti; e fanno pensare, anziché al Vespucci, ad un Fiorentino che siasi proposto ingenuamente di esaltare la figura del suo connazionale per metterlo alla pari col Grande Genovese, anch’esso autore di quattro viaggi trasatlantici” (Vol. I, pag. 245 e 246).

O mal irremediável que inquina esta avaliação de fontes é o falso postulado de que parte o Autor, e que continuamente observa. Para êle, é plausível praticar na história operações de subtração e adição, sempre que seja para o maior bem da fama de um compatriota, e obter termos de paz por parte dos adversários. Assim, todos podem, a seu juízo, demolir, com êsse fim, provas, evidências, testemunhos e peças históricas, valendo-se a seguir da vontade para reconstruir e interpretar.

As cartas de Vespúcio são realidades tangíveis, que passaram por centenas de crivos, através dos séculos. Para desqualificá-las por apócrifas, ou corrigi-las por errôneas, é preciso algo mais do que a dialética intencionalmente posta a serviço de uma conclusão premeditada. De igual modo, atribuir a falsários peças de tal transcendência, há de ser com hipóteses plausíveis. Não bastam criações da mente para dar existência verossímil a um bando de malfeitores, que surge não se sabe donde, nem como, exibindo, em falcatruas insuspeitadas até o Autor, uma erudição enciclopédica e capacidade de bruxos. E’ aceitável que nos anos em que nasceu o tema apaixonante das descobertas, e com a curiosidade insaciável da juventude, fôsse a Europa renascentista vítima da mais gigantesca patranha imaginável, e tão estúpida que não a soubesse descobrir durante séculos? Os fatos, objetivamente analisados, respondem: “não”. Êsses anônimos, manobrados a dedo como marionetes, não passam de oportunos títeres para o Autor. Mas a história os denuncia. Desde 1523, depois de Magalhães e de del Cano, ficou definitivamente confirmada a verdade inscrita na carta de 1502. Efetivamente, existia um imenso oceano entre a Ásia e as novas terras, e “estas constituíam um mundo novo”. A percepção exata, formulada em primeiro lugar por Vespúcio, somente podia ser dêle, como dêle era o conceito de continentalidade incluso no termo: *Quarta Pars Mundi*, que tanta surpresa causou. O que Colombo não havia visto, Vespúcio o intuiu e o disse. E é em vão que Magnaghi se esforça por fazer crer que êsses pensamentos estavam em outras cartas; são exclusivas e características revelações de *Mundus Novus*; deduções

geniais da vista e do espírito do nauta, que não podiam inventar, sentados em Florença, os imaginários delinquentes, aos quais o Autor quer atribuí-las. Em vão, para proteger-se contra a realidade irrevogável escrita de tais testemunhos, ocultou as frases pertinentes de Vespúcio no cotêjo de *Mundus Novus* com a carta de Lisboa 1502; têmo-las restituído, e bastam os parágrafos que justificam o título da carta para dar paternidade ao conceito de continentalidade. Não era apócrifa *Mundus Novus*, não o podia ser, e a Europa não foi vilmente enganada.

Depois de destruir a maquinação destramente urdida, diremos do alto e permanente motivo que, ademais dos já expostos, nos move a considerar invulnerável a autencidade das três cartas. E' a conhecida seriedade e o número dos principais contemporâneos que, nos princípios do século XVI, com fé renovada nas faculdades humanas, e assombrados com a grandiosidade do Cosmos, contribuíram para a celebridade de Vespúcio, com impressões, edições e traduções das famosas epístolas. Confiamos em que esta breve exegese evidenciará que através de tantos espíritos cultos, aplicados a discernir a realidade das impressionantes novidades circuladas, não teriam podido enganar muito tempo uns documentos espúrios, nem prosperar um conteúdo dolooso, tendo-se publicado as cartas em vida dos protagonistas e das personagens reais que ordenaram viagens e receberam os relatos das descobertas.

Mundus Novus, com diferentes títulos e impressa em vários idiomas, e a *Lettera*, na sua versão latina, conheceram uma difusão que a propaganda dos livreiros, os comentários de sábios, as obras científicas, a cooperação de mecenas e a de homens cultos, dedicados à divulgação do saber, mantiveram viva por muitos anos. As cartas de Colombo tinham aberto o caminho, mas a crônica da terceira viagem de Vespúcio, associada em certas traduções à glória do rei Dom Manuel, foi mais sensacional. As expressões *Quarta Pars Mundi* e *Mundus Novus* não abrangiam unicamente as descobertas próprias, senão também tôdas as viagens, desde a primeira do genovês. Tão impensante foi o rumor público, que o povo da época se abriu a êle com entusiasmo, clamando por conhecimento. Os dois povos descobridores, talvez para se reservarem as rotas e terras alcançadas, não participaram, no princípio, do movimento editorial ocasionado pelas suas navegações ultramarinas e descobertas, mas o fizeram mais tarde, embora, de preferência, em forma de livros, como Martin de Angleria, Duarte Pacheco, João de Lisboa, Enciso, Oviedo e Santa Cruz, etc. Revelaram pouco a pouco o que se escondia no *mare clausum*, e completaram a descrição das formas novas, com mapas que, apesar de todos os sigilos das Casas de Lisboa e de Sevilha, não resistiam ao ímã dos espias. Cópias pagas com bons ducados de ouro iam parar às mãos dos Ptolomeos, dos cosmó-

grafos do Norte, ou às dos guarda-jóias de chefes de Estado estrangeiros, entregues ao consôlo de contemplar, no pergaminho, o que lhes estava, por enquanto, vedado conhecer *in-situ*. *Mundus Novus*, escrita em fins de 1502, apareceu em latim, sem data nem indicação de editor ou de tipografia. E' evidente que quem resolveu a sua publicação, preferiu, por alguma razão, fazê-lo por essa forma. Acreditam os críticos que deve ter sido editada em Florença, em fins de 1503 ou começos de 1504. Por certas diferenças entre os exemplares que subsistiam no seu tempo, calcularam HARRISSE e VIGNAUD que dela se fizeram cinco edições nesses anos (14).

Em Paris, em 1503-1504 (?) Jehan Lambert editou a carta que tem a marca do impressor Felix Baligault; nos mesmos anos, Denys Roce, ou Rosse, e Gilles de Courmont apresentaram edições dela em Paris, sempre em latim. Wm. Vorstermann fez o mesmo em Amberes, e João Otmar Vindelice divulgou a mesma carta em Augsburgo, em 1504. Em 1505, aparece em Nuremberg a primeira versão alemã, feita por Wolfgang Hueber, e em Leipzig outra, no mesmo ano, por Wolfgang Muller. Matias Ringmann torna a dar uma edição latina, com o nome de *De ora antartica*, em Estrasburgo, e é ali impressa por Matias Hupsuff, também em 1505. Martin Landesbert produz outra versão alemã em 1506, sem mencionar o local.

Em 1507 aparece a primeira versão italiana da carta, com o título de *Paesi novamente ritrovati*, sob a responsabilidade de F. de Montalboddo, impressa em Vicenza por Henrique Vicentino. Com o mesmo título, e a cargo de João Jacó e Irmãos, de Lignano, com a colaboração de João Angelo Scinzenzeler, aparece outro *Paesi* em Milão, em 1508. João van Doesbroch traduz a carta do italiano para o latim, e do latim para o holandês, publicando-a em Amberes por volta de 1508. Nesse mesmo ano, e com o título de *Itinerarium Portugalsium*, surge uma versão italiana do *Paesi*, traduzida de novo para o latim e editada por Madrignano, em Milão. Ainda em 1508, o sábio Jobst Ruchamer traduz o *Paesi* para o alemão, imprimindo-o Jorge Stucksgen em Nuremberg, servindo em seguida essa edição a outro editor para produzir a versão holandesa de Lubeck, de 1508. Do *Paesi* provém também, pouco depois, a tradução para o francês: *S'ensuyt ie Nouveau Monde* por Martin de Redouer, que teve sucessivas edições, em Paris, feitas por Trepperel, Jehan Jannot e Galliot du Pré. Tudo isto entre 1508 e 1512, e continuou *in-crescendo*.

A *Lettera*, escrita em 1504, em italiano, não teve a repercussão de *Mundus Novus*, pois, referindo as quatro viagens do florentino (duas para Espanha e duas para Portugal), era de interesse maior para a história geral das navegações que para o gran-

(14). — HARRISSE, *Biblioteca Americana Vetustissima*. New York, 1866, Vol. I, pág. 68 e seguintes.

de público. Este se foi inteirando do significado das descobertas pela carta anterior, logo conhecida em todos os idiomas. A *Lettera* por muito tempo ignorada, foi impressa por Gian Stephano Di Carlo di Pavia em 1505-1506 para o livreiro Piero Pacini. Registra sua aparição nessa época uma nota de Gerolamo Priuli em seu *Diário*, com data de 9 de julho de 1506. Seu conteúdo penetra entre os sábios através da versão latina, feita pelo Ginásio vosgiano de Saint Dié, na Lorena, por conta do Príncipe Renato, em 1507, com o título de *Quattuor Navigationes*. E' possível que a carta chegada à pequena povoação em italiano ou espanhol, tenha sido enviada a Paris, ao arquiteto veronês Giocondo, que a teria traduzido para o Rei em francês. E' mera hipótese. Os membros do Ginásio tê-la-iam vertido depois para o latim, com as versões à vista. Colaboraram nessa edição Hylacomilus (Waldseemuller), Matias Ringmann, Gauthier Lud e Nicolau Lud. No primeiro ano teve sete edições de 1.000 exemplares cada uma.

Em 1509, João Gruninger, de Estrasburgo, assumiu a responsabilidade de outra, em latim, traduzindo-a depois para o alemão, editando-a nessa cidade, no mesmo ano. Em 1510 apareceu outra, talvez em Lyon, por João de la Place. Tem essa versão latina uma dedicatória de Ludovico Boulanger a Tiago Robertus, e é a última publicada em vida de Vespúcio. A do Ginásio de Saint Dié é de maior importância que seu original, pelo fato de conter um mapa das novas terras, às quais Waldseemuller teve a idéia de chamar *América*. Ao propor a denominação que foi imediatamente aceita por sábios e cartógrafos, a julgar por Hauslab (1509), Glareano (1510), Boulanger (1514), Vinci (1515), Schöner (1515 e 1520), o anônimo do Globo Verde de Paris (1520), Apiano (1520), Vadiano (1522), Friess (Ptolomeo) (1522), etc., dizia êste cosmógrafo (damos aqui a tradução do latim para o inglês, feita por HARRISSE):

“But now that those parts have been more extensively examined and another fourth part has been discovered by Americus (as will be seen in the sequel) I do not see why we should rightly refuse to name it America, namely, the land of Americus or America, after its discoverer, Americus, a man of sagacious mind, since both Europe and Asia took their names from women” (B. V. A. Vol. I, pág. 94) (*).

Já em 1507, Gualter Ludd, no seu *Speculi Orbis*, atribuía a Vespúcio a descoberta do Novo Mundo, e essa publicação era também impressa por João Gruninger em latim, em Estrasburgo. Em

(*) — “Mas agora que essas partes têm sido mais extensamente examinadas, e outra quarta parte foi descoberta por Américo (como se verá a seguir), não vejo porque deveríamos, com justiça, recusar chamá-la América, a saber, a terra de Américo, ou América, de acordo com o nome do seu descobridor, Américo, homem de mente sagaz, uma vez que tanto a Europa quanto a Ásia tomaram de mulheres seus nomes”. (*Nota do tradutor*).

1509 apareceu uma obra similar, intitulada *Globus Mundi*, também impressa por João Gruninger na mesma cidade, que alude “à quarta parte do mundo recentemente descoberta por Vespúcio”. As obras, que de passagem se ocupam do florentino e das suas descobertas, fazem-se cada ano mais numerosas. Em 1508 o Padre Marcos Beneventano e o matemático João Cotta de Verona, publicam em Roma um Ptolomeo corrigido e aumentado, e nele figura nada menos que o famoso mapa de Ruysch, intitulado por seu autor *Mundus Novus*, exatamente como o da Oliveriana de Pesaro, de 1502, inspirados ambos na carta de Vespúcio do mesmo nome. Em 1508, João Stamler publica seu *Dialogus*, impresso em latim, em Augsburg, por Erhard Oglin e Jorge Nadler, com o auxílio do sacerdote Wolfgang Aittinger. Atribuem os autores a Colombo e a Vespúcio o descobrimento do Novo Mundo. Foi traduzido para o italiano e impresso em Vinegia por Giovanni Padovano. Em Roma, Francisco de Albertini imprime, em 1510, seu *Opusculum de mirabilibus*, dedicado a Júlio II, e cita-se ali a Vespúcio como descobridor de ilhas e terras desconhecidas, do Novo Mundo. Em 1511, Bernardo Silvano de Eboli prepara em Veneza um novo Ptolomeo, com um mapa do hemisfério austral do novo mundo, intitulado *Terra Ste Crucis*, levado até 40° de latitude S. Imprime-o Tiago Pentius, de Leucho. E detemo-nos no ano de 1512, em que morre Vespúcio, sendo muito numerosas, depois, as versões novas e traduções de centros científicos. A bibliografia é enorme. Do movimento de curiosidade que ela revela, “apenas para os 10 primeiros anos”, infere-se que a comunicação inter-européia entre os homens de ciência do Norte e as povoações de nautas e descobridores do Sul, foi um fato evidente e uma prática assídua. Entre tanta gente culta, deviam ser muitos os que, antes de admitir a veracidade das viagens, das descobertas e das cartas, teriam feito inquéritos pessoais, como os faria hoje qualquer sábio ou comerciante prudente. A pesquisa ter-lhes-ia sido fácil, não só porque viviam os personagens de Sevilha e de Lisboa conhecedores das viagens, senão também porque os interessados teriam tido o auxílio de religiosos que viajavam com freqüência, de diplomatas de potências amigas, agentes dos Belzares e Fúcares disseminados na Europa, grandes casas bancárias de Florença, Veneza e Antuérpia e seus representantes na península.

Diante do número de personalidades, que por interesses vários participaram, na Europa, nos primeiros anos do século, dos comentários às revelações de Vespúcio, das versões e edições estrangeiras e da cartografia a elas associadas, não é possível pensar senão que esse movimento de curiosidade universal e de fé, derivou de fontes autênticas, abonadas por amplas garantias.

III. — ELIMINAÇÃO DA 1a. VIAGEM E DA 4a. COMO CONSEQUÊNCIA DA EXCLUSÃO DA *LETTERA*.

O Autor faz repercutir o que ficou dito sobre a *Lettera* e sua tradução latina na viagem de 1497, da qual não se teria notícia sem ela. Em 1500, ao escrever ao Medici, Vespúcio não a relembra, mas em suas cartas de Cabo Verde (1501), a de Lisboa (1502), *Mundus Novus* (1503) e a *Fragmentaria* (1503?), menciona suas “duas” viagens por conta de Espanha; unicamente na que dirige a Soderini (1504) é que a “descreve”.

Os críticos têm interpretado êsse silêncio do florentino sem se excederem em conjecturas. Talvez por algum motivo desconhecido Dom Fernando lhe teria exigido reserva por algum tempo; talvez, depois de realizar a viagem, não se teria sentido em condições de dar contas dela ao Medici; e pode ser que a carta dêle, referindo essa viagem, exista, mas extraviada. . . Na base dos documentos conhecidos, nada, honestamente nos cabe afirmar sobre esse ponto; isso, porém, dificulta a compreensão do itinerário, não a autenticidade da viagem. A carta de 18 de julho de 1500, dirigida ao Medici, não foi conhecida até 1745, e nem todos os geógrafos teriam acesso à cartografia castelhana e portuguesa que marcava antes de 1505 as descobertas da Inglaterra, Espanha e Portugal no Norte. Pode-se estabelecer, pois, que os pormenores da viagem de 1497-1498 eram ignorados do público, em Florença, ao aparecer a *Lettera*, em 1505.

a). — *A primeira viagem.*

Na dita carta de Piero Soderini, gonfaloneiro de Florença, descreve Vespúcio uma viagem feita em 1497, em barco de Espanha, “para ajudar a descobrir”, sem precisar o seu papel, que não poderia ser o de Capitão-Mor, o que é comprovado pelo próprio texto. E’ natural, por conseguinte, que não figure seu nome em cédulas e provisões dos arquivos, porque “não dirigiu”; nem é também tolerável que se fale em precedência dêle sobre Colombo, como o imaginara Las Casas. Vespúcio foi co-piloto, cosmógrafo, cartógrafo ou astrólogo, e é vã pretensão atribuir-lhe a “direção”, “precedência” ou “responsabilidade”, criando problemas que perturbam, e lançam uns contra os outros amigos e inimigos do nauta.

O itinerário presta-se a confusão, e tem sido interpretado de mui diversas maneiras, desde Varnhagen (15), que o leva até 28° NO, até A. Davies que o faz deter-se em Ponta Gallinas, por 12° 30’ N., na Venezuela (16). Em sua carta, estipula que a primeira escala foi a 16°, e afirma depois ter costeado até mais além

(15). — *Le premier voyage de Amerigo Vespucci définitivement expliqué.* Viena, 1869, pág. 34.

(16). — *The First voyage of Amerigo Vespucci in 1497-1498*, por A. Davies em “*Geographical Journal*”, Londres, setembro de 1952.

do trópico de Cancer, que está a 23° 23' N. Não se trata, pois, de Paria na Venezuela, êrro da *Quattuor Navigationes*, senão de Lariab, em Tamaulipas, como o diz a *Lettera* (17).

Os cálculos de Vespúcio quanto às distâncias que percorreu, no total, em longitude e em latitude, comunicados por êle ao Medici nas cartas de Lisboa 1502, *Mundus Novus* e a *Fragmentaria*, concordam com o itinerário ao largo do Gôlfo do México, tal como o deduzimos da interpretação da *Lettera*, 90° ao ocidente, ou seja a quarta parte da circunferência da terra, desde Lisboa, só é possível alcançando a longitude central dessa vasta abra, pois essa capital está a 9° 0 e Tampico a 98° 0. Os que se negam a admitir que o nauta houvesse passado de Nicarágua ou Honduras, não só desatendem às indicações precisas do trópico citado, senão que o detem em longitude muito abaixo dos 90° estipulados. O Autor nega a viagem, acudindo novamente a êsse farsante anônimo que anela por equiparar as viagens de Vespúcio às de Colombo:

“Solo un fiorentino, parente o amico, mosso da zelo eccessivo per la gloria del suo connazionale poteva spingersi sino a quel punto, e, per ottenere quattro viaggi, dividere in due il primo viaggio inventandone uno nel 1497 per mostrare che Colombo era stato preceduto da Vespucci” (Vol. I, pág. 204).

A essa panacéia providencial, à qual volveremos mais adiante, opomos esta versão da viagem, que é também a dos críticos Varnhagen, Fiske e Vignaud, confirmada pelos mapas que êles conheceram, e outros mais.

Segundo os dados de Vespúcio na *Lettera*, a expedição zarpou de Cadiz no dia 10 de maio de 1497, escalou nas Canárias e se dirigiu para o Ocidente, avistando, antes de fundear em terra firme, ilhas inumeráveis. Eram, evidentemente, as Antilhas, já descobertas por Colombo, única passagem em que se pode falar de “ilhas inumeráveis”. Após 37 dias de navegação, aportaram a uma terra aos 16° de latitude norte e 75° ao ocidente das Canárias (15°), ou seja 90° de longitude. Harrisse sugeriu ler-se 10° em vez de 16, com o que a esquadra teria fundeado em Costa Rica; e assim poderia ter sido, pois desde o ponto de arribada seguiram navegando com rumo *maestrale*, isto é, noroeste. Descreve Vespúcio a terra que iam bordejando, refere combates com indígenas, seus aspectos, seus costumes, alimentos, animais e principais produtos. Encontraram perto de um ponto que deve ser Tabasco, casinhas cobertas de palha, construídas sôbre árvores acima da água. Chegaram depois a uma terra situada perto do trópico de Câncer, a 23° 23' norte, nos arredores de Tamaulipas, no México, região que Vespúcio menciona com o nome de Lariab. Navegaram depois ao longo da costa, segundo os números da *Lettera*, 870 léguas, o que

é impossível. Deve ser um erro de cópia ou de impressão. Varnhagen supõe que se deve ler 370 léguas, e como há uns 15° entre a linha do trópico e o pôrto em que este historiador pensa que terminou a expedição, devendo ainda acrescentar-se o contôrno da península da Flórida, parece não andar muito longe da conta. Desde o Cabo Hatteras, segundo o mesmo autor, ou a baía de Chesapeake segundo Fiske, tocaram a cem léguas de distância numa ilha, "Iti", que talvez fôsse a Bermuda, e zarparam para a Espanha, onde chegaram a 15 de outubro de 1498. A viagem teria durado dezessete meses, e nela teria ficado descoberta a costa do hemisfério norte desde o sul de Costa Rica, Iucatã, o Gôlfo do México, Flórida e o litoral da Carolina e da Virgínia até 38° norte.

Como o leitor terá observado, podendo corroborar sua observação no texto da *Lettera*, Vespúcio carece de responsabilidade de direção, ou de merecimentos de protagonista; mantém a modéstia própria de um colaborador que, se gozou a seu modo as maravilhosas novidades descobertas, não podia atribuir-se por elas mais glórias do que a de qualquer outro tripulante. A leitura das cartas é a melhor defesa da sua retidão, pois dela surge a medida e a coesão com que foram tôdas compostas.

Percebe-se, pelo tom desta, que não era dirigente; talvez assessor-cosmógrafo; em todo caso, observador agudo, muito mais interessado por essa nova gente que eram para êle os índios, do que pelos acidentes da navegação, ou a variação da linha do litoral, ou os grandes rios, cabos e golfos do caminho. Em troca, não omite as plumagens, o donaire, a rapidez das mulheres no correr e nadar, nem sua resistência no transporte de cargas, e as causas das guerras, e a maneira de viver, sua crueldade para com os inimigos, e a diversidade de suas línguas, suas canoas e redes. Percebeu que não tinham instinto comercial, e que se contentavam com o que possuíam, mas davam qualquer coisa, ouro ou pérolas, em troca de quinquilharias, um espêlho ou um chocalho. Surpreenderam-no as medicinas e dietas que usavam para os enfermos, e acrescenta: "admirávamo-nos de que algum dêles se curasse".

Pouco sobra das dezesseis páginas desta carta para dar a entender qual foi a terra explorada, e os lugares por onde andaram. O primeiro que reconstruiu o itinerário da viagem no hemisfério norte, fixando seu início em 10 graus de latitude, ou seja Costa Rica, foi Varnhagen; depois de estudar sua tese e confrontá-la com outros mapas, além dos que êle teve no seu tempo, chegamos, em *América la bien llamada*, à conclusão de que realmente a esquadra teria escalado nessa latitude. Assim, os castelhanos descobriram Nicarágua, Honduras, Iucatã, o Gôlfo do México e a Flórida, subiram pela costa da Carolina e da Virgínia até 35 ou 38° de latitude norte, voltando depois para Cádiz.

Em certa oportunidade foi opôsto um álbi à presença de Vespúcio nessa viagem. Humboldt julgou fidedigna uma suposição de

Munhoz, repetida por Navarrete, segundo a qual o nauta teria estado na Espanha entre 1497 e 1499. Em tempos de Santarém, era possível qualquer picardia de Vespúcio, tão grande foi, é tão pertinaz, a campanha caluniosa do lusitano. Munhoz tinha encontrado no arquivo da Casa de Contratación em Sevilha, peças comprobatórias de que em 1495 Berardi, chefe de Vespúcio, falecera, e que em 1496 a casa recebeu 12.000 maravedis, com os quais supôs. que Vespúcio se ocuparia em armar barcos em San Lucar e em Sevilha, para a viagem de Colombo em 1498. Navarrete repetiu a informação. Humboldt a julgou válida, sem averiguar se existiam documentos que provassem sua permanência em Espanha naquelas datas. Assim, attribuiu a um erro a data de 1497, calculando que a primeira viagem de Vespúcio foi a de 1498 com Hojeda, e a segunda, outra de 1499 com Pinzon e Lepe. HARRISSE examinou tudo de novo, e descobriu o equívoco deste alibi. Faltava prova documentada de que Vespúcio houvesse estado em Espanha em 1497-1498, e isto ratificou sua convicção de que a *Lettera* era autêntica, Vespúcio um homem sincero, e a viagem uma realidade efetuada nas datas anunciadas. FISKE e VIGNAUD foram do mesmo parecer, que era também o de VARNHAGEN. Esses quatro críticos, os sábios mais capazes dessa época, escreviam para a verdade histórica, como Humboldt e UZIELLI, sem preconceitos, nem malquerenças, astúcias ou propósitos premeditados.

O Autor combate-os extensamente, sustentando que HARRISSE “não viu” o livro que Munhoz descobriu, e que, por conseguinte, só podia declarar que a versão de Navarrete permanecia não documentada: isto não seria “prova” de que Vespúcio estivesse ausente de Espanha entre 1497 e 1498. Efetivamente, o fracasso do alibi invocado não bastava para garantir que Vespúcio houvesse estado fora da Espanha, mas esse testemunho era oferecido pela *Lettera*. O Autor não crê nela; cabe-lhe, então, provar a presença do nauta em Espanha, entre 1497 e 1498. Isso seria decisivo. Mas êle carece de evidências, e portanto suas alegações se tornam impotentes. Se não é falsa a tese de Munhoz, não tem validade. A inexpugnável refutação do alibi desagradou ao Autor, pois êle servia muito bem aos seus propósitos de anular a primeira viagem, e a sintetiza desta maneira:

“...svolge tutta una serie di obiezioni HARRISSE, per concludere che, invece, il viaggio 1497-1498 pote essere stato fatto. Osserva egli anzitutto che il racconto fu pubblicato e tradotto (*Lettera e Quattor Navigationes*) in un tempo in cui le persone ivi nominate erano viventi: il Re Ferdinando, il Re Emanuele, il Gonfaloniere Soderini (che pero non è nominato), il Duca di Lorena e lo stesso Amerigo; e allorchè erano pure in vita persone che come Alonso de Hojeda, Juan de la Cosa, i figli di Colombo e altri sarebbero stati in diritto di intentare un'inchiesta” (Vol. II, pág. 53).

Este argumento de HARRISSE, já o havia formulado VARNHAGEN, e, por ser razoável e humano entre todos, nós o ampliamos no capítulo anterior com os nomes dos editôres e tradutores de *Mundus Novus*, da *Lettera* e das *Quattuor Navigationes*. “Apenas para 10 anos”, encham várias páginas! Esses espíritos inteligentes e cultos, dedicados à ciência e sua difusão, teriam inquirido acêrca das extraordinárias novidades de Vespúcio, antes de disseminá-las; era uma defesa lógica em pessoas que, cuidando da sua responsabilidade, evitaram derramar falsificações que pudessem expor ao ridículo os seus nomes. O Autor acha este mediocre pretexto para projetar dúvidas:

“Questo, si può osservare, sarebbe un sistema al quale si potrebbe ricorrere oggi; ma per quei tempi non arebbe dovuto riuscir tanto facile!” (Vol. II, pág. 53).

Aparece aqui uma negação que o Autor renoverá ao tratar da *Fragmentaria*. No seu modo de entender, naquela época, apesar de continuarem vivos os mais ilustres contemporâneos de Vespúcio e os participantes das suas viagens, ficavam misteriosamente impedidos de tomarem conhecimento das falcatruas, e fora de toda possibilidade de protestar. Dir-se-ia que não sabiam escrever, ou que não existiam tipografias, ou que, à espera de uma organização de correios, careciam de recursos para enviar mensageiros. Todavia, êsses hábeis porta-vozes que eram os diplomatas e agentes financeiros: Trevisano, Cretico e Pascualigo, Ca-Masser, Affaitadi, Corner, Rondinelli, Sernigi, Valentin-Ferdinan, Marthioni, Corsali, Cantino, e Empoli (18) são mencionados pelo Autor, sabendo que, para êles, averiguar a veracidade de um fato e denunciar a divergência entre aparências e realidades era tarefa diária. Todos teriam comunicado aos seus correspondentes a falsidade das três cartas, para que não as tomassem em conta, se um bando as houvesse espalhado, ou se as revelações do florentino estivessem eivadas de mentiras. Da mesma forma teriam dado o alarma, se em vez das quatro viagens ali mencionadas, soubessem que Vespúcio só havia realizado duas; Lisboa e Sevilha, nos fins do século XV, não passavam de aldeias, e tudo ali se sabia. Por mais que Reis e Ministros se esforçassem por reservar o que era dêles, tão diligentes, ou mais, eram os diplomatas, comerciantes e espíões, e tudo se pressentia e acabava por vir à tona. Houve sigilo, sim, mas os segredos transpiravam, e as chancelarias teriam sabido imediatamente de viagens simuladas e cartas apócrifas. A imensa confabulação de falsários, imaginada pelo Autor, não teria podido prosperar, e menos ainda sustentar-se.

Certa edição de *Quattuor Navigationes*, feita na Alemanha em 1509, provávelmente tirada da *Cosmographia* de Gruninger,

(18). — Am. I. b. II. Vol. I, pág. 193 e seg.

assinala o conceito, então reinante, acêrca das quatro viagens de Vespúcio. HARRISSE traduz assim o título: “êste livrinho refere como os excelentíssimos senhores Fernando, Rei de Castela, e Manuel, Rei de Portugal, têm buscado pelos vastos mares e descoberto muitas ilhas e um novo mundo de selvagens, até agora desconhecido” (19). Os editôres sabiam que duas viagens eram de Castela e duas de Fernando, e o repetem em suas edições, durante séculos; dizem-no o título popularizado *Quattuor Navigationes* e o do livro *Minhas quatro viagens*, que o florentino anunciou em várias cartas.

Pretende o Autor, em troca, que só houve uma viagem para a Espanha e outra para Portugal. Assevera, pela centésima vez, que falsários se aproveitaram, para suas burlas, de cartas ao Medici... e referindo-se às duas primeiras viagens, diz:

“...cioè questi primi due viaggi sono una affrettata e assai confusa compilazione derivata da elementi dal M. Novus e dalla lettera Bartolozzi...” (Vol. I, pág. 209).

As cartas são muito diferentes, e se referem a índios de costumes diferentes. Os produtos que se descrevem, os vegetais e os animais variam igualmente, segundo a região. Tão penoso é para o Autor achar ao menos aparências verbais em apóio do seu pretexto, que já não pode confrontar longos parágrafos, como fêz ao opor a descrição dos índios do Brasil, da carta de Lisboa 1502, à de *Mundus Novus*, e sua crítica declina ao ponto de cotejar, sem nenhum cabimento, meras frasezinhas ou palavras que extrai de cartas de Colombo, de Trevisano, de Michele de Cuno, e até de Marco Polo; comparações simplesmente grotescas destinadas a fazerem que o leitor creia ser a *Lettera* uma fábula enganosa, e falsas as viagens. A que conclusões sérias pode chegar-se, opondo: *nell fine dello occidentale poste nel terzo clima com: in tertio climate et in confinibus habitati occidentis?* Ou: *di qui, facte nostre orationi com: fatta nostra oratione?* Que se obtém com opor: *como salieron del ventre de los madri* às palavras de outras cartas: *uti excorpore matris prodeunt?* Qualquer pormenor comum é agitado triunfalmente, como se fôsse o descobrimento de um plágio: *ben proportionati e proportionata*; mais adiante: *colore che pende un rosso com: colore declinante ad rubidinem*. Até o que falta é também imitação, em vez de admitir que é verdade comum a duas regiões; assim; *non tengon ferro ne altro genero di metallo forte* é cópia de: *non tengono ferro ne altro metallo*; e continua: *molto crudelmente e molto crudelmente; ognuno e signore di se e ognuno è signore di se; cupidità di segnare e coditia disordenata com coditia ou cupidita di regnare*. E' uma exposição trivial de chicanas, sem valor probatório. Se o Autor tivesse querido aumentá-las, po-

deria fazê-lo com a literatura das viagens célebres, porque existem grandes semelhanças entre os costumes dos primitivos do mundo, e sua maneira de tratar os brancos. Esse “cotêjo de palavras” e de expressões de cartas de Vespúcio com outras anteriores, para deduzir das semelhanças “plágios”, e das ausências provas seguras de falsidade, é um jôgo intolerável. Dessa tática se poderia usar com qualquer carta, e com qualquer nauta, tendo a paciência de rebuscar os verbalismos da época.

Em certos momentos o próprio Autor percebe a insensatez da sua campanha, e se excusa. E' pouco comum encontrar num trabalho presumidamente histórico reações como esta:

“E' strano davvero il metodo che siam costretti a seguire per difendere il Vespucci e tentare di riabilitarne definitivamente la fama! Dobbiamo essere alleati dei suoi avversari che negano codesto viaggio e combattere coloro che invece vogliono ammetterlo come realmente avvenuto perchè fanno consistere in esso il più grande merito del navigatore fiorentino” (Vol. II, pág. 65).

Mais que estranho, é absurdo e utópico. Ademais, Varnhagen, HARRISSE, FISKE, VIGNAUD e outros partidários da primeira viagem de Vespúcio, foram-nos porque o escrito por Vespúcio e a cartografia os convenceram, e não para manter de pé um mérito do florentino. Nenhum dêsses ilustres escritores era capaz de uma atitude tão oposta à retidão que os caracterizou. Não defendiam a primeira viagem para favorecer a Vespúcio; favoreceram a êste, crendo na primeira viagem. E quando Humboldt, que foi nessa época o maior apóio do florentino, não pôde aceitar o itinerário da *Lettera*, êle o disse, afastou-se da tradição e optou pelas viagens, que teriam sido: a primeira, com Hojeda, e a segunda com Lepe e Pinzon. O ponto de partida do Autor, como o temos dito, não é a sêde de justiça, senão um prurido; e sua finalidade não é dar a César o que é de César, e sim encolher sua glória para diminuir o tamanho do alvo, contra o qual se encarniçam os adversários. E' um tratado de como “tirar o corpo”, não uma crítica histórica. Nem sequer é nova essa maneira de amesquinhar-se diante do perigo. Napione, ao ler a *Lettera* em 1811, sugeriu a maneira de “salvar” Vespúcio da pecha de ter querido usurpar, com a data da sua primeira viagem, a prioridade de Colombo. Era admitir, amedrontado, que a pecha era possível. E como o havia de ser, visto que Vespúcio não ocupava o pôsto de Capitão-Mor! A receita era simples; consistia em sustentar que a carta era falsa; receita de avestruz:

“si hanno fondati motivi di credere che di un solo viaggio, cire di quello che nella relazione stampata in Lorena e detto secondo, se ne sieno formati due, nel qual caso mal potrebbe difendersi il Vespucci della taccia di essere voluto appropriare artificiosamente le scoperte di

Colombo, *se non si forse dimostrato che quel viaggi furono publicati da ignoto editore in contrada lontana e ad insaputa del Vespucci...*" (20).

Não era pouco exigir, e Napione jamais indicou êsses "motivos fundados" a que alude, nem o ignoto editor, nem o país longínquo, e se desinteressou do problema: havia dado o *mezzo* adequado; chamêmo-lo pelo nome: a impostura necessária para chegar ao fim colimado.

Um americanista ocasional, mau diletante de história, como Napione, julgou brilhante êsse método, isento de responsabilidade, e atribuindo-se o achado, escreveu com atrevimento, em 1879:

"The only way I see out of the difficulties wich surround these letters, is to say they were not written by Vespucci" (21).

Com isso se vê o pouco que êle via. Já não é unicamente a *Lettera* que por miopia mental suprime; é também *Mundus Novus*. Em vão buscará o leitor "um" fundamento do senhor Force para decisão tão radical, hostil à fama de Vespúcio. Não existe. Êle a adotou por não entender as cartas, nem os itinerários, nem os mapas; não foi por antipatia, senão de boamente, para ajudar aos estudiosos que até a "sua" chegada não tinham sabido descobrir uma solução prática. Nunca mais voltou a ocupar-se de um tema inteiramente alheio às suas atividades normais. Foi um *hobby* de um momento, como o de Napione.

Quem quer que penetre na vida e na ação de Vespúcio, sente em sua pessoa uma nobre dignidade, semelhante à de Colombo; nota íntima, superior e inimitável, concedida aos predestinados. Essa grandeza os encouraja contra a detração dos invejosos, as hipérboles dos nacionalistas, e os *mezzos* engendrados por excêntricos para salvar famas; de sorte que, se não crescem com os louvores recebidos, também não os atingem os insultos. Sobram hoje os terranovas.

Não pensa assim o Autor, e com os pés nas pegadas de Napione e de Force, escreve para reabilitar Vespúcio. O holocausto é agora a desqualificação da primeira viagem. Não desmente essa façanha de 1497 porque tenha "provas" de que não se realizou, mas porque aceitá-la apresentava "um Vespúcio destinado a permanecer até o infinito exposto aos golpes da crítica". Para esquivar êsse risco, inicia seu fogo de artilharia:

"...tutto questo racconto del primo viaggio ha tutta l'aria d'esser stato raffazzonato, amplificato con riempitivi ed espedienti che non hanno nessun valore e che

(20). — *Am. I. b. II. Vol. II, pág. 275 (Exame Crítico. Florença, 1811).*

(21). — *Some observations on the letters of Amerigo Vespucci. Cincinatti, 1779.* "O único caminho que vejo para sair das dificuldades que cercam estas cartas, é dizer que elas não foram escritas por Vespucci".

colpiscono per la loro futilità e ingenuità. ” (Vol. I, pág. 223).

No seu intento de demolir ao mesmo tempo a carta e a viagem, complica o problema, sem trazer, em momento algum, uma justificação apreciável. Mero palavreado. Varnhagen e outros críticos indicaram que Paria era um êrro, e que as caravelas não foram a êsse ponto, senão a Lariab, como o descreve o florentino. Alega o Autor que foi uma substituição “voluntária”, e citando o itinerário e aquelas 870 léguas por N. O., que todos os escritores reconheceram como êrro, empresta subtileza máxima ao falsário-títtere de que lança mão quando se encontra em dificuldades:

“il falsario ha modificato e distribuito diversamente alcuni episodi e mutati alcuni nomi per mostrare che si tratta de un itinerario diverso cosi non ha avuto nessuno scrupolo a inventare una direzione de N. W. mentre in realtà avrebbe dovuto essere di S. E.” (Vol. II, pág. 92).

Um itinerário “diverso” de qual? Do de Colombo? Quer o Autor fazer-nos crer que o falsário também previa a luta de precedências e a ela se anticipava? Nesse negócio de simular um itinerário “diverso”, não há dúvida de que “alguém” *non ha avuto nessun scrupolo a inventare...*

Passa a seguir ao Processo do Fisco contra Colombo, no qual já se havia observado a ausência de qualquer menção da viagem de 1497. A tese de Vignaud, de que as autoridades espanholas procederam dessa forma por terem algum interêsse em não lembrá-la, parece a hipótese mais plausível. O Autor salta por cima do fato de que nesses anos (1513-1515) se multiplicavam as edições e traduções de *Mundus Novus*, da *Lettera* e sua versão latina, e atreve-se a transladar para “êsse” tempo e o “seu” desprezo por elas... Assistimos, assim, à seguinte acrobacia:

“ne il Fisco credette di valersi degli elementi forniti dalla Lettera ne gli amici o parenti di Colombo sentirono il bisogno de impugnarlo, perchè a quel documento non si dava nessun valore ufficiale considerandosi da gente che discuteva di interessi reali, como aprocrifo... (Vol. II, pág. 95).

Onde está a fonte dêste categórico asserto? Pois, em parte alguma, senão no afã do Autor de desprestigiar a carta; e isto só, numa prova equivale a zero.

b). — *A cartografia da primeira viagem.*

Um indício que para o autor se presta a uma acusação de falsidade, é a ausência da Flórida nos mapas que derivaram das

viagens de Vespúcio. Quer dizer com isto que, “se” a houvesse descoberto no “seu” tempo, tê-la-ia registrado. A rigor, a Flórida e o Gôlfo do México aparecem com clareza nos grandes mapamundis coetâneos de Vespúcio. As viagens espanholas de 1497-1498, 1499 e 1500, as de Côrte-Real, a de Cabral e a de 1501-1502, encontram-se representadas em parte, e, em certos casos, na sua totalidade, em João de la Cosa, Hamy, Pesaro, Kunstmann II, Cavério e Cantino. Não é demais recordar que êsse tipo de mapa, salvo o primeiro, foi desenhado em Lisboa depois da terceira viagem de 1501-1502. O hemisfério meridional aparece com duas formas de costa atlântica, uma aproximada da verdadeira, SSO, em Hamy-King, Pesaro e Kunstmann II, e outra N.S. em Cavério, assim traçada possivelmente por ordem das autoridades portuguesas, para dissimular a verdadeira forma e posição do litoral. Circularam pelo exterior Cavério e Cantino, indo ter às mãos de Waldseemuller o primeiro, e a Ferrara o último, feito em segredo por um desenhista subornado, para o Duque de Ferrara. Vespúcio não tinha cargo algum em Portugal, e os mapas derivados diretamente das suas notas de bordo passaram para a Casa das Índias de Lisboa. Ali, êle não mandava nem dispunha. Não se sabe com exatidão de mapa algum traçado sob a direção do florentino na Espanha, à sua volta, ou seja entre 1505 e 1512; Egerton (1508) poderia ser dêle. Quanto a Lenox e Vinci, são globos (22).

Varnhagen, HARRISSE e VIGNAUD perceberam a Flórida em alguns mapas, considerando que corroboravam o conhecimento da costa, indicado na *Lettera*. O Autor repele êsses pareceres, julgando que procedem da vontade que êles tinham de sacrificar essa carta, nem as duas viagens sob bandeira espanhola; além disso, surpreende-se com as ausências que nota, sugerindo-lhe a sua dialética argumentos de pouca substância:

“Sicchè, come prima avevano circunavegato senza accorgersene il Yucatan, ora si compie il giro della Florida senza il minimo accenno alla sua natura penisolare; e il Vespucci, divenuto in seguito Piloto Mayor, lascierà per tanti anni che questa rimanga sulle carte un'isola di forma vaga e fluttuante, mentre neanche dopo la spedizione di Pineda (1519) sarà definitivamente dimostrato che la Florida è una penisola! E neppure si accorsero delle foci del Mississippi, nè della corrente della Florida” (Vol. II, pág. 85).

Vespúcio não foi em seguida Piloto-Mor, como pretende o Autor. A primeira viagem terminou em 1498, e êle ocupou êsse cargo em 1508, de modo que nesses dez anos não foi sua a direção da cartografia oficial. Não é exato, também, que os mapas

apresentassem a Flórida como uma “ilha de forma vaga e fluante”. Não menciona um só, no qual a Flórida apareça rodeada de água por todos os lados. A Flórida e o Gôlfo do México são os testemunhos cartográficos mais associáveis com a viagem de 1498. O leitor pôde observar o fato em *Am. l. b. II.* (Vol. I, págs. 94, 96, 102, 103, 104 e 105), e novamente o demonstram as reproduções aqui oferecidas. *Cavério* indica claramente o Iucatã, o semi-círculo do Gôlfo do México e a Flórida, e, como êle, *Waldseemuller* 1507 e *Ptolomeo* 1513. *Angleria* 1511 assinala também grande parte dessas regiões, e embora chame à Flórida *ilha de Beimini*, não lhe dá forma de ilha.

O Autor dedica pouca atenção a êsses mapas, preferindo exaltar *Cantino*, provàvelmente porque êste só indica uma parte da Flórida, omite o Gôlfo do México e ajuda a sua tese. *Cavério* a põe por terra, e por isso ocupa-se dêle de má vontade, tachando-o de cópia, e numa nota perdida (Vol. II, pág. 102) alega, contrariando o visível, que *per l’America Centrale e settentrionale* é *come la carta de Cantino*, o que é falso. Como é sabido, por um memorandum do embaixador ao Duque de Ferrara, de novembro de 1502, o mapa de Cantino foi feito para êle por um desenhista comprado. Não existe antecedente algum que vincule êsse contubérnio a Vespúcio. E é óbvio que tanto o diplomata quanto o cartógrafo desleal, deveriam ter guardado silêncio. Todavia, o Autor se empenha em que — por não se ter feito a primeira viagem — faltam em Cantino indicações, ou sobram erros, o que não teria ocorrido se dita viagem se houvesse efetuado. Mas como são singulares tais conceitos! O florentino não teve arte nem parte nos assuntos da Casa de Lisboa, onde êsse mapa foi traçado e entregue. O desenhista podia ter-se inspirado clandestinamente em esboços de Vespúcio de 1498, à sua revelia, “quatro anos depois da viagem”, sem consultá-lo, nem confessar-lhe o que fazia. Harris se carecia de base para supor que o florentino reviu o mapa, e tratou dêle com Cantino; nessa intriga, tudo deve ter sido subreptício, tirado do Arquivo da Casa às escondidas.

Pergunta também o Autor como pode ser que Vespúcio, já Piloto-Mor, não tivesse tido em conta a viagem de 1497, para inscrevê-la no Padrão Real, lembrando que a primeira carta espanhola depois de Juan de la Cosa, de 1500, é a Carta de *Turim* de 1523, que, a seu juízo, indica a Flórida como ilha. Com esta insídia, quer êle dizer que se Vespúcio houvesse feito a viagem e visto a Flórida, tê-la-ia registrado. O fato de não figurar como península revelava, no seu modo de entender, ausência da viagem, seu tema de sempre. Devemos ter presente que a inferência é falsa. O florentino dirigiu o serviço hidrográfico e cartográfico de Espanha entre 1508 e 1512, e só se lhe podem imputar, fora dos mapas de 1502 e os alemães derivados diretamente dêles, *Egerton* 1508 e *Silvano de Éboli* 1511. Existe também a *Angle-*

ria 1511, já mencionado, e êste mostra a costa do Gôlfo do México e, embora mal, a Flórida, com o nome de Beimini. Outro mapa espanhol falta na lista do autor: antes do de Turim 1523, conquanto alheio a Vespúcio, o planisfério de Jorge Reinel, de 1518. Êste cartógrafo português trabalhou em Sevilha para Carlos V, na época da viagem de Magalhães, preparando, com outros desenhistas, os mapas que havia de levar. Neste planisfério se lê *Terra Dimini*, que confirma com seu nome e sua forma o sentido do nome de Beimini, em Angleria. E' a península da Flórida. Reinel 1518 e Angleria 1511 são dois mapas feitos na Espanha com dados procedentes de Sevilha, que assinalavam a península antes de Turim 1523. Êsse planisfério é deficiente nos quatro continentes, e não há segurança de que haja sido padrão real, conquanto, por ser o primeiro que marca o estreito de Magalhães, é provável que o tenha sido. Nele se vêem muito bem o Gôlfo do México e a Península de Iucatã; e como se tivesse dúvidas acêrca da região do Mississipi, deixa-a em branco, apresentando a Flórida desatada do litoral, ao oeste, e sem limites ao norte. Maggioro 1527 e Ribeiro 1529, confirmam com seus traçados do Gôlfo do México e da Flórida a concordância, perceptível na cartografia, entre o traçado de Cavério para essa região e a realidade geográfica.

O geógrafo norte-americano Jorge Nunn sugeriu, em 1924, e o Autor o seguiu, que a Flórida indicada em alguns mapas primitivos (e referiu-se particularmente a Cantino) não era tal península, e sim que “essa terra foi desenhada na crença de que era o continente asiático”; e acrescenta que, sendo as idéias então correntes as de Martellus Germanicus e Behaim, adotaram-nas os demais geógrafos, e a seu juízo “as terras realmente exploradas e nomeadas com a impressão de que eram o leste da Ásia foram: Cuba, descoberta por Colombo, e a costa nordeste da América do Norte, descoberta e explorada por João Caboto e os Côte-Real”. Êste é, argüe o autor, o único que se vê no mapa de Cantino (23). Para persuadir de que a terra situada a noroeste de Isabela é Cuba, vale-se de um êrro patente cometido por Waldseemuller em seu mapa de 1516, ao inscrever no que seria mais tarde os Estados Unidos, êste disparate: *Terra de Cuba Asie partis*. Chama a atenção tamanho êrro, pois nesse ano já se sabia do Oceano Pacífico, graças a Nuñez de Balboa; era público e notório que as terras descobertas por Colombo e os nautas que se lhe seguiram eram independentes da Ásia, e situadas a grande distância dela, e longe de sair-se com semelhante fantasia, teria sido natural que o jovem lorenês se mantivesse coerente com seu mapa de 1507, o primeiro que, adotando o proclamado por Vespúcio em *Mundus Novus*, de que o descobrimento era um quarto continente ignorado, mos-

(23). — *El Nuevo Mundo*, pág. 25.

tra efetivamente com o único título de América, dois hemisférios desligados da Ásia. E ali aparecem com clareza o Gôlfo do México, a Flórida e a costa dos Estados Unidos até a Virgínia. E' desculpável o êrró de Waldseemuller, mas o de Nunn não o é. Possivelmente imaginaria alguma vez o desenhista, a bordo da caravela descobridora, que tinha diante dos olhos terras e ilhas pertencentes à Ásia, mas o que êle copiava, o mais fielmente possível, eram terras e ilhas da América. . . desenhava, com os olhos fixos na realidade, as formas do istmo de Terra Firme, do Gôlfo do México, e da Flórida. E a prova de que era assim é que Contarini Rosselli (1505) e Ruysch (1508), mostram uma separação oceânica clara entre o Novo Mundo e a Ásia, idéia procedente de Vespúcio que, como Cavério, podia ter servido de base a mapas posteriores, porque se haviam inspirado no que positivamente viram os nautas e os cartógrafos.

Pode o Autor mostrar-se cético acêrca da visibilidade da Flórida e do Gôlfo do México, na cartografia de origem vespuciana. Para arrogar-se o direito de negá-lo, omitiu testemunhos e interpretou outros à sua maneira; e quando assevera:

non sembra adunque che neppure in questo campo, quello della cartografia sincrona, si possano raccogliere prove del presunto viaggio de Vespucci del 1497 (Vol. II, pág. 105).

Os próprios mapas se incumbem da desforra, evidenciando a inutilidade dos seus esforços. Pelas razões apresentadas, será nossa conclusão — até prova melhor — que as linhas perceptíveis na cartografia do hemisfério “norte”, nos primeiros anos do século XVI, derivam em parte da primeira viagem de Vespúcio, desde Iucatã até a Flórida, inclusive, e em parte dos Côrte-Real e Caboto. E se falta aperfeiçoar alguns trechos, ainda inseguros, do itinerário definido por êle na *Lettera*, revelam com estas a origem fidedigna do relato, a veracidade do périplo e as descobertas feitas nele, por Castela, em 1497-1498.

II

ELIMINAÇÃO DA 4a. VIAGEM E ERROS NAS DESCRIÇÕES DA 2a. e DA 3a.

Dom Manuel, estadista prático, quis tirar proveito imediato das léguas de costa descobertas por suas naus, na viagem de 1501-1502, e afirmar nelas sua soberania. O Tratado de Tordesilhas desestimava a precedência, ao reger-se pelo princípio de jurisdição, e, portanto, a descoberta do Rio da Prata e da Patagônia deixava Portugal sem nenhum direito. Isto não inspirava cuidados

ao Rei, por pensar, provavelmente, que Dom Fernando, com os olhos em outros problemas muito mais graves, não seria estôrvo para tão pouca coisa. Talvez teria calculado com Vespúcio, que a interminável terra bojante, na que era para êste sua terceira viagem, fenecia necessariamente num estreito, que daria passagem para outro mar, para a Índia Oriental e Ilhas das Especiarias. Antes de descrever a viagem, com a qual julgou possível atingir essas finalidades, cabe recordar que não foi gesto isolado ou impulsivo, senão medida coerente, destinada a completar um conjunto.

Em 1498, ao passar Vasco da Gama pela rota oceânica que Bartolomeu Dias lhe sugerira, por experiência própria, e que havia de levá-lo à Índia pelo Cabo da Boa Esperança, viu muitos pássaros que, voando em direção leste-oeste, o fizeram pensar na presença de terra firme, ou de grandes ilhas nas proximidades. Estava apenas a 175 léguas do Brasil, como se soube depois. Ao seu regresso, o Rei ouviu seu relato, e ao dar instruções a Álvares Cabral para a viagem a Calicute, em 1500, recomendou-lhe que navegasse, uma vez cruzada a linha equinocial, para o sudoeste, antes de girar com rumo sul-sudeste para o Cabo. Cabral descobriu as terras pressentidas entre 16 e 17 graus de latitude austral; e tão satisfatória era esta comprovação, que não pôde esperar pelo regresso para transmiti-la. Caso insólito nos anais marítimos lusitanos dessa época, sacrificou para êsse fim uma caravela, que despachou a Dom Manuel. O Rei deu prova de não menor diligência, e quando duas naus de Cabral entraram em Bezeneghe (Dacar), em viagem de regresso da Índia a Lisboa, toparam, em princípios de 1501, com as três caravelas que, sob o comando provável de Gonçalo Coelho, tendo Vespúcio a bordo, eram expedidas para a nova terra, com o fim de reconhecê-la. Sabemos já, quais foram os resultados dessa expedição de 1501-1502: nada menos que o magnífico percurso de 5 a 50 graus de latitude ao longo da costa, no hemisfério austral, e a elucidação, por Vespúcio, de que não se tratava de uma ilha, como havia pensado Vaz Caminha, nem de terra dependente da Ásia e a ela contígua, como pensavam os irmãos Colombo, senão de um continente autônomo: *Quarta Pars Mundi*.

Em outubro de 1502, celebrou o Rei um convênio conhecido em Lisboa com Fernando de Noronha, e comprometeu a Vespúcio para o périplo projetado com duas finalidades: iniciar com um consórcio de judeus conversos a exploração da terra de Santa Cruz, e buscar passagem para a Índia Oriental e as Ilhas das Especiarias, por via leste-oeste. Esta viagem, chamada pelo florentino, na *Lettera*, a quarta, era o complemento forçado dos empenhos de Dom Manuel, desde 1500, em descobrir, conhecer e aproveitar a terra da sua jurisdição. A presença de Vespúcio simbolizava o interesse científico; a companhia de Noronha, a recompensa real:

“aproveitar”. Um e outro epílogo tinham o fito de consumir um plano estatal, do qual não se pode retirar nenhum elo sem desmerecer a história dessa política. Era inevitável que, depois de cumpridas as etapas anteriores, procurasse Dom Manuel a maneira de dar à emprêsa, quanto antes, um estatuto econômico adequado. Não era homem para anular esforços, abandonando-os na metade do caminho, nem para arriscar capital sem extrair-lhe juros, e muito menos num momento de apogeu, em que tudo, tanto nas Índias Orientais como no Ocidente, ia pondo em relêvo a sua boa estrêla. A expedição de 1503 representava o contacto de um período de cautelosas pesquisas com outro de iniciativas práticas, destinadas a criar uma corrente de intercâmbio.

Tanto na costa da África como na Índia, mostravam os portugueses êsse mesmo temperamento. Era “seu” sistema. Não havia razão para que no Brasil procedessem de outra maneira, nem para que, depois de perderem homens, armas e embarcações, como havia acontecido nas navegações para a Índia, deixassem a emprêsa inacabada, e a colheita por recolher. O envio imediato de uma armada, e um contrato de arrendamento para explorar a terra, eram conseqüências sincrônicas do labor anterior, e sua coroação lógica. Era imperiosa, diríamos impostergável, a quarta viagem, descrita por Vespúcio na *Lettera*. Considerando a hora dentro da unidade do caso, impunha-se a sua realização; e quem convence não é o comentarista tendencioso que, por algumas divergências nos pormenores, suspeita que a viagem “tenha sido inventada” e tudo pretende negar, e sim quem, através de mil dificuldades, evoca-a atendo-se às circunstâncias, por modestas que fôssem. Abrir a terra de Santa Cruz ao comércio, defendendo-a — como em São Jorge da Mina e em Calicute — com fortins artilhados, capazes de proteger as naus e a população cristã, tal era o plano. Uma feitoria assinalava a posse, arraigava a bandeira, constituía base para a pregação religiosa, e era um ponto de apóio eficaz em qualquer controvérsia territorial. Em tais interêsses se inspirou a idéia da viagem de 1503-1504. Os comerciantes de Veneza e Florença, radicados em Espanha e Portugal, seguiam, com interêsse não menor que o dos diplomatas, os movimentos de Dom Manuel, cujo êxito lhe ia assegurando o monopólio das especiarias. Demais, a descoberta de vários centos de léguas de costa nova, na terra que chamavam de papagáios, com facilidade, ao que se dizia, de passar dela a Malaca, aguçava sua curiosidade e sua inquietação. Dada a eficiência da colaboração de Vespúcio na viagem de 1501-1502, calculavam que o Rei o faria donatário na terra que descobriu. Mas não foi assim. O pensamento dêsses bons mercadores, temerosos de se verem desalojados de um tráfico que por séculos havia sido dêles, pelo Mar Negro, Beirute e o Mar Vermelho, encontra-se perfeitamente refletido numa referência de Ca Masser ao Doge de Veneza, e na carta de Piero Ron-

dinelli, muitas vezes publicada. Escrevia a Florença, a 3 de outubro de 1503:

“Amerigho Vespucci arem qui fra pochi di, el quale a durato asai fatiche e avuto pocho profitto, che pure meritava altro che l'ordini. *E'Re di Portoghallo arendo le terre che lui dischopere a certi Christiani nuovi, e sono obrighati a mandare ogni anno 6 navili, e dischopire ogni anno 300 leghe avanti e fare una forteza nel dischoperto e mantenella detti 3 anni, e'ì primo anno non paghano nulla, e'ì secondo el 1/6, el terzo el 1/4, e fanno chonto di portare verzino asai e schiavi e forze vi troverano chose d'altro profitto. Di quanto seghuira vi si dira, Vostro. Piero Rondinelli”.*

Ficam claramente estipuladas nesse convênio, que há de subsistir em numerosos papéis oficiais, em Lisboa, as condições concedidas a Noronha e seu consórcio, e ratificada a que o florentino chamou sua quarta viagem. Coincide também com o fato de que a frota foi de seis navios, e que no Brasil levantaram uma fortaleza, e é corroborada pelo historiador Damião de Góis, que faz menção do périplo com Gonçalo Coelho e da perda de quatro caravelas. A severidade do juízo de Vespúcio sôbre o capitão é compreensível, quando se pensa na probabilidade de um atrito entre os dois nautas, e no fracasso do esforço tão refletidamente concertado por Dom Manuel.

Partiram de Lisboa a 10 de maio de 1503. Certos fatos dão a impressão de que as naus não navegavam de conserva, nem fizeram as mesmas escalas. Refere Vespúcio que descobriram, a 3 graus sul, a 10 de agôsto, dia de São Lourenço, uma ilha, “verdadeira maravilha da natureza, porque não tinha mais de duas léguas de comprimento e uma de largura, ilha que nunca foi habitada por gente alguma”. Foi dada a Fernando de Noronha, por havê-la descoberto (antes de Vespúcio) no dia de São João, ou seja, 24 de junho; êste nome, dado à ilha, é outro indício da veracidade do convênio. A nau do capitão-mor, de 300 toneladas, bateu, de noite, num recife ou banco vizinho, e se bem que a tripulação se salvou, perdeu-se com armas e provisões o meio principal de cumprir o plano ulterior. Malheiro Dias, empenhado em escarnecer da ação de Vespúcio, onde quer que fôsse (24), negou que o naufrágio, na forma narrada, fôsse possível ou verídica, alegando, com um mapa do século XIX à vista, que não existiam escolhos a quatro léguas da ilha Fernando de Noronha, capazes de causá-lo: “Não existem baixios ou cachopos contra os quais pudesse desconjuntar-se a capitânia, nem a quatro léguas nem a quatro milhas de Fernando de Noronha”. Tal reflexão, fortalecida por outras análogas, revela singular ignorância da luta eterna entre mar e terra. Em certos lugares, a água submerge ilhas, bocas de rios e coii-

nas, ou causa erosões que vão roendo a costa, deixando, como em Changai e Hancow, basaltos a pique; em outros, é a praia que emerge, como em Taltal, e ganha terreno continuamente, alargando-se ao pé de altas rochas. A guerra entre a água que se retira ou se eleva, e a costa que se afunda ou surge, é permanente, no Atlântico como no Pacífico, e as ilhas não constituem exceções.

Torna-se, pois, singularmente temerário, diante destas verdades, insistir, como o faz Malheiro, em que o naufrágio da 4a. viagem não pôde ser como o descreve Vespúcio, porque a rocha que êle mencionou em 1504 não figura no mapa que contemplava quatro séculos depois! Não exigem tanto tempo, êsses obstáculos, para desaparecerem. Sem recuar muitos anos, recordaremos uma queixa do viajante solitário, Vitor Dumas, que, esperando escalar na metade do caminho, entre a costa sul do Chile e a Austrália, numa ilha muito conhecida do Pacífico, verificou que, apesar de esta figurar nas cartas marítimas e nos guias náuticos, não mais existia. A admirável expedição recente, conhecida pelo nome de Kon-Tiki, que repetiu com uma balsa no Pacífico — superando-as muito em extensão — as históricas odisséias de Tupac Inca Yupanqui no século XV, e de Sarmiento de Gamboa, pela metade do XVI, informa-nos de um caso análogo de divergência entre os mapas e a realidade. Ao chegarem a 100º oeste, viram os jovens argonautas que a pouca distância estava indicado, na sua carta marítima, um escolho. Consultaram também suas *sailing directions* (instruções de navegação) e leram: 1.º, que duas vezes, em 1906 e 1926, informaram certos navegantes acêrca de arrebentações vistas a 99º 43 oeste e 6º 42 sul; 2.º, que em 1927, e últimamente em 1935, passaram dois barcos a vapor por essa coordenada, e já nada viram. Finalmente êles, em 1947, determinaram com o sextante o ponto exato e sondaram, sem resultado. A ilha havia desaparecido. Todavia, ela havia estado naquele lugar.

Malheiro tem igualmente por inadmissível que Vespúcio, permanecendo oito dias na ilha, não tivesse “visto” a esquadra nesse lapso de tempo. Argumenta que, de uma altura, teria podido observar os movimentos das caravelas, e alega que essa “mentira” se reflete sôbre a credibilidade do nauta e da viagem. Ou pôde vê-la, ou não esteve na ilha, é a alternativa, expressa desta forma: “Não é crível que Vespúcio tenha permanecido oito dias na ilha Fernando Noronha sem avistar a frota de qualquer de suas numerosas eminências”. Sabia-se, por Damião de Góis, que das seis naus, quatro se afundaram; o que continua a ignorar-se é onde ocorreu a catástrofe. Quem quer que tenha cruzado muitas vezes a linha equinocial de norte a sul e de sul a norte sabe, mesmo sem ser navegante, que a caracterizam aguaceiros quase horizontais, que cobrem o céu e reduzem a visibilidade por dias. São

muito fracos os ventos na faixa dos *doldrums* (*), mas no sul surgem êles em rajadas, que na época das caravelas as faziam virar em rumos imprevisos. Conta Vespúcio em *Mundus Novus*, a propósito da sua terceira jornada, que entre a costa d'África e a do Brasil, estiveram “quarenta e quatro dias” nas vizinhanças da linha, sem rumo, e “durante êsses dias não viram o sol, nem gozaram de uma noite serena”. Sofreram brumas e ondulação violentas, não puderam tomar alturas, nem guiar-se pelas estrêlas, e andaram à deriva. Para percorrer mais ou menos 500 léguas, navegaram, como roilhas de cortiça, mais de 1800! Foi, provàvelmente, o primeiro caso entre as caravelas que foram da Espanha à costa austral da América, mas não foi o último, pois em 1552 o *Adelantado* Sanabria manobrou mal, depois de passar as ilhas do Cabo Verde, e antes de cruzar a linha seguiu a corrente ao fio do vento, e foi parar em São Domingos.

Mas voltemos a Fernando Noronha. Vespúcio não tinha interesse em permanecer isolado da frota, e mesmo que as caravelas tivessem sido cinquenta e estivessem a duas ou três léguas de distância, bastaria um vendaval para dispersá-las em menos de meia hora, para além do horizonte, fora de vista, portanto. Se passasse a cinco léguas, de noite, também não teria visto seus archotes, nem seus sinais. Demais, depois de salvos os homens e transbordados para outras naus, para que iria a esquadra ficar reunida, parada no mesmo lugar? Sobretudo, como ancorar nessas paragens, onde o mar tem uma profundidade de 3 a 4 mil metros? Se a frota não escalou na ilha que estava na sua rota, é porque não pôde tomar êsse rumo, e se Vespúcio não a viu, é porque não havia visibilidade, ou porque não havia caravelas para ver. O próprio Malheiro proporciona, em nota, um apôio a esta conjectura:

“The wet season at Fernando Noronha prevails from March to about the middle of July, during which time it rains heavily night and day. In the first three months of the rainy season, thunder and lightning is common and heavy surfs prevail specially at Rat Island” (*The South America Pilot*, 1911). (**)

Desejamos fazer constar que Malheiro não nega a viagem; atribui o naufrágio a uma tormenta.

O Rei havia dado certas instruções para o caso de que as caravelas se afastassem umas das outras, em alto mar, e Vespúcio assim as resume na *Lettera*:

“Qualquer das naus que se perdesse da frota ou de seu capitão, fôsse à terra que na viagem passada desco-

(*) . — Têrmõ usado por marinheiros para designar as zonas tropicais de calmarias e ventos variáveis. (*Nota do tradutor*).

(**) . — “A estação úmida, em Fernando de Noronha, vai de março até cêrca da metade de julho; durante êsse tempo chove pesadamente, dia e noite. Nos três primeiros meses da estação chuvosa, raios e trovões são comuns, e grandes ressacas predominam, especialmente na Ilha do Rato”. (*Notas do tradutor*).

brimos, em um pôrto a que chamamos Bahia de Todos os Santos, e prouve a Deus dar-nos tão bom tempo que em 17 dias fomos tomar terra ali, que distava da ilha cêrca de 300 léguas, onde não encontramos nem o nosso capitão, nem alguma outra nau da frota”.

Desta cláusula previdente de Dom Manuel, surge clara a freqüência com que os azares do mar apartavam as caravelas umas das outras, e as impediam de se reunirem. Basta, aliás, ler livros de bordo de antigas navegações para compreender que, segundo a fôrça das corrente oceânicas, a claridade da luz, a velocidade e direção do vento e a magnitude das ondas, podia, ou não podia, uma frota de caravelas, tomar altura, dirigir-se para onde pretendia, voltar atrás, franquear uma passagem, não separar os barcos da vista da costa, ou penetrar num rio. Vêmo-lo com Álvares Cabral, que perdeu cinco naus na costa da África; com esta catástrofe de quatro barcos de Gonçalo Coelho; com a de Magalhães, de Loyasa, de Alcazaba, de Camargo, de Ortiz de Zárate, e sobretudo com as múltiplas e terríveis vicissitudes de Sarmento de Gamboa, quando quis povoar o estreito. O furacão, com seus ventos indomáveis, era para estas frágeis embarcações um pesadêlo; mas uma calmaria era pior, pois as transformava em boias indefesas, que andavam em árvore sêca por tempo indefinido, durante o qual podia faltar-lhes água. De noite tudo se agravava; os pilotos não tardavam a conhecer as estrêlas austrais e a usá-las como bússola em noites claras e serenas; mas com uma abóbada de nuvens negras, nada podia fazer o piloto.

Em suma, nessa época via-se e andava-se como se podia, e não de acôrdo com a vontade. As desfigurações de Malheiro Dias, nas quais pensamos ao evocar estas circunstâncias concretas, recordam-nos, com suas desorientadas insídias, essas caravelas que navegavam sem rumo em noites sem lua, debaixo de chuvas e relâmpagos, até soçobrem no oceano.

Nesta quarta viagem, a mesma pobreza de aventura clama contra o absurdo da invenção de um falsário. E' possível que Vespúcio tenha guardado reserva sôbre algumas circunstâncias, por temor às contundentes represálias que o contrôle do estado soia usar; não se esqueceria de que Lepe perdeu assim a cabeça, e que a Solis pouco faltou para que lhe sucedesse o mesmo. Evitou, pois, o florentino, ser explícito na sua carta a Soderini. Levava-a um certo Benvenuto, que “por ter visto e ouvido tudo” lhe contaria “as coisas que excusava... para evitar prolixidade”. Prolixidade, ou protestos que seria perigoso expressar? Estas precauções, longe de infundir dúvidas acêrca da correção de Vespúcio, revelam uma prudência mais que justificada com um soberano susceptível e vingativo como Dom Manuel.

Depois de esperar na Bahia mais de dois meses, com o barco de conserva que a êle se reuniu na ilha, navegou 260 léguas, o

que o teria levado, segundo diz, aos 18° sul. Estando a Bahia a 13°, é difícil aceitar a relação entre as léguas e a latitude, sobretudo quando declara que se encontrava a 37 graus ao ocidente do meridiano de Lisboa. Estando essa cidade a 9° leste, o ponto em que se encontraria era 46° oeste, e a coordenada mais racional cairia em São Vicente, ao redor de 24°. Foi ali, provavelmente, e não no Cabo Frio, como pensou Humboldt, onde se deteve com sua gente. Construíram uma fortaleza, base defensiva da feitoria, e logo 30 homens se introduziram quarenta léguas pelo oeste. Não diz se foi para conhecer a terra, ou inquirir, os de Noronha, sobre as possibilidades de rendimento da região. Esses exploradores anônimos foram os primeiros a conhecer as riquezas naturais de São Paulo de Piratininga.

As seis naus originais constituíam uma frota suficiente para cumprir, no Brasil, as condições impostas, e deixar ainda um saldo de gente e de elementos, capazes de seguir para a Índia e para as Ilhas das Especiarias; mas a sua redução a duas naus o impediu, não só pela falta insubstituível de armas, remédios, vinho e bolacha, inexistentes no Brasil, senão também porque a segunda etapa do périplo: achar o estreito, atravessá-lo, cruzar o outro mar, e depois combater na Índia, era a parte mais perigosa, e teria sido suicídio enfrentá-la com duas caravelas. Aos cinco meses decidiram regressar; e deve ter sido um amargo pesar para Vespúcio o ver-se forçado, pela segunda vez, a suspender a procura da passagem por S. O. Mas que outro recurso lhe ficaria? Um fato com vistas ao porvir, como o de deixar na fortaleza 24 soldados, coincide com cláusulas do convênio Noronha, concorda com o que soiam fazer os portugueses ao se estabelecerem na costa da África e na Índia, e robustece de forma incontestável a veracidade da viagem e o relato que a descreve.

Conta Vespúcio que levaram 77 dias no regresso, e que entraram em Lisboa a 1.º de junho de 1504, mais de um ano depois de se terem feito ao mar. A cidade, seguramente informada do sinistro por alguns sobreviventes das quatro naus afundadas, saiu a recebê-los, alvoroçada porque duas caravelas, pelo menos, se haviam salvo. Quantos e quantas se abraçariam, que não esperavam tornar a fazê-lo!

A viagem foi um descalabro; não honrou, nem beneficiou a ninguém; prejudicou o Rei, ao impedir, por anos, seus propósitos de colonização; causou graves perdas a Noronha; frustrou o único desígnio que interessava ao florentino, isto é, dar com a passagem do Ocidente para o Oriente; e representa, nos anais das descobertas, um dos mais patéticos e decepcionantes reveses.

Nas nove pequenas páginas que o Autor consagra a êsse périplo (Vol. II, pág. 227-236), não oferece "uma" causa para justificar sua eliminação. São tão caprichosas as suspeitas, e tão minúsculas as máculas de falsidade, quanto as que são apresentadas

por Malheiro, em quem se inspira. Mas existe, entre o inimigo português de Vespúcio e o seu partidário italiano, uma diferença considerável. O primeiro reconhece provada a viagem, e aceita-a, crendo que os fatos foram diferentes; não duvida de que houve naufrágio, mas que este não se produziu contra baixios: um capitão-general português era, no seu juízo, incapaz de semelhante disparate! Foi por causa de uma tempestade; e se Vespúcio não se reuniu à frota, foi porque assim o quis, pois desde uma elevação da ilha podia tê-la visto, e podia alcançá-la. Os mesmíssimos pontos de apóio são utilizados pelo Autor, com estas expressões:

“Ma è da premettere che non esistono scogli o banchi a N. E. a quella distanza (4 leghe) se mai ve ne sono, e molto piú vicini a SW.” (Vol. II, pág. 229).

Para êle, tampouco existem escolhos em que pudesse afundar-se a capitânia, e agora veremos que, havendo alturas na ilha, podia o florentino, se o quisesse, seguir com a vista a esquadra e unir-se a ela:

“l'isola ha qualche altura, fra le altre una che raggiunge i 190 m.; e la distanza del luogo del naufragio non era certo tale che il Vespucci non potesse essersi accorto da sè che le navi se n'erano andate, perchè, naturalmente, non possiamo supporre ch'egli si fosse disinteressato del resto delle navi” (Vol. II, pág. 230).

A circunstância de deixar 24 homens no forte é também uma *circostanza sospetta*. O que Vespúcio escreve das 260 léguas andadas, e das 6 naus e da fortaleza, isso é, para o Autor, copiado *di sana pianta* de cartas de Empoli e de Rondinelli. E sem mais aquela, onde Malheiro Dias pôs em dúvida nada mais que a veracidade de uma parte do conteúdo da carta, o Autor, que antes negou a carta, agora nega a viagem, com esta frase cortante que só se estriba na sua vontade:

“In somma, è a ritenere che il navigatore fiorentino abbia compiuto un sol viaggio in servizio del Portogallo” (Vol. II, pág. 236).

Ao expelir da história a *Mundus Novus*, a *Lettera* e as *Quattuor Navigationes*, e ao acusar de mentirosas a primeira e quarta viagens, Magnaghi deixa a Vespúcio, depois dessa *operazione non ancora immaginata*, maneta, côxo, vesgo e desidratado! São tão desastrosas as conseqüências desse tratamento, que o veremos aplicar-se para devolver ao paciente, com tónicos igualmente empíricos, algo do vigor que lhe subtraiu.

IV. — INDENIZAÇÕES E ERROS NA EVOCAÇÃO DA 2a. E 3a. VIAGENS.

A que para a tradição foi a segunda viagem de Vespúcio para o Ocidente, é, na tese reduzida do Autor, a única feita a serviço de Espanha. Quanto menos evidências lhe assistem, mais altissonante é o tom com que afirma. Tal é o *ukase* com que remata suas temeridades:

“L’única soluzione che s’impone (as soluções são para êle sempre únicas e categóricas) è che il Vespucci non pensó affatto a descrivere in uno solo due viaggi, ma che nella lettera al Medici egli descrise un viaggio solo, l’unico fatto al servizio della Spagna” (Vol. II, pág. 125).

E recai na conclusão que desde a premissa vinha premeditada para favorecer a carta de 18 de julho de 1500 e repudiar a *Lettera*:

“Questa è il vero, unico e autentico documento che riguarda i viaggi, o meglio il viaggio di Vespucci su navi spagnole” (Vol. II, pág. 125).

a). — A 2a. Viagem e as compensações.

A ênfase não substitui as provas, e a ausência destas desqualifica negativas e assertos, sangrias e audácias indevidas. Pretende atribuir a Vespúcio, nesse périplo de 1499-1500, a hierarquia de capitão-general; atribui-lhe a invenção de um método para medir longitudes, e antecipa para êsses anos o conceito de continentalidade do novo mundo e da sua independência da Ásia, que não teve até a descoberta da costa austral entre 1501 e 1502, e que não assinalou até sua carta *Mundus Novus*, de 1502. Bem se poderia chamar, a êste jôgo de transposições, uma malversação de fundos documentais! Persiste o Autor no sistema de enunciar perguntas para respostas premeditadas. Não vacila diante desta, que é desconcertante:

“...ma chi ci dice che il capo non fosse il Vespucci stesso? E da che risulta che il comandante fosse Hojeda?” (Vol. II, pág. 139).

O leitor recordará a cândida explicação, que deu, de como se falsificou a *Lettera*: foi uma travessura de falsários, para dar ressonância ao nome do florentino, e obter, além disso, que Florença, para não ser menos que Gênova, também inscrevesse no seu haver quatro viagens. E juntava a esta prodigiosa infantilidade: *E così nacque la Lettera al Soderini!* Esta distribuição de trivialidades para indenizar, é realmente fabulosa.

Que Vespúcio não dirigiu as quatro expedições com o título de Capitão-Mor, dado pelas autoridades de Espanha ou de Portugal, depreende-se das próprias cartas, e dos fatos seguintes: 1.º) — ao referir a primeira e a segunda viagens, tanto na carta de 18 de julho de 1500, como na *Lettera*, não alude, em momento algum, à sua chefia, nem pretende haver comandado; 2.º) — o processo dos herdeiros de Colombo estabelece, com testemunhas, que Hojeda dirigiu a viagem de que participou o florentino, e isto é repetido pelos cronistas; 3.º) — consta de outros documentos que o cruzeiro foi confiado oficialmente a Hojeda, pelo Bispo Fonseca; 4.º) — nem na carta de Cabo Verde, nem na de Lisboa de 1502, nem em *Mundus Novus*, nem na *Fragmentaria*, nem na *Lettera*, vale dizer, em tôdas as cartas em que narra o itinerário da viagem portuguesa de 1501-1502, formula a menor insinuação de que houvesse saído de Lisboa com o pôsto de Capitão-Mor; 5.º) — na *Lettera*, em troca, acrescentando pormenores às anteriores, faz saber que a 15 de fevereiro, um conselho de oficiais lhe confiou temporariamente a escôlha do rumo; êle mesmo informa, mais adiante, que depois de 7 de abril, o Capitão-Mor dirigiu o regresso a Portugal; 6.º) — na resenha da 4a. viagem informa que êle era capitão de “um” dos barcos, e explica medidas do Capitão-Mor que não lhe pareceram acertadas.

Houvesse tido Vespúcio categoria de chefe na viagem de Hojeda, não teria sido rebaixado nas seguintes. Se houvesse sido Capitão-Mor de três naus na expedição de 1501-1502, tampouco lhe teriam os portugueses confiado “um” barco na quarta expedição. Certo é que, segundo a tese do Autor, a quarta viagem teria sido inventada. Mas se isto foi engendrado pelo florentino travesso que fabricava cartas como as mexicanas fabricam *tortillas* de milho, por que teria imposto a Vespúcio um cargo inferior ao que, segundo o Autor, teve nas viagens de 1499 e 1501-1502? Não era a ambição suprema dêsse falsário favorecer o nauta e dar ressonância ao seu nome?

Não existe um dado conhecido que permita dar a Vespúcio o pôsto de Capitão-Mor nas expedições de Espanha. Que saibamos, Colombo foi o único caso de estrangeiro com mando exclusivo, pois Magalhães tinha Cartajena como segundo, e Caboto foi, na sua missão de socôrro, muito rodeado de oficialidade espanhola. Quanto a Portugal, se desde a época do Infante Dom Henrique admitiu em suas caravelas nautas, cosmógrafos e pilotos de qualquer nacionalidade, não lhes confiava a direção. Empenhado o Autor em que Vespúcio tinha de ser chefe, excede-se na sua dialética:

“D'altra parte se Vespucci avesse avuto una posizione subordinata, e se da questo viaggio non fosse ritornato con resultati di notevole importanza, come avrebbe poi ricercata l'opera sua il Re di Portogallo, e come gli

avrebbero pochi anni dopo affidata la carica di Piloto Mayor?" (Vol. II, pág. 139).

Não existe relação entre essas proposições condicionais e as conseqüências que pressupõe. O florentino podia ter sido a bordo cosmógrafo, astrônomo, cartógrafo ou cronista, e semelhante cargo não é posição de subordinado. Demais, sendo próprias as observações feitas, foi suficientemente clara e elevada a sua parte, para que o Rei de Portugal ouvisse falar dela, e requisitasse seus serviços na alta viagem projetada.

Quanto ao Rei de Espanha, temos a prova incontrovertível de que punha seus conhecimentos científicos acima dos demais nautas do seu tempo, no fato de que, depois das suas quatro viagens, lhe deu o cargo de Piloto-Mor; função monitora que exigia competência astronômica, autoridade em matéria de navegação, técnica de descobertas, e a arte da sua representação gráfica.

No afã do Autor de elevar aos cornos da lua a participação de Vespúcio na viagem de Hojeda, é tão fora de razão como tirar-lhe o que lhe pertence na terceira, e aplicá-lo a êste. Atende, sem dúvida, à decisão de devolver-lhe com a mão esquerda algo do que arrebatou com a direita. Procedo como as grandes potências, quando nos litígios internacionais se aproximam a outras, para incitá-las a transigir, cortando, segundo o caso, até equilibrar interesses, como fizeram os mediadores em Dantzig e em Trieste. Acaba derramando-se em êxtase verbal diante da transcendência desta segunda viagem. Vespúcio é o primeiro que realiza *un viaggio in grande stile*. De igual estilo foi a de Hojeda, com a diferença de que êste teria aportado na baía do Oiapoc, e o florentino a 6º na costa do Brasil, sendo comum que as arribadas fôsem meras conseqüências de correntes e ventos. Atribui-lhe o ter percorrido a costa desde o Cabo São Roque *quasi alla regione degli istmi*, o que é inexato. Nem Vespúcio, nem Hojeda, de acôrdo com a *Lettera*, passaram então da baía de Coquibacoa, na Venezuela, e dali zarparam para Haití. Tampouco cabe outorgar-lhe, como o faz, o título de descobridor do Amazonas. O grande rio, que descreve no princípio do seu percurso, era o Maranhão (atual Mirim). O primeiro a ver e navegar o Amazonas foi Vicente Yañez Pinzon, como é bem sabido. E' um dos pontos melhor averiguados dessas sucessivas viagens espanholas à costa do Brasil, entre 1499 e 1500. Deixaram documentos oficiais e testemunhos gráficos, que o leitor encontrará reunidos em *A. I. b. II*. (Vol. I, pág. 114-122 e 123-134). O comprovante mais convincente é a cédula real de 5 de setembro de 1501, na qual, ao outorgar D. Fernando a Vicente Yañez Pinzon uma nova capitulação, recorda-lhe sua descoberta do Rio Grande de Santa Maria do Mar Doce, mais adiante chamado Amazonas (*Am. I. b. II*. (Vol. I, pág. 266). Não resta dúvida que em suas viagens Vespúcio precedeu a Pinzon e a Lepe, e que no descobrimento do Brasil sua caravela precedeu

a de Cabral, assim como ninguém discutirá que êle apreciou hàbilmente o valor de uma conjunção de Marte com a Lua, para o problema da longitude, que o apaixonava. E' inteiramente contrário ao escrito pelo próprio Vespúcio o atribuir-lhe ter formado, nessa viagem,

“...una convinzione nuova: che sarà possibile, si, arrivare per questa via al paese delle spezie, ma girando una terra che non è piú l'Asia, sibbene un continente a sè, un mondo nuovo”. (Vol. II, pág. 165).

E' supérfluo que o Autor se esforce em prodigar ao florentino o que não lhe pertence; teria sido preferível deixar-lhe o muito que se extenuou em arrancar-lhe. Vespúcio não emprega na carta de 1500, nem na *Lettera* ao referir-se à 2a. viagem, uma única expressão que autorize tal deslocamento de suas idéias. Diz na carta de 1500 que seu desêjo

“era ver se podia dar volta a um cabo de terra que Ptolomeo chama o Cabo Categara que está unido com o Grand Gôlfo, já que, em minha opinião, não estava muito longe dêle, segundo os graus da longitude e latitude...” (El N. M. pág. 99).

Isto é o que Vespúcio revela acêrca dos seus propósitos. Julgava, pois, como os Colombos, estar a pouca distância de Categara, e que a terra firme, pela qual haviam costeado,

“era o confim da Ásia por parte do Oriente, e o principio pela parte do ocidente” (El N. M., pág. 111).

Recordando o percurso, dizia que navegaram

“treze meses correndo imensos perigos e descobrindo muitíssima terra de Ásia” (El N. M., pág. 121).

Está claro? Em resumo, não se afasta da idéia, comum nessa hora, de que as ilhas descobertas por Colombo, e a terra firme descrita, pertenciam à Ásia.

Continente e Mondo Nuovo aparecem escritos “pela primeira” vez em 1502 na carta *Mundus Novus*, depois de ter tido o florentino, diante da costa sem fim da Patagônia, na viagem de 1501-1502, a referida noção de continentalidade. Então, sim, teve fé de que estava diante de um *mundo novo*, e dali brotou o têrmo *quarta pars mundi*, em que ninguém jamais havia pensado antes. Ao negar o Autor a autencidade de *Mundus Novus*, compreendeu que êstes conceitos, gloriosos para Vespúcio, ficariam perdidos, e os applicou à viagem anterior. Essa artimanha fracassa; o próprio Vespúcio, na carta de 1500, cujas frases temos citado, a condena. Perde tempo, pois, o Autor, ao asseverar que nessa viagem de Hojeda o florentino

“...concepisce, per la prima volta, il progetto di raggiungere, sia pure con modalità destinate a subire modificazioni, il paese delle spezie passando per il Sud; quello stesso progetto che per iniziativa del Vespucci fu poi proseguito dalla Spagna, per un vintennio, e doveva esser raggiunto col viaggio, così ricco di conseguenze inaspettate, di Magellano.” (Vol. II, pág. 169-170).

Vespúcio concebeu a passagem do Ocidente para o Oriente, pelo sul, e a Espanha aderiu a êsse pensamento, valendo-se primeiro de Solís, e depois de Magalhães, para realizá-lo. E', como disse Vignaud, um dos grandes títulos do florentino à admiração da posteridade. A artimanha de remover êsses conceitos do seu exato momento, e fazê-los retroagir à viagem de Hojeda, torna-se clara e evidente, e é um exemplo de despistamento.

A história dirigida é pior do que a romanceada, pois esta, com o seu honesto adjetivo, mostra o que é; em troca, as manobras verbais são artifícios, e quando lemos, à guisa de epílogo fátuo:

“Ora con tutto questo mi sembra che ve ne sia già abbastanza per *indennizzare* noi estessi della rinunzia al primo presunto viaggio del 1497...” (Vol. II, pág. 170),

Não existe outra réplica a essa crença ingênua senão erguer os ombros e sorrir, como fazemos diante das demonstrações dos ilusionistas, pois *tutto questo* que êle quis enxertar na história, para *indennizzare*, “não é história”, e sim um truque incluído na *operazione immaginata*.

b). — *Erros e incertezas no quadro da terceira viagem.*

As revelações de *Mundus Novus* tiveram entre cosmógrafos e geógrafos uma influência digna da descoberta de Vespúcio. Repercutiram na Europa através das edições e traduções das cartas, e é de lamentar que a lembrança de repudiar um documento tão assombroso, tenha induzido a alguns críticos a equiparar a redução de semelhante fonte histórica a um rasgo de objetividade.

Atém-se o Autor ao itinerário SSO da carta de Lisboa de 1502, mas empobrece o relato da viagem pelo fato de prescindir de minúcias da importância de *Mundus Novus* e da *Lettera*. Estamos com Quintela, Groussac e com êle quanto ao rumo do percurso, exceto em que leva Vespúcio, sem nenhum fundamento, até o Golfo de São Julião, a 50°, e nós, de acôrdo com a cartografia e cartas citadas, ao Rio Cananor, a 46 ou 47°. Seus erros convergem em identificar Cananor com Cananéia, vacilar diante da equivalência Jordan-Rio da Prata, silenciar perante a exploração e o batismo do rio, e desconhecer o sentido de Pinachullo Detentio e Santo Antônio.

Começa cogitando de quais seriam os vínculos do florentino com a Espanha, e quais os motivos de Portugal ao procurá-lo. E' um solilóquio com perguntas e respostas, dúvidas e hipóteses,

amiúde alheias ao tema, ou supérfluas. O convite por intermédio de um Giocondo, que para êsse fim se teria mudado para Sevilha, seria invenção de um falsário; intriga-o, ademais, a anuência do florentino a uma viagem que, a seu juízo, podia ter contribuído a

“mettere il Portogallo in possesso della nuova via di SW in modo da distruggere per sempre ogni speranza della Spagna” (Vol. II, pág. 181).

Comenta o fato de que a rainha Joana, ao conceder a Vespúcio, em 1505, a nacionalidade espanhola, invocou sua fidelidade e seus bons serviços. Isto lhe parece irracional; não pode ser; deve ter havido outras causas que não a viagem caribeanca — pois, para êle, foi a única — e, como de costume, baralha em sua imaginação suspeitas incriminadoras, até deter-se na mais excêntrica:

“il Vespucci navigò, si, agli ordini del Portogallo, ma in realtà, per tacito accordo, in qualità di osservatore per conto della Spagna... serviva... il Governo spagnolo...” (Vol. II, pág. 183).

Maquiavélica missão se depara ao seu compatriota, com essa duplicidade. Não tardou um adversário em tirar partido dessa leviandade, e chamar as coisas pelo nome. Esta hipótese, que para o florentino resulta tão ofensiva, julga-a o autor, todavia, mais plausível do que o asserto da *Lettera* — que para êle é falsa — segundo a qual Giocondo o teria procurado, oferecendo-lhe mercês do Rei para sair em viagem de descoberta. Avulta também, as conseqüências calculáveis do concurso de Vespúcio; seu auxílio não pôde destruir a esperança da Espanha, de passar ao Oriente pelo Ocidente. Mesmo quando êste tivesse descoberto o estreito e o Pacífico, nessa viagem, não teria alterado o fato a convenção de Tordesilhas, pela qual pertencia à Espanha o direito “exclusivo” de navegar para a Ásia pelo Oeste. Se Vespúcio houvesse seguido até o estreito depois de Cananor, e passado ao outro mar, Dom Manuel teria guardado silêncio e dissimulado essa usurpação temporária de privilégios alheios. Por sua parte Dom Fernando, ao inteirar-se, algum dia, da façanha, teria proibido a seu parente o trânsito por êsse rumo, como com todo direito lhe negou êste licitude, quando soube que a Espanha projetava mandar Solis às Índias Orientais por águas africanas. O acôrdo de Tordesilhas não era de “precedência”, senão de “jurisdição”, e não favorecia a aproveitadores.

Os soberanos espanhóis concederam a Vespúcio a nacionalidade castelhana, porque lhes prestou bons serviços em “duas” viagens; e Dom Manuel mandou buscá-lo em Sevilha pelo florentino Giocondo, para um périplo que, além de abranger a procura de um estreito austral, capaz de conduzir às Molucas, representava uma investigação do que pudesse valer a descoberta de Cabral.

Vespúcio explica de maneira muito franca sua atitude, e lamenta ter sido descortês, indo-se a Lisboa *insalutate hospite*, isto é, sem despedir-se de seus hospedeiros; mas nada, em seus antecedentes, nem neste episódio, “autoriza a imaginar” uma duplicidade premeditada, ou um contubérnio com as autoridades espanholas.

Outro desacerto do Autor aparece com relação à linha demarcadora, na cartografia. Não percebe que as deformações de Cavério e Cantino, como as de Jorge e Pedro Reinel, e o Planisfério de Turim, foram introduzidas para dar vantagens à própria jurisdição. O convênio de Saragoça resolveu, em 1529, o conflito das Molucas, mas até então os desenhistas de ambas as potências alteravam a exata colocação da linha dos mapas, para registrar avanços no meridiano do Brasil, ou no ante-meridiano do Pacífico. Devendo estar o primeiro entre 46 e 47° de longitude, e 25° de latitude, aparecia ao lado do Cabo de Santa Maria, aos 55° de longitude e entre 34 e 35° de latitude. O Autor não calculou pessoalmente as 370 léguas, nem revisou os mapas sob este conceito, e aprova os erros mais frequentes, nestas linhas:

“Dobbiamo soprattutto tener presente che la linea di demarcazione passava precisamente all’ingresso dell’estuario del Plata a circa 35° S.” (Vol. II, pág. 202).

Essa divergência de dez graus em latitude e nove em longitude entre o que supunha e o que era exato, repercute muito mal em outros juízos seus, sobre as jurisdições.

Sua incompreensão de Cananor e Cananéia é contínua. Aproxima-se da verdade, julgando que Cananor surge nos mapas “mais antigos”, mas afasta-se dela em seguida, pensando que posteriormente um cartógrafo o apagou e pôs Cananéia. Assim o rio teria estado sempre a 25°, chamado primeiro Cananor, e depois Cananéia. Os mapas desmentem este amálgama. Kunstmann II e Cavério mostram em 1502 Cananor vários graus ao sul do rio Jordão, que se enfileira em latitude com o Cabo da Boa Esperança (35°) e de Santo Antônio, que estava a 36°. Cananéia aparece pela primeira vez, segundo o Autor, em Vinci 1515, ou em Kunstmann III, que os antecessores julgaram de 1503-1504, e que estimamos ao redor de 1515, aos 25° sul. São, desde a nascente, dois rios diferentes. A cartografia que exploramos até 1500 dá-nos razão. Se é imprecisa a altura de Cananor nos mapas do primeiro período, por ser a graduação deficiente, concretiza-se depois da viagem de Magalhães entre 45 e 47°, e ali perdura. Este nauta deve ter interpretado “no terreno” o rio Cananor, presente em Cavério 1502, na *Cosmographia Introductio* de Waldseemuler, de 1508, em Ruysch, nos Ptolomeos, todos os quais podia levar consigo, mesmo que não dispusesse dos mapas lusitanos Kunstmann II e Kunstmann III. Devia ter distinguido claramente entre os dois rios. O Autor data assim os topônimos:

“Anche le carte, del resto, danno il periplo solo fino ao rio Cananor, come hanno le carte più antiche (2) o Cananea che ricorre più tardi, ch'è situata press'a poco al 25° S.” A nota 2 reza assim: “Cfr. la carta di Canerio, quella di An. del 1502 o poco dopo, riprodotta nella tav. VIII del l'Atlante del Kretschmer, la carta di G. Ruysch nel Tolomeo del 1507, di Waldseemüller, nel Tolomeo del 1513... Si ha per la prima volta Cananea nel Globo detto di Leonardo da Vinci, de 1515” (Vol. II, pág. 200).

Entre as cartas mais antigas que mostram Cananor, está Kunstmann II, que o Autor exclui, e desatende outrossim a Kunstmann III, apesar de registrar pela primeira vez Cananéia. Prova de que não percebe o valor topográfico de Cananor é a seguinte suposição:

“Forse il Vespucci, per ragioni a noi ignote, non credette oportuno rivelare la natura della costa a S. di questo punto? o forse il Governo portoghese non permise che venisse delineato un territorio che poteva trovarsi a W. della linea di demarcazione, e quindi di spettanza della Spagna?” (Vol. II, pág. 201).

Nada disto é exato. A costa espanhola está delineada até o sul de Jordão. A confusão se acentua em dúvidas que giram em tórno de conceitos que persegue e não chega a alcançar, como as mariposas que a vertigem atraí em tórno da luz:

“E così ci spieghiamo perchè le carte sincrone di origine portoghese non andavano più in là di Cananea: Vespucci poteva benissimo aver raccolto elementi sulla costa assai più a S., ma i Portoghesi avevano interesse a far figurare un confine più settentrionale non volendo far sapere che, proseguendo la costa a N. W., si stendeva una terraferma a W. che poteva esser rivendicata dalla Spagna” (Vol. II, pág. 203).

Cada palavra desta frase é contrariada pela cartografia. Vespúcio navegou mais de 20 graus ao sul de Cananéia, e êsse território está indicado nos mapas. Quando Kunstmann II e Cavério, de 1502, registam *Cananor*, alguns graus ao sul de Jordão (35°) e de Santo Antônio (36°), e quando Castiglione (1526-1527), Ribeiro (1527), Caboto (1528-1544), Ribeiro (1529) repetem *Cananor* uns dez graus ao Sul de Jordão, transformado em Rio da Prata, em Agnese (1536) não é Cananéia, que continua nos mesmos mapas, a 25°; é o rio da Patagônia, aos 46-47° de latitude, que Vespúcio alcançou e batizou como término da sua viagem.

Magalhães teve tempo de conhecer a costa patagônica e comparar no terreno os acidentes da natureza, com os que levava inscritos em seus mapas, graças à expedição de Vespúcio. Assim corrobora e precisa a localização de *Rio Cananor*, colocando-o ao lade de *Terra de Marzo*, onde invernou um mês com sua gente. A pro-

va cartográfica é decisiva, e não tardará a prova escrita. No diário de bordo da expedição Camargo (1539-1540) figura Cananor a 46° 30' sul, na ida e na volta (25). Esse é o ponto final. Em tudo quanto o Autor examina, introduz êle o conceito que o desorienta:

“Si ammette da tutti che Cananea (nome che si conserva ancora sulla costa a 25° circa di lat. S.) sia la lettera giusta, e che Cananor sia l'errore di un copista... Io credo invece che Cananea sia da escludere a priori per il semplice fatto che cananor è la forma che comparisce per la prima, e che si conserva nelle carte più antiche, da Canerio (1502) al Tolomeo del 1513; sicchè è ovvio che, se mai, fu un copista posteriore che credette di dover legger Cananea... A Cananea si arresta la nomenclatura delle carte da Canerio a Waldseemuller (1513)” (Vol. II, pág. 215-216).

Outro desacêto: Cavério, Kunstmann II, Waldseemuller 1507. Ruysch, os Ptolomeos, Waldseemuller 1516 e Schöner 1520, dizem em negro sôbre pergaminho: *Cananor*. Ali, e não em Cananéia, “que não figura” nesses mapas, “termina” a nomenclatura. O Autor julgou que Cananéia era o Cananor dos primeiros mapas, e que onde se dizia Cananor podia-se, impunemente, dizer Cananéia. Foram sempre dois rios de latitudes diferentes, descobertos em expedições diferentes. Nos primeiros mapas, que foram lusitanos, Cananor ratifica retamente as declarações escritas de Vesúcio, em suas cartas *Mundus Novus* e Lisboa 1502. Esse topônimo e Jordão desmentem o rumo absurdo SSE desde 32°, marcado na *Lettera* e na *Fragmentaria* por alguma conveniência política de Portugal.

E' provável, permita-se-nos a conjectura, que ao voltar Vesúcio do périplo de 1503-1504, estivesse Dom Manuel preocupado com a extraordinária fortuna de *Mundus Novus*, tão claramente reveladora da viagem clandestina de 1501-1502. Podia ter-lhe ordenado que em outras cartas alterasse sempre em 32° o rumo SSO, pelo SSE. Dali se originaria a modificação comprovável na *Lettera*. Nela, sim, e nesse estratagema, vibra o desêjo de esconder o prolongamento da outra viagem, mas a Casa de Lisboa descuidou a posição dos topônimos, já presentes nos mapas, e tanto *Jordão* como *Cananor* continuam revelando, hoje, o verdadeiro curso da expedição, e suas importantes escalas.

Diante do Jordão, o Autor não se afasta de uma franca incerteza. Assinalamos pela primeira vez, em *A. I. b. II.* a transposição do norte ao sul de *São Vicente* e *São Sebastião* em Cavério, Kunstmann II, os Waldseemuller e os Ptolomeos. Esses dois er-

(25). — *Relación y derrotero de la armada que de orden del obispo de Plasencia Gutierrez de Carbajal fue al estrecho de Magallanes bajo el mando de Francisco de Camargo su hermano.* (Documentos do Arquivo de Índias. Col. Groussac, Biblioteca Nacional, Buenos Aires. N.º 887).

ros serão logo corrigidos nos mapas espanhóis, pois, em virtude das navegações de Nuno Manuel, Solis e Magalhães, os nautas se inteiraram de que êsses dois topônimos estavam no Brasil, e não tornaram a colocá-los na altura do Rio da Prata. Em 1519, Maggiolo pratica uma transposição, de sul ao norte, levando para o Brasil, aos 25°, Santo Antônio, Pináculo Detentio e rio Jordão. Turim 1523 repete-a, e ademais duplica o Jordão, deixando-o também a 35°, no lugar correspondente ao Rio da Prata. Este duplo engano dos cartógrafos contribui para confundir, o Autor, acêrca do sentido exato de *Jordão*. Parece-lhe comum, e por isso diz:

“è verosimile che a un fiume in qualunque giorno fosse scoperto si applicasse il nome così sacro del Giordano”.

Pois não era comum. O *Jordão-Rio da Prata* era o único no continente meridional; o do Brasil só se repete nas oportunidades assinaladas, sem mais conteúdo que um erro. O Autor, ao completar o *Jordão* do mapa de Turim, no meio da costa, formula uma dedução exata:

“Ma qui si è conservato un nome che evidentemente era già noto per una spedizione precedente”.

Isto é o que na realidade lhe interessa: a expedição, seu rumo e seu término; não os episódios, nem as escalas, senão a prova da navegação do florentino até 50°. Na sua menção de fontes, para formar a dita prova, cita Gomara quando diz:

“O florentino Vespúcio foi enviado pelo Rei Dom Manuel de Portugal à costa do Cabo de Santo Agostinho, no ano de 1501, com três caravelas, para procurar naquella costa um estreito para as Molucas”.

Esta indicação do rumo para as Molucas, pela costa, é de suma importância, e ratifica a certeza de que a viagem do florentino, destinada à busca da passagem, não podia ser senão para SSO. Esta afirmação de Gomara é garantida pela conhecida frase de Magalhães que, estando na Patagônia invernando (na Terra de Março que aparece nos mapas de Castiglione, Salviati, Maggiolo, Ribeiro 1527 e 1529, “ao lado de Cananor”), disse à sua gente revoltada, já desejosa de voltar a Espanha; que “Américo Vespúcio havia chegado perto dali”, e que êle continuaria a navegação rumo sul, até onde fôsse necessário para dar com a passagem, custasse o que custasse (26).

Menciona o Autor também a Valentin Ferdinand, notário em Lisboa. Em 1503, teria lavrado uma ata, na qual constava que

(26). — Gomara, *História General de las Indias*, Cap. 92.

uma expedição tinha seguido quase 760 léguas ao longo da costa da terra de Santa Cruz, antes descoberta por Cabral, chegando aos 53° de latitude austral (27). Pedro Martir, para essa viagem, tinha estipulado 55° (28). Marino Sanuto anotava em seu *Diário*, na mesma data, graças a uma carta de Affaitadi, a viagem de “2.500 milhas de costa nova, descoberta sem ter encontrado o fim” (29). Poderíamos acrescentar a essas citações o mapa de Ruysch de 1508, no qual havia anotado o frade Marco Benevenuto que os nautas portugueses *pervenerunt* (chegaram) a 50° de latitude austral (30).

O Autor põe fim à sua exposição do percurso, apoiada em crônicas, sugerindo a possibilidade de que Vespúcio houvesse tocado no pôrto de São Julião, antes de virar para o regresso. Não encontramos fundamento algum para tal conjectura, pois consta, pelos mapas de Pigafetta e de Turim e os relatos de Hernando de la Torre, Lopez de Recalde e Alonso de Santa Cruz, que êsse nome foi pôsto por Magalhães (31). São muitas testemunhas contra uma suposição.

Mas voltemos de Jordão. Apesar de crer o Autor que êsse topônimo derivava de uma expedição anterior à de Magalhães, não chega a entender as escalas da viagem. Como dissemos antes, o provar a certeza do périplo, até 50°, ao longo da costa, preocupa-o mais do que a descoberta do rio. Por outro lado, não se sentia com segurança suficiente para optar entre o Jordão dos mapas derivados de Vespúcio, e o Jordão que as infelizes confusões de Maggiolo e de Turim haviam transportado para o Brasil. Não pressentiu que a solução pudesse estar num exame de todos os mapas posteriores traçados após os périplos de Magalhães, Caboto e Mendoza, pois se houvesse aplicado a êles suas interrogações, logo teria descoberto que o Jordão era o Rio da Prata, e Cananéia e Cananor dois rios a vinte graus de distância um do outro. Sua análise da cartografia relativa ao tema concreto é não só simplista no tempo, senão também superficial, e não lhe permitiu atingir uma convicção. Repele, no entanto, com êstes argumentos, a objeção formulada às vêzes, de que se Vespúcio tivesse descoberto o Prata não deixaria de recordá-lo.

“Come si è detto gli unici dati relativi all’itinerario forniti dalla lettera al Medici, sono che il Vespucci costeggiò l’America del S. sino al 50° e che in questo periplo percorse circa 800 leghe. E’ stato osservato da chi si attiene invece ai 32° di cui è cenno nella Lettera al Soderini, che se Vespucci si fosse spinto sino a 50° egli sarebbe passato dinanzi all’estuario del Plata, senza notare la corrente impetuosa del fiume, osservabile in mare

(27). — Magnaghi. Vol. II, pág. 191.

(28). — Decadas.

(29). — Diário de Marino Sanuto.

(30). — Veja-se o mapa e a inscrição, *Am. I. b. II.* Vol. II, pág. 35.

(31). — *Am. I. b. II.* Vol. II, págs. 138 e 255.

a grande distancia: fatto che non avrebbe dovuto mancare di richiamare l'attenzione di un osservatore così diligente come il Vespucci. Ma siccome in nessuno dei tre documenti che descrivono questo viaggio viene fatto cenno di qualsiasi altro elemento costiero (promontori, lagune, golfi ecc.) questo non è argomento per escludere che effettivamente il Vespucci abbia costeggiato la terra firme sino a 50° de lat. S." (Vol. II, pág. 199-200).

O Autor, que por via de regra é demasiado categórico, dá guarida agora às suas dúvidas em perguntas sem respostas, e mistura a insinuação afirmativa com a dúvida.

"Che, Portoghesi poi — e non si sa sotto la guida d'ichi altri se non del Vespucci fossero giunti all'estuario del Plata, prima di Magellano",

origina-se para êle de um testemunho de Antônio de Brito, precedente das Molucas. Em relato ao Rei de Portugal faz-lhe saber êste Governador de Ternate, em 1523, como Magalhães, na sua viagem, mandou explorar o Prata, e acrescenta:

"até este rio tienen descoberto los navios de vostra alteza".

Pergunta então o Autor:

"chi poteva essere lo scopritore? e per che gli storici portoghesi non lo ricordono?" (Vol. II, pág. 224).

Era Vespúcio, e doze anos depois, provàvelmente Nuno Manuel na viagem da *Newen Zeitung*. Procura uma luz, e como não a encontra, conserva sua perplexidade. Sua máxima fé não excede esta modesta conjectura:

"E il Vespucci, il quale certo avrà constatato che l'estuario era d'acqua dolce, e, perciò non poteva essere uno stretto, avrà proseguito verso il sud". (Vol. II, pág. 225).

A julgar por essa interpretação, o florentino "teria" visto a entrada do rio e a mudança da côr do mar; "teria" provado a água doce, e, certo de que não podia ser um estreito, "teria" aprofado para o sul. Quantas condicionais! Quanta insegurança! Vespúcio, para o Autor, ladeou sòmente o rio; assim êle passou, roçando pela verdade.

As causas da sua confusão são múltiplas, e procedem do seu repúdio das informações contidas em *Mundus Novus* e na *Lettera*; da omissão de Kunstmann II e III e de Pesaro, entre os mapas utilizados; do modo impreciso com que analysou o sentido de Cananor, Jordão e Cananéia; e do seu juízo errôneo sôbre a longitude da linha de Tordesilhas. Além disso, descuidou da influência

do litígio das Molucas, na deformação dos mapas portugueses e espanhóis; não atendeu à transposição de São Vicente e São Sebastião, do norte para o sul, e não deu importância à de Jordão e Pináculo Detentio do sul para o norte, depois.

Prolongando o exame de Cananor, Jordão e Santo Antônio, Santa Maria e Cananéia na cartografia, mais além da viagem de Vespúcio, descobrimos a evolução da toponímia derivada das viagens de Nuno Manuel, Solis, Magalhães, Loaysa, Caboto e Dom Pedro de Mendoza. Ao precisarmos o sentido dos nomes de 1502, em *A. I. b. II.*, logramos completar a versão da terceira viagem de Vespúcio com suas escalas. Nela fundamentamos as presentes críticas e dissidências.

V. — DESACORDOS DA CRÍTICA.

Se era previsível que a utopia do Autor impressionaria à primeira vista, pelos sacrifícios que livremente consente, não deixou de provocar protestos e reservas por parte daqueles que exigem que as soluções históricas, se não forem concludentes, repousem em conjecturas fundamentadas, e não em operações características da história dirigida. O Autor chamou ao seu trabalho uma nova valorização de fontes, quando, na realidade, as desvaloriza e mutila. Das cinco cartas que conhecia, quando escreveu seu livro, e outra descoberta depois, invalidou três, e das quatro viagens repudiou duas; reduzindo assim de 50% o haver do florentino. Não pareceu ver, ou se viu, não o ponderou, que seus meios de apaziguamento tiravam seu livro do domínio da história para adequá-lo a uma política pessoal de rompe e rasga. Tomar sobre si alterar as dimensões tradicionais de Vespúcio, para que, assim reduzido, passassem as balas sobre sua cabeça, era desmedida audácia, e, ainda, uma ilusão. Outra falta grave tinha esse método excessivamente cerebral. Ao escrever o florentino o relato do que presenciou, e ao confiar ao papel pensamentos destinados à difusão, não só se entregava ao gosto superior de divulgar novidades científicas grandiosas, satisfazia o desejo, natural em todo precursor, de prolongar-se na posteridade. O Autor, ao projetar sombras sobre essas cartas, ameaça destruir suas legítimas aspirações. O primeiro que se levantou contra esse atrevimento foi o ilustre erudito italiano, professor Paolo Revelli. Com tão certa pontaria despediu seus projéteis, que deixou a descoberto a falácia.

“...prima di accogliere una tesi siffata, occorre rendersi conto del come e del perchè, vivo il Vespucci, e proprio nessa sua patria dove egli contava amici sicuri, eventuali corrispondenti fidati, si sarebbe formata una tradizione intorno ai viaggi da lui compiuti, destituita d'ogni fondamento contro la quale nulla avrebbe abbietato, per quanto a noi, risulta il viaggiatore tenne per circa quattro anni l'ufficio di “Piloto Mayor” nella “Casa

de Contratación” de Sevilha, ebbe, cive, un incarico ufficiale che gli faceva obbligo de tenersi al corrente di quanto si diceva e si scriveva intorno alla scoperta di nuove terre.” (*Archivi de Italia e Terra de America*. Milano 1926, pág. 127).

O escarmento molestou ao Autor, cuja reacção tomou esta forma sarcástica:

“...todavia é verdadeiro que não se tem encontrado protestos de Vespucci contra os autores das falsificações de suas viagens, que apareceram impressas: mas espera-se encontrar qualquer coisa... nas Atas de Congressos de Americanistas realizados entre 1493 e 1512 (ano da morte de Vespucci) ou nas Revista e jornais do tempo, sobretudo no Boletim da Sociedade Geográfica, de Sevilha, dos anos em questão” (*Terra e Archivi*. Palermo, 1927).

Essa maneira de defender-se, por vias travessas, não nos surpreende encontrá-la em quem se propõe, a qualquer custo, a manter a iniciativa da agressão. Várias vezes antes havia alegado que na época de Vespúcio não era fácil desmentir falsidades, ou protestar, com eficácia, contra plágios. Varnhagen sustentou, em tempos de Santarém, que se *Mundus Novus* ou a *Lettera* foram inventadas, tê-lo-iam sido no tempo de Vespúcio, e este teria podido denunciar a fraude. O Autor não deixou passar sem chumbo esse juízo tão razoável, e no seu livro opõe-lhe estas objeções:

“come si può ammettere col Varnhagen che una pubblicazione sia autentica pel solo fatto che essendo stampata, vivente l'autore, l'autenticità viene autorizzata dal suo silenzio? o che noi dobbiamo credere che ai tempi del Vespucci si potessero smentire codeste attribuzioni di opere o di lettere, nello stesso modo con cui oggi i nostri uomini politici sogliono smentire le interviste? Il Vespucci intanto, al tempo in cui si pubblicavano il *Mundus Novus* e la *Lettera* al Soderini era in Ispagna; e chissà quanto avrà avuto notizia di queste pubblicazioni, nonchè delle *Quattor Navigationes* dell'edizione di S. Dié. Ma ammettiamo pure che l'editore gli abbia mandato subito un esemplare in omaggio! A che gli sarebbe giovato andar sulle furie per le sciocchezze che gli si facevano dire? E in qual forma avrebbe potuto protestare? Riviste e giornali erano ancora di là da venire: con una lettera o con più lettere ai suoi amici o agli editori di S. Dié? Ma questi si sarebbero guardati bene dal tenerne conto. O avrebbe il Vespucci dovuto redigere una relazione vera dei suoi viaggi avvertendo che quello che andava sotto il suo nome non era roba sua?” (Vol. II, pág. 16).

As perguntas parecem dirigidas a primários, e contêm mais interrogações que soluções satisfatórias. As cartas impressas não exigem garantia de autenticidade: a assinatura o atesta. Quando são apócrifas, com tôda certeza o suposto autor protesta. O

silêncio de Vespúcio acêrca de *Mundus Novus* e da *Lettera*, tendo-tido muitos anos para negá-las, configura a presunção de que eram legítimas. De quem devemos duvidar é dêsse bando de malfeitores florentinos, que o Autor manipula com tanta munificência. E' possível que na época não fôsse tão fácil, nem tão rápido, apresentar desmentidos como os de hoje; mas o modo de proceder era o que Vespúcio usou, ao enviar suas cartas ao Medici e a Soderini; valer-se de amigos como Loti, Benvenuto, Verdi ou outros compatriotas, que fôssem de Sevilha ou de Lisboa a Florença. Era dêsse modo que os sábios se comunicavam entre si, e repe-liam injustiças ou desonestidades de qualquer natureza.

Por volta de 1504, talvez antes, conheceria Vespúcio em Lisboa o opúsculo impresso de *Mundus Novus*, enviado em fins de 1502 a Florença, e teria visto, também, a edição latina de Paris, de 1503-1504. Desde 1508 veria em Sevilha exemplares da *Lettera* em latim, impressa em S. Dié, e receberia, nesse mesmo ano, as duas maiores honrarias da sua vida: o primeiro mapa com o nome de *América* e o cargo de Piloto-Mor de Castela. Até 1512, ano do seu falecimento, não podia deixar de conhecer êsses impressos, de ruidosa difusão, mesmo que fôssem apócrifos, e se não protestou por meio de cartas aos amigos, é porque eram autênticos. Se êle sabia reconvir, logo o veremos.

A falha principal do livro do Autor tem sua raiz exatamente na sua crença de que falsários tivessem podido publicar cartas como *Mundus Novus*, a *Lettera* e *Quattuor Navigationes*, e enganar o mundo, sem que os interessados pudessem percebê-lo, e denunciá-los. Não vamos repetir o que dissemos anteriormente, mas é fora de dúvida que era materialmente impossível escrever êsses famosos relatórios sem ter visto, ouvido e pensado o que coube a Vespúcio ver, fazer, ouvir, apreender e pensar; as cartas manuscritas então conhecidas, mesmo que pudessem cair em mãos de falsários, não bastavam para tal emulsão. Além disso, que sentido-tinha dar-se ao trabalho de mudar nomes de povoações, inventar fatos e dissimular lugares, como supõe o Autor, para melhor convencer ao leitor de que lia verdades? Para aumentar a fama de Vespúcio? Para que êles obtivessem algum proveito material? No primeiro caso, era evidente que Vespúcio não precisava dêles; no outro, também não era possível que se beneficiassem com seu ímprobo labor. Quanto ao imaginado pelo Autor, que o fizeram para que Florença se gloriasse, como Gênova, de ter um filho capaz de realizar quatro grandes viagens, cremos que ninguém lerá essa puerilidade sem protestar. Fica outra objeção: a grande dificuldade para que vários falsários, por muito capazes e cultos que fôssem, reunissem suficientes antecedentes para simular os sentimentos, o saber, a forma da inteligência, o modo de observar, o vocabulário usual, o ritmo da frase; numa palavra, o espírito de Vespúcio. A evidência de que essa tarefa era sobrehumana, e os

pontos de apoio frágeis, não detêm o Autor, e êle edifica sua tese sobre canas rachadas.

Voltemos agora à sua alegação, de que era difícil na época, por não dizer impossível, transmitir a distância notícias, reclamações, rogos ou protestos. Não esgotaremos os inumeráveis testemunhos que repudiam essa fábula tão impertinente, limitando-nos a alguns contemporâneos de Vespúcio. Em 1507, Júlio Veldico Menapio, teólogo e matemático alemão, escreve ao seu amigo Johan Hedemberg, de Tritenheim, oferecendo-lhe à venda um globo terrestre recentemente aparecido, e êste lhe responde aludindo a Américo Vespúcio, que denomina o hispano. Demonstra assim que até do seu cantinho germânico “sabia” das navegações do florentino; “sabia-o” nacionalizado espanhol, e “sabia” que o globo continha as revelações derivadas das suas descobertas (32). Waidseemuller escreve em 1508 a Ringmann, um dos colaboradores da *Cosmographia Introductio*, uma carta aberta na qual estipula a parte de cada um dêles na obra, lamentando que a sua não fôsse bem reconhecida. Aparece numa das revistas científicas da época, a *Margarita Philosophica*, publicada por Reisch (33). A 12 de maio de 1509 escreve o padre Zenóbio Accaouili de Lucca a Luis Gucciardini, em Florença, pedindo-lhe para Johan Teutonicus, astrólogo, (Schöner, segundo Mazzi) o empréstimo de uma esfera do mundo (34), e, além disso, dirige-lhe perguntas sobre as recentes descobertas. Esse interesse devia ser consequência da publicação da *Cosmographia Introductio* com o mapa da América, e a difusão de Ptolomeo de 1508 com o de Ruysch.

Os geógrafos, cartógrafos, cosmógrafos, editôres e impressores do norte buscavam suas informações em Espanha e Portugal por intermédio dos Belzares e dos Fúcares, e também na Itália, através dos frades amigos. A não ser assim, como teriam sido editados em S. Dié, em Estrasburgo, em Antuérpia, Lipsia e Nuremberga, os mapas e as publicações de Waidseemuller, Ruysch, Schöner, Boulanger, Grineus, Friers, Vadiano, Reisch, e mais tarde Mercator, Munster e Ortélio? O último caso que lembraremos é bem conhecido. Angleria fulmina em suas *Décadas* o que julga plágio de Cadamosto, e verifica-se que os parágrafos incriminados eram provas do seu próprio livro, que tinha permitido ao diplomata Trevisano copiar. Escreveu:

“Tudo isso tinha-o tirado e furtado dos três primeiros livros aos cardeais Ascânio e Arcimboldo, pensando que seus escritos nunca sairiam a público” (35).

Vemos, pois, que os homens dêsse tempo tinham, por meio de cartas e amizades, os meios de se inteirarem das novidades, co-

(32). — Magnaghi. Vol. II, pág. 280.

(33). — HARRISSE, B.A.V. Tomo I, pág. 96.

(34). — Magnaghi. Vol. II, pág. 269.

(35). — *Décadas del Nuevo Mundo* edição argentina. Buenos Aires, 1944, pág. 169.

municá-las e defender-se se se lhes tirasse o que lhes pertencia, ou se lhes atribuissem engendros alheios (36).

E' grande pena que não se tenha publicado a correspondência dessas personalidades, pois demonstraria, à evidência, a intensidade do contacto dos homens de ciência renascentistas, a curiosidade que os animava, e o entusiasmo com que transmitiam seu saber. Se continuam a existir lacunas no conhecimento dos fatos do século XVI, não procedem elas da falta de ligações, senão de insuficientes explorações nos arquivos das cidades históricas da Europa. Demais, os documentos admitidos como autênticos há muitos séculos, não têm por que reafirmar a justiça de seus títulos, diante de provocações gratuitas, e de teses abertamente arbitrarias; possuem um direito que poderia equiparar-se ao do *uti possidetis*. Cabe a quem pretenda impugná-los apresentar provas capazes de retificar o juízo cem vêzes consagrado. Provas é que fazem falta. Com pirotécnica verbal não se justificam rapsódias dêste jaez:

“E così critici e bibliografi hanno compiuto un lavoro immane intorno ai testi, hanno messo a confronto le varie edizioni, frugata ogni frase, pesata ogni parola per offrirci i dati meglio accettabili, per conciliare fra loro elementi dissimili e contraddittorii; hanno escogitato le ipotesi più audaci e, talvolta, più peregrine, per ispiegare fatti oscuri, per rettificare date inverosimili; e hanno messo socquadro biblioteche e Archivi, compilato elenchi minuziosi di edizioni, riprodotti in facsimile i documenti ritenuti più antichi e più preziosi: e tutto questo, disciamolo pure, perchè a un falsario, probabilmente fiorentino, dei primi anni del sec. XVI è venuto in mente di foggiare una lettera sui viaggi del suo compatriota, e perchè altri falsari tradussero e diffusero questo documento aggiungendovi varianti che dovevano ingarbugliare anche più le ricerche”. (Vol. I, pág. 175).

Com razão repreende resolutamente o sábio autor de *Terra de America e Archivi de Italia* esta absurda vassourada. Opõe-lhe um *non si può accettare...!!!* e sustenta que se deve chegar a

“um juízo mais justo sôbre a *Lettera a Soderini*, juízo fortalecido também pelo fato de que estudiosos como Harri-
risse e Vignaud, conservando para as quatro viagens vespucianas as datas tradicionais, têm aceitado a substância da relação que Vaglianti transcreveu depois da cópia das cartas a Lorenzo de Medici” (Revelli, pág. 130).

(36). — Os poderosos e as instituições despachavam suas cartas com correios e soldados. Vejam-se êstes exemplos, entre centenas: “pago a um soldado que levou uma carta a San Lucar a Vicente Yañez Pinzon” 1503. Pago a Pedro de Miranda, correio, por cartas levadas a S. A. em Segóvia sôbre o achado com Américo Vespúcio e Vicente Yañez Pinzon” 1507. Pago a Ocaña, correio, 4 reais de prata pelo porte de umas cartas que levou à côrte sôbre a vinda de duas caravelas de Juan Diaz de Solis” 1516. *Archivo de Indias, Col. Groussac*. Biblioteca Nacional, Buenos Aires.

Não ficou tão impune, como o Autor julgava, inventar falsários, atribuir-lhes as cartas, pretender a impossibilidade mítica de comunicar-se a distância, e dar por certa a credulidade do leitor. Os exemplos apresentados subvertem a sua tese.

A êsses desmentidos junta-se Vespúcio com uma impugnação pessoal, irrefragável: é a sua carta de 1503 (?) dirigida a um amigo, em tom de protesto contra as críticas de certos florentinos à sua carta de Lisboa 1502. Dir-se-ia uma réplica da própria história à astúcia do Autor, quando êste alega que se o florentino se houvesse sentido ofendido por uma objeção, ou um plágio, ter-lhe-ia sido difícil, no mundo daquela época, exteriorizar sua indignação. Vê-se bem nesse documento que, impacientado Vespúcio pelas dúvidas e insídias de seu correspondente, lança-lhe em rosto sua incompreensão, e queixa-se com amargura de que outros, ao comentar suas frases, tenham deformado seu sentido.

O achado, que já comentamos, da *Fragmentaria*, no arquivo da família Conti, pelo Professor Marquês Ridolfi em 1937, foi, para o edifício tão penosamente erigido por Magnaghi, algo assim como um terremoto oscilatório, dêsses que apenas deixam de pé as paredes de uma cidade. Infelizmente não se achou ainda a carta florentina que provocou essa reação, pois elucidaria minúcias da terceira viagem. Esta, em troca, configura a impugnação pública da tese de *uma* viagem para Espanha, e representa a ressurreição da primeira, negada pelo Autor:

“e cer'o é que quanta terra hei navegado ou recorrido em três viagens, que duas as fiz à parte de ocidente pelo mar oceano, tomado todavia da parte de meio-dia e do vento *lebeche*, e a terceira em direção ao austr'o pelo mar Atlântico...” (*El N. M.*, pág. 157).

Seu tom certifica ainda que se houvessem circulado em Florença, não já cepticismos ou picuinhas, no fim de contas inócuos, senão “cartas apócrifas, com seu nome”, também o teria sabido e repellido, e também teria feito circular seu protesto.

“Quanto à defesa de ter dito eu que a gente naquela terra anda nua, isto se sustém por razões naturais e porque vi tanta dela que ninguém a pode contar, e não vale argumentar dizendo...” (*idem*, pág. 157). “Quanto aqui-lo que me perguntais se com meu zênite eu havia passado o trópico de Capricórnio, a carta o demonstra... que certamente foi pergunta néscia” (*idem*, pág. 163). “*Idem*, caluniam-me porque disse que aquêles habitantes não dão valor ao ouro nem a outras riquezas que entre nós são estimadas e tidas em grande preço, arguindo que ao contrário disto temos dito que lhes compramos escravos, pergunta que me parece de tão pouco fundamento que ao responder a ela lamento a perda de tempo e gastar papel e tinta” (*idem*, pág. 165). “Quanto à descrição do clima, dizeis-me que era razão que o assinalasse mi-

nuciosamente; e disse me maravilho de vós, por não terdes respondido por mim...” (idem, pág. 169).

Veja-se se êle podia reconvir:

“não sei que ignorante vos pergunta tal coisa sôbre uma carta familiar que, a dizer-vos a verdade, me fazem vangloriar-me, por me parecer que minha carta seja tida como grande composição, tendo-a eu escrito, ao invés, na ocasião e como se escrevem as cartas familiares” (idem, pág. 169).

A fúria do Autor ao saltar êste testemunho incontrovertível de um arquivo, contribuiu para a confissão de propósitos e conceitos íntimos. Vespúcio, erguendo-se contra êle, parecia manifestar, do além-túmulo, a sua desaprovação. Percebe-se essa ressentida repulsa na réplica ao artigo em que o Professor Ridolfi comunicava a sua descoberta (37). Tinha colocado o problema num plano integralmente imaginário, e propunha-se a mantê-lo ali, por conveniente a Vespúcio, custasse o que custasse à história. Estas palavras revelam sua exaltada e extravagante atitude:

“...il nuovo documento rivelato dalla imprudente scoperta... riporta la questione vespuciana in alto mare; anzi se fosse autentica le complicherebbe ancora di più...” (38).

Colocado diante de uma alternativa que o obriga a desistir da sua negação ou a insistir nela, obstina-se, e com imprecações, realmente patológicas, chama a carta um “tumor”! Tampouco teme o ridículo, e pela “quarta vez” — isto já se tornou um método — trata o documento, a tôdas as luzes fidedigno, de apócrifo. Não lhe basta averbá-lo de *imprudente descoberta*: declara que, se fôsse autêntico, complicaria ainda mais a questão. Isto não quer dizer senão que anularia a solução tão cuidadosamente elaborada, das duas viagens, e poria de novo no tapete a validade da primeira. Exorta o Professor Ridolfi a preferir à imprudente verdade, pura e forte como uma essência, a *sua* panacéia:

“...nello stato attuale delle cose, io credo che questa mia tesi sia l'unico mezzo per liberare il grande Vespucci da ogni sombra, purchè sia accettata coraggiosamente, senza riguardi ad autorità di sorte e senza interferenza o legami con altre tradizione sinore seguite...” (39).

O leitor terá observado que não se trata de “prova” nem de “verdade”, senão de *mezzo*. No seu juízo, fôra melhor deixar em paz os arquivos 50 anos antes de produzir elementos que, como

(37). — *Archivio Storico Italiano*, 1937, Vol. IV.

(38). — *B. S. G. I. Roma*, 1937.

(39). — *B.S.G.I. Roma*, 1937, agosto - setembro de 1937, pág. 593.

êste, removem uma poção tão sedativa e bem composta como a dêle. *Imprudente descoberta*, esmagadora confissão de estrabismo ou de diplopia. “Sua” tese dirigida deve prevalecer, abandonando-se, para salvar Vespúcio, todo vínculo com as tradições seguidas, e desatendendo às verdades novas que surjam dos arquivos, se a contrariarem. Salvar Vespúcio, eis o pavilhão que arvore, antepondo-o à história. Referindo-se, ao expor seu plano, a *Mundus Novus* e à *Lettera*, havia anunciado:

“Se noi riusciamo a liberare il Vespucci dal peso di quella paternità, otteniamo lo scopo di eliminare intorno alla sua figura tutto ciò che, magari allo scopo di ingrandirlo, non è riuscito sin qui che ad esporlo ai giudizi più divergenti, e in prevalenza severi e partigiani”. (Vol. I, pág. 47).

Agora, quer de novo desfazer-se de uma testemunha incômoda, e, aludindo à carta descoberta, suspira:

“il campo è riaperto alle più stravaganti e insolubili complicazioni...”

Ridolfi não se deixa arrastar por estas *fiorituras*, nem tapa os ouvidos, nem o comove o patético *noi*, e responde de maneira que provoca réplicas azêdas. Levou a melhor na controvérsia, pela fôrça irresistível que imprime aos argumentos a eqüanimidade histórica e o apôio da verdade. Julga irracional a atitude do Autor:

“considerare il Vespucci autore di due soli viaggi anzichè di quattro, soltanto perchè le lettere autentiche fino a noi pervenute non parlano se non di due, a me non me pare una buona ragione, anzi neppure una ragione. Siccome quelle lettere trattano del secondo e del terzo, non v'è da far caso setaccione del primo e, a più forte ragione del quarto, un argumentum a silentio non avrebbe qui alcun valore” (40).

Com atilados conceitos chega a esta conclusão:

“Dopo ciò non è più possibile mettere in dubbio questa prima navigazione senza ammettere che il Vespucci abbia spudoratamente mentito”.

E como tal suposição lhe é insuportável, infere que, com sua popularidade e suas relações no ambiente científico, e no mundo oficial de então, era inadmissível que um estranho, ou vários estranhos, como quer o Autor, tivessem inventado cartas, vivendo Vespúcio, sem que êste delas tivesse conhecimento. Concorda Ridolfi com Revelli, e a *Fragmentaria* os apôia, provando que o flo-

(40). — *Ancora sopra la lettera dell Vespucci nuovamente venuta in luce*. Florença, 1938.

rentino estava atento aos acontecimentos da sua época, e era sensível ao que dêle se dissesse. Se tinha o trabalho de desmentir, ponto por ponto, o que não passava de malquerença de invejosos, em casa própria, quanto mais teria clamado, em se tratando da impostura de espalhar pelo mundo relatos de viagens que não houvesse feito, e de cartas que não houvesse escrito?

Mundus Novus, a *Lettera* e a *Cosmographia Introductio* foram, seguramente, os primeiros acontecimentos de importância editorial desde a impressão da Bíblia. E' insensato, portanto, imaginar que cartógrafos de tôda nacionalidade, sábios, geógrafos, editôres e livreiros, como os de Florença, Saint Dié, Estrasburgo, Veneza e Paris aceitassem, sem maior exame, uma noção tão revolucionária como a do novo mundo, sem exigir garantias. Daí, como temos visto, as consultas e os pedidos de informações; o interesse de verificar a pureza das fontes era vital para todos.

Achamos na *Fragmentaria*, como em anteriores de Vespúcio, com as quais concorda, seu fervor pela cosmografia, idênticas ilusões e crenças, sua observação sagaz dos naturais, o idealismo com que sacrificava suas horas ao estudo do céu, sua alegria pelas novidades descobertas, e mesma dignidade de estilo, e o incansável prazer de servir aos homens. Demais, irritado com os florentinos cujas discrepâncias lhe transmite seu amigo ou parente, deixa, por primeira vez, rédea solta à sua veia sarcástica. Das aclarações se deduz que algumas das suas teorias e notícias pareceram inconciliáveis em Florença com o já sabido, contraditórias entre si, ou errôneas. Analisando cuidadosamente o conteúdo dessa carta, comprova-se que ela ratifica ponto por ponto e amplia os temas cosmográficos e de astronomia abordados por êle em *Mundus Novus* e na carta de Lisboa. São os mesmos juizes, os mesmos conhecimentos, e é o mesmo cérebro. Engendrar o recurso de que um delinqüente sem interesse, razão ou necessidade, houvesse simulado essa réplica tão claramente vespuciana, com a idéia de que essa estúpida invenção o salvaria da justiça, é como livrar-se alguém do fogo atirando-se de um quinto andar.

Não há dúvida de que o Autor cria, de boa fé, em sua missão apostólica. Abrir para Vespúcio um lugar menor na história, porém mais abrigado, por meio de abdições magnânimas, não lhe parecia de forma alguma repreensível. Ridolfi dizia de Vespúcio, ao publicar a *Fragmentaria*:

“la nostra lettera inedita gli restituisce ora un'ampia parte di fatiche e di gloria che gli si era voluto negare”.

E o Autor replica de passagem:

“Ma lo scopo mio, nel negare il 1° nochè il 4° viaggio, era precisamente di conservare al V. quella gloria che gli veniva contrastada da codesti supposti viaggi”.

Scopo não é “prova”, e sim propósito pessoal. As duas viagens vêm assim a equiparar-se, por confissão pessoal, a duas verugas que se queimam para garantir ao paciente uma glória mais segura. Poder-se-ia pensar que êsse sacrifício de *Mundus Novus* e da *Lettera*, além da tradução latina e de duas viagens, receberia a aprovação dos adversários, em cujo favor era feito; mas as claudicações soem custar mais do que rendem. O mundo ocidental conheceu, em nosso tempo, a cruel lição de Munique. Um ano após terem os aliados entregue os sudetos a Hitler, com a esperança de adquirir a paz, perdiam os checos sua independência, os eslovacos viam-se forçados a render-se, Memel era ocupada, a Polônia era invadida, e a guerra se desencadeava.

A lembrança — que julgamos sem precedente — de neutralizar a animosidade dos inimigos de Vespúcio por meio de holocaustos, como se o problema pertencesse exclusivamente à Itália e Portugal e pudesse resolver-se com um entendimento direto, deu um resultado irônico. Não deixa de ser engraçado vermos o português Duarte Leite repelir, contra a tese do italiano Magnaghi, a pretensa invalidez de viagens e cartas do florentino Vespúcio. Ao lusitano, cujas constantes tergiversações históricas discutimos em *Am. l. b. II.* (Vol. I, pág. 161-181) deve ter lisonjeado o silêncio mais que conciliatório do Autor, no seu livro, diante dos iníquos ataques dirigidos por êle, na *História da Colonização do Brasil*, contra Vespúcio. Além disso, pode ter-lhe agradado a supressão de viagens, mas retribui a generosidade recebida sem manifestar nenhum reconhecimento. Concorda em que as cartas contêm interpolações e erros, sem que por isso seja plausível descartá-las, como quer o Autor, pois: “como neles encontro coisas que faltam naqueles de que se inspiram, é forçoso admitir que houve recurso a outras informações e estas só podem ter provido de Vespúcio”. Duvida, pois, que “o distinto professor de geografia em Palermo”, apesar de revelar “notável engenho e saber na defesa de suas idéias originais... as consiga impor”.

E’ a primeira aspensão de vinagre. Não se fia do itinerário da primeira viagem descrito como o lê na *Lettera*, mas não crê na licitude de eliminar esta ou a quarta, pois para admitir tão drásticas supressões “não bastam as inverossimilhanças da *Lettera* nem a ausência de qualquer testemunho adicional”. Neste ponto pensa como Ridolfi. Ademais, o Autor lhe fornece armas. Havia causado surpresa a êste o reconhecimento da fidelidade de Vespúcio, expresso na *Cédula Real* em que se lhe outorgara a nacionalidade castelhana, e deduziu que o florentino foi, na esquadra portuguesa, um observador por conta do Rei da Espanha. Esta suposição tão forçada é envenenada por Duarte Leite com uma troca de palavras:

“encobertamente persistia na fé dada a seu vizinho e rival, falando claro era espião” (*D. do B.*, pág. 164).

Não é esta a única idéia transmitida. Ninguém havia tachado de falsidade a viagem de Giocondo a Sevilha antes que o fizesse o Autor, empenhado em eliminar a *Lettera*, que relata êsse episódio. Repete-o Duarte Leite com fervor de acólito. Para êle, é ouro sôbre azul que as novas conclusões do Autor desconjuntem as de Varnhagen e Vignaud, que eram favoráveis ao florentino, porque assim se diminui a grandeza de Vespúcio. Isso sim, tem para êle sabor de mel.

Era, sem dúvida, a primeira vez que um historiador português, ao tratar de Vespúcio, se aproximava dum colega italiano; isto, porém, não passava de aparência. Confia o Autor na latitude de 6° S. como ponto de arribada da viagem de Hojeda de 1499, assim como na de 50° S. para a última escala de 1502; então volta Duarte Leite à sua arrogância, e referindo-se ao Autor exclama: “nestes pontos está tão atrasado quanto Varnhagen”!

Em suma, tirou vantagem de tôdas as armas que o Autor lhe deu, e retribuiu os sacrifícios com êstes insultos, que provam ter sido em vão o seu “Munique”:

“esta fátua personagem não passa de noveleiro mentiroso, astrônomo improvisado, navegador como os havia em barda, cosmógrafo que repetia conceitos de outrém, falso descobridor que se apropriou de glórias alheias” (*D. do B.*, pág. 193).

Se a estas invectivas se acrescenta a de “espião”, forçoso é reconhecer, só com êste caso isolado (e há mais), a aberração do custoso apaziguamento projetado, e a ingenuidade de crer que fanáticos nacionalistas, atentos apenas a enaltecer o que é dêles, se deixem abrandar.

*

Não era possível que Magnaghi, com seus arbitrários expedientes, desfizesse e refizesse a história de Vespúcio com probabilidade de duração. A verdade furta-se a prisões e remove as mais perfeitas mordanças. Já o vimos: os postigos e remendos denunciados não resistiram à análise. Êle percebeu com justeza que as grandes glórias induzem ao ódio os invejosos, e a acumular fel em seus juízos; elas, porém, conseguem impor-se, vencendo os efeitos penosos derivados da sua própria grandeza. Se o processo sugerido desse resultado, apareceriam amanhã famas como as de Alexandre, César ou Napoleão, reduzidas ao mínimo para inspirar sentimentos conciliatórios a antigos rivais, diplomáticamente apaziguados. Muito mais perderia a história com essa afabilidade farisáica, do que com a sinceridade dos rancores, herdados em passadas contendas.

O pecado de Magnaghi foi separar Vespúcio da realidade, e fazer dêle o personagem central de uma quimera. Elaborou para

êle uma lei que estabeleceu, aprovou e promulgou de moto próprio, inteiramente à maneira de um tetrarca. Com essa *operazione non ancora immaginata* deixava algumas verdades, desarraigava outras e acrescia plásticos. A receita era estricta: tinha de ser isso e nada mais; regime de sacrifícios, destinado a estabilizar, no futuro, a hierarquia universal de um compatriota. Procedeu cândidamente, como se fôra feudo seu, e Florença a herdeira. E' outro equívoco. Que são, então, Espanha, Portugal e América? Entidades simbólicas, como o reino de Neptuno, ou o Paraíso terreal? Se Vespúcio nasceu em Florença, dando a essa ilustríssima cidade direitos de autor, não é menos certo que sua ação descobridora se desenrolou em naus de Espanha e Portugal; que as verdades novas com as quais ganhou sua fama, foram por êle pensadas diante da costa, sob o céu de América, e que exercitou seu saber de nauta e de cartógrafo em Sevilha, sede do seu lar "hispanizado" por "sua" vontade e pela do Rei. Foram, pois, quatro as forças do seu destino, e nenhuma delas pode arrogar-se direitos de exclusividade.

A arrogância com que o Autor inverteu posições representa uma injustiça para com as duas potências que tomaram a seu cargo as iniciativas da conquista de ultramar, e levaram a bom pôrto essa formidável emprêsa, completando mais tarde "suas" viagens com uma organização colonial de magnitude sem precedente. O *mezzo* do crítico, que consiste em repudiar, para benefício do florentino, três cartas dêle, amplia-se com a caprichosa supressão de uma viagem de Espanha e outra de Portugal, eliminadas calmamente como se se tratasse de cruzeiros privados do nauta. Predeterminar essas conclusões, sem provas, à margem da história, e em seguida apresentá-las como premissas; ou começar com modestas suposições para alterá-las, e logo pontificar com elas, como se fôsem bulas, é dialética dessa qualidade perniciosa, tão bem diagnosticada por Hegel e Goethe na conversa recordada.

Quanto à América, sujeito passivo da descoberta, acontece que é hoje, após os séculos transcorridos, a única dona da história integral do continente. Dar-lhe o caráter de cera maleável, capaz ainda de adaptar-se à forma e à envergadura que qualquer imaginário pretenda dar-lhe, é desconhecer a realidade do presente, depois de ter desprezado a do passado. Quer a verdade, seja qual fôr.

Triste serviço prestou Magnaghi à história e a Vespúcio, ao engarrafar a estrada que leva ao seu conhecimento. O tempo dirá se, com êstes reparos destinados a demolir as obstruções, conseguimos facilitar o trânsito.

Recapitulando a posição do florentino, neste 500º ano do seu nascimento, ela parece ser a seguinte:

1.º — Graças aos escritos de Humboldt (1836), seguidos dos de Varnhagen contra Santarém, e os de Harris, Uzielli, Fiske,

Vignaud e outros, ficaram desfeitos juízos errôneos de Muñoz e Navarrete, e repelidos os ataques da Markham, Irving e alguns diletantes, apegados às insinuações de Las Casas quanto ao caráter de Vespúcio. Essa controvérsia pôs fim à injusta questão da sua competição com Colombo, relativa à origem do nome da América, admitindo-se que o fato foi obra do acaso, e não por sua vontade.

2.º — Varnhagen (1854-1858-1865-1869) acreditou que as três cartas manuscritas eram falsas, e infelizmente HARRISSE (1866-1892), FISKE (1892), HUGUES (1892) e VIGNAUD (1917) aderiram a essa idéia, resultante de uma errônea leitura paleográfica dos documentos. Estes críticos, assim como d'AVEZAC (1857), tinham fé nas quatro viagens, e se ajustaram às descrições de *Mundus Novus* ou da *Lettera*. Varnhagen interpretou a primeira como uma exploração costeira que teria descoberto o hemisfério boreal até o norte da Flórida desde 16º N. e deu a essa solução um reduzido apóio cartográfico. HARRISSE, FISKE e VIGNAUD repetiram êsse itinerário, variando em pormenores. Para todos êles, o norte do Brasil foi descoberto na viagem Hojeda-Vespúcio (1499-1500), e em outras sucessivas (1500) de pilotos da Espanha. Os quatro críticos adotaram para a terceira viagem, além de certas indicações náuticas e as novas revelações de continentalidade da *Mundus Novus*, o itinerário da *Lettera*, isto é, lançaram a armada desde 32º S., por SSE, até o oceano em 52º, ou pela Geórgia do Sul. Nas descrições da 2a. e da 4a. viagens, utilizaram a mesma carta.

3.º — O livro de DUARTE LEITE e MALHEIRO DIAS (1923) tinha por objetivo demolir o trabalho dos críticos anteriores, combater os juízos favoráveis a Vespúcio, deprimir a ciência náutica da Espanha, ridicularizar o saber de Colombo e Vespúcio, e enaltecer por tôdas as maneiras o lusitano. Repeliram o percurso da primeira viagem, aceito por seus predecessores, e alteraram radicalmente os rumos da segunda, para que os pilotos de Espanha não fôsem descobridores do Brasil e deixassem a prioridade a Cabral. Assumiram, em tudo, atitude contrária, emaranhando os fatos e modificando as datas dos mapas sincrônicos, para fugir à sua concordância com as viagens. Detiveram o curso da 3a. viagem de Vespúcio a 23º, afastando-se arbitrariamente de todos os antecedentes conhecidos, existentes em cartas, mapas e crônicas, e descreveram a quarta, negando a verossimilhança do naufrágio da capitânea por choque contra um baixio. Quanto às cartas de Vespúcio, se só as usaram para agredir com dureza seu conteúdo e negar a sinceridade e a ciência náutica do florentino, não as repudiaram.

4.º — MAGNAGHI (1924) silenciou a obra dos seus antecessores imediatos, e deixou sem refutação as falsidades históricas e as

acusações concretas dêles contra Vespúcio; sugeriu que as três cartas manuscritas eram autênticas, e que as duas impressas eram obra de um falsário, ou de vários falsários desejosos de provar que Florença possuía, como Gênova, um filho nauta que tinha realizado quatro grandes viagens de descoberta em o Novo Mundo. Não somente reduziu a três as cartas utilizáveis, mas ainda, para predispor ainda mais os críticos lusitanos a cessarem seus ataques contra Vespúcio, usou farta dialética para alegar que a primeira e a quarta viagens foram inventadas. Fracassou em todos os seus desígnios, por carecer de fundamentos e de provas.

Como Quintela (1836) e Groussac (1910), pensou que Vespúcio havia seguido, na 3a. viagem, acompanhando de longe a costa, por SSO, até 50° de latitude. Sustentou, todavia, que passou diante das águas do Prata, e ao verificar a presença de água doce, deduziu que não podia ser o estreito procurado, e passou de largo. Considerando falsa a *Mundus Novus*, atribuiu à exploração com Hojeda (1499) os princípios de continentalidade que só se podem ler nessa carta, e que só nasceram em sua mente (1501-1502) ao tomar parte na terceira viagem. Tampouco utilizou, na sua interpretação dêsse périplo austral, mapas suficientes para apreciar com justeza o sentido de Pináculo Detentio, Rio Jordão, Santo Antônio, Cananor e Cananéia; confundiu êsses topônimos, e embora tenha dado à viagem o rumo exato, não percebeu que Vespúcio tinha sido o primeiro explorador e padrinho do Rio Jordão (Rio da Prata), e que escalou na Patagônia, dando a um rio, aos 46° 30', o nome de Cananor, como o comprova de modo incontrovertível a cartografia (1502-1590).

Essa tese, apesar do seu caráter arbitrário, dava a impressão de representar um juízo equânime, pelos sacrifícios consentidos, e por essa razão, provavelmente, conquistou aderentes. Frederico Pohl, de Nova York, nela apoia essencialmente o seu livro e o Professor Marcondes de Souza, erudito historiador brasileiro, seguiu-lhe também as pegadas, no livro que depois publicou em São Paulo.

5.º — Em 1931 Duarte Leite publica outro livro, no qual persiste nos ataques anteriores contra os pilotos espanhóis, suas viagens e as de Vespúcio. Apesar de Magnaghi ter prescindido da sua obra anterior, êle, sim, critica a tese do professor de Palermo, repelindo a supressão da 1a. e da 4a. viagem, e descartando a possibilidade de que *Mundus Novus* e a *Lettera* fôssem apócrifas.

6.º — Em 1937 o Professor Marquês Ridolfi descobre e publica uma carta inédita de Vespúcio, de fins de 1502, ou de 1503, que, por suas concordâncias com as demais, reafirma a realização das quatro viagens, e corrobora o conteúdo relativo à terceira, com pormenores similares aos de *Mundus Novus* e a *Lettera*. Os protestos de Magnaghi contra a validade, o conteúdo e a inopor-

tunidade da carta, são demolidos nesse mesmo ano de 1937, pelo seu descobridor.

7.^o — Em 1948, *América la bien llamada* apresenta um novo estudo das cartas e das viagens de Vespúcio, sustentando, contra o grupo Varnhagen, que as três manuscritas, a julgar pelos autógrafos, são autênticas, e, contra Magnaghi, que os quatro périplos foram realizados, e que *Mundus Novus*, a *Lettera* e *Quattuor Navigationes* são fidedignas, assim como a *Fragmentaria*. Usando intensamente a cartografia, aumenta os indícios que apoiam a tese do grupo Varnhagen acêrca do percurso da primeira viagem; analisando os topônimos que varrem os disparates de Duarte Leite acêrca dos descobrimentos do Brasil norte por pilotos de Espanha, particularmente os de Vespúcio e Pinzón de 1499 e 1500, anteriores a Cabral. Já reconheceram essa precedência, entre outros, os ilustres historiadores brasileiros Varnhagen, Caetano da Silva, Capistrano de Abreu, Rio Branco e Marcondes de Souza.

Graças a um extenso estudo da nomenclatura dos mapas do século XVI, consegue provar depois, com os topônimos *Jordão* e *Cananor*, que o Rio da Prata e a Patagônia foram descobertos desde 1502 por uma expedição que só podia ser a de Vespúcio, e cuja rota coincide com a carta de Lisboa de 1502 e *Mundus Novus*. O *Nuevo Mundo*, publicado em 1951, estuda a letra e as cartas do florentino, assinala as concordâncias entre elas e os mapas, e formula apreciações tendentes a esclarecer cada uma das quatro viagens.

*

De todos êsses trabalhos se depreende que a hierarquia de Vespúcio se tem elevado com o tempo, o que está certo, pois tanto suas viagens quanto suas cartas, a prioridade de suas idéias geniais, seus grandiosos descobrimentos e seu influxo na cartografia, são serviços imensos prestados à humanidade, e verdades que, após longos debates, acabaram por formar o conteúdo ideal, já irredutível, da sua glória.

ROBERTO LEVILLIER